ÓRGÃO CENTRAL PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Director António Dias Lourenço

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Ano 45 - Série VII - Nº 97 8 de Janeiro de 1976

Preço: 4\$00 Angola e Moçambique: 9\$50

SEMANÁRIO

Propriedade do Partido Comunista Português * Red. / Adm. - Av. Santos Dumont, 57 - 3.º - Tels. 76 97 05 - Telex - 13411-Composição e Impressão - Heska Portuguesa * Distribuição - CDL, R. Pedro Nunes, 9-A Telef. 76 97 44 - 76 97 51

Editorial

SERENIDADE E FIRMEZA PARA DEFENDER A REVOLUÇÃO

O PCP tem numerosas vezes chamado a atenção para o carácter generalizado da crise em que o País se debate. Crise política, económica, social e ideológica.

Para a defesa da nossa jovem democracia e das suas conquistas fundamentais importa que a uma consideração global da crise correspondam soluções globais que permitam superá-la no prazo mais breve possível e com o mínimo sofrimento possível para as camadas mais amplas do nosso povo, em primeiro lugar para as classes trabalhadoras da cidade e do campo.

Uma solução global não significa, para o PCP, a concepção idealista de que tudo se vai resolver ao mesmo tempo, depressa e sem sobressaltos. Não significa, também, que pretenda impor aos outros as suas soluções, o seu programa, as suas ideias.

Isto quer dizer que a solução global da crise tem de ter em conta o seu carácter diverso e por outro lado têm de resultar do diálogo e de um largo entendimento entre todas as forças interessadas em defender a revolução e as suas conquistas.

Depois dos acontecimentos de Novembro último a correlação de forças alterou-se, as estruturas do poder sofreram modificações significativas, a crise complicou-se ainda mais.

As razões que antes de Novembro militavam a favor de uma solução política, negociada, uma solução que exclua o confronto violento, tornaram-se agora mais imperativas.

Todos aqueles que independentemente das suas diferentes concepções acerca do Socialismo e dos ritmos da revolução têm uma clara noção dos perigos reais que ameaçam a democracia portuguesa podem e devem entender-se para a defesa das suas conquistas essenciais e para a busca de uma solução política, negociada, não violenta, para a crise.

O político, o económico, o social, o ideológico são aspectos diversos mas interpenetram-se, não são compartimentos estanques, na conside-

(Continua na pág. 2)



No grande comício do PCP, em Peniche, o nosso camarada Álvaro Cunhal analisou os aspectos mais relevantes da realidade nacional e pôs em destaque as posições a defender para a salvaguarda do proceso democrático na via do Socialismo.



Defender a Reforma Agrária e isolar definitivamente os que a atacam, pois estes poucos são e a situação democrática não os admite, antes os rejeita, por causa das suas atitudes irremediavelmente reaccionárias e antinacionais, é o nó central da questão agrária, o objectivo que a força da unidade, bem demonstrada na reunião de camponeses em Beja, opõe com decisão aos esforços do «Secretariado de Rio Maior» que viu, em Santiago do Cacém, como os pequenos e médios agricultores se levantaram contra os latifundiários numa grande jornada popular de afirmação da aliança operário-camponesa.

Os grandes proprietários e parasitas não voltarão à posse dos privilégios que sustentavam o fascismo.

Pág. 12



- Militão Ribeiro morreu há 26 anos Pág. 3
- A UEC analisa a situação do ensino Pág. 8
- Grandes vitórias do Povo angolano Pág. 9
- Solidariedade com Portugal
- Plenário da Intersindical Pág. 5
- Cooperação económica luso-romena Pág. 10
- Trabalhadores contra as medidas económicas antipopulares - Pág. 5

Comité Central do Partido Comunista Português apreciou as instruções sobre matéria eleitoral da reunião do Conselho de Ministros de 23.12.75, designada-mente, a recomendação de que as eleições para a Assembleia Legislativa devem ter lugar até 25 de Abril de 1976 e a decisão de actualizar o recenseamento efectuado para a Assembleia Constituinte, em vez de realizar um novo recenseamento

O PCP pronuncia-se, sem equivocos, por um regime democrático escolhido pelo próprio povo, é a favor da institucionalização dos órgãos representativos do Estado democrático, e defende. consequentemente, a eleição tão pronta quanto possível, de uma Assembleia dos Deputados que desempenhe o fundamental da competência legislativa e discuta, controle e fiscalize os actos do

Mas o PCP sublinha, uma vez mais, que a primeira condição para que as elei-

nia sejam livres, genuinas e honestas, é a garantia das liberdades democráticas e do exercício do direito dos cidadãos em todo o território nacional. Ninguém ignora que esta condição não se encontra preenchida em vastas regiões do país.

O PCP não pode deixar de estranhar que o governo decida, em princípio, convocar eleições gerais dentro de poucos meses e disponha acerca dos seus trabalhos preparatórios, como a actualização do recenseamento, sem fazer a mais ligeira referência a situações antidemocrátias, reinantes em vastas zonas, que impedem de direito ou de facto, o exercício da actividade do PCP e de outros partidos democráticos.

2. Em face desta omissão o PCP considera necessário chamar firmemente a atenção, uma vez mais, para a situação existentes nos Acores onde por ordem das autoridades militares locais foram suspensas as actividades e encerrados os

PCP e de outros partidos democráticos e obrigados, pela força, a partir para o Continente os mais destacados militantes comunistas e outros destacados antifascistas.

O PCP não pode deixar de sublinhar a gravidade das situações de coacção e violência reaccionária existentes, também, na Madeira, em distritos como Vi-Guarda, Bragança, Braga, Leiria e outras regiões do país onde a actividade política das organizações de esquerda está praticamente impedida sem que as autoridades civis e militares intervenham para modificar a situação

O PCP reclama do governo e das autoridades medidas urgentes que revoguem a situação antidemocrática estabelecida nos Açores e em todas as regiões onde as liberdades foram de facto suprimidas. Se estas medidas não são rapidamente adoptadas não haverá eleições livres e nem sequer a garantia de uma

actualização honesta do recenseamento

3. Ao optar pela actualização do recenseamento elaborado para a eleição da Assembleia Constituinte, tem o governo a intenção de acelerar as eleições para a

Assembleia Legislativa. Esta decisão, que envolve centenas de milhares de novos eleitores, comporta, porém, na opinião dos próprios técnicos do MAI, a possibilidade, dificilmente evitável, de permitir «grosseiras fraudes e duplicações».

A par das medidas para garantir as condições de liberdade, o exercício dos direitos dos cidadãos, a tranquilidade e a confiança pública, a realização de uma actualização honesta do recenseamento, primeiro acto das próximas eleições para a Legislativa, exige firmes disposições que assegurem, sem qualquer coacção, uma eficaz fiscalização por parte de todos os partidos políticos e dos cidadãos em geral

4. Ao contrário do que afirmam as calúnias da reacção e dos partidos de direita, o PCP não teme as eleições. Tem confiança no povo português, respeita e respeitará, em cada caso, a expressão da sua vontade.

Ponha-se fim à coacção e às actividades terroristas das forças reaccionárias naquelas regiões onde nunca perderam ou já recuperaram a possibilidade de oprimir o povo trabalhador das cidades e dos campos, garantam-se as liberdades democráticas em todo o país e o voto popular confirmará certamente que muito amplas massas reconhecem no PCP o seu melhor defensor, o melhor defensor das liberdades e das outras conquistas da revolução, o grande partido de esquerda, o partido mais firme, dedicado e consequente na construção do novo Portugal democrático a caminho do socialismo. 6 de Janeiro de 1976

A Comissão Política do Comité Central do Partido Comunista Português



DELEGAÇÃO SOVIÉTICA ESTUDA EM PORTUGAL RELAÇÕES ECONÓMICAS

Uma delegação económica soviética, chefiada pelo vice-ministro do Comércio Externo da União Soviética, deslocou-se ao nosso país a fim de estudar a concretização de relações económicas mais intensas, tendo em vista, sobretudo, a aquisição, por parte da URSS, de produtos portugueses. — Pag. 9



Organizada pelas Edições «Avante!», pela UEC e UJC, a grande Festa de Fim-de-Ano, no Pavilhão da FIL, em Lisboa, foi, no meio da alegria de milhares de pessoas, mais uma prova da unidade e da força do nosso Partido que em todas as ocasiões se manifestam. — Pag. 3.

2 • 8/1/76 **Nante!**

5 perguntas e 5 respostas sobre sectarismo (I)

O que é o sectarismo?

Uma forma útil de cometa é muito simplesmente recorrermos a um dicionário! Assim, verificaremos que sectarismo significa espírito mortais. partidarismo. Prosseguindo a investigação, encontraremos que doutrina política, religiosa ou filosófica, partidário apaixonado, intransigente, faccioso.

Se nos debruçarmos seguidamente sobre o signifi- condição superior a outros cado da palavra seita verifi- que a ela não pertencem, caremos que ela corresponde à ideia de um grupo de pessoas que segue uma «admissão» na «seita» redeterminada doutrina religiosa ou política e conforme afirma ainda o dicionário, de uma forma geral diversa da stituição destes grupos de-

seita que temos de nos deuma perspectiva política, a meio. que é que efectivamente corresponde o sectarismo.

Independentemente de constituir um grupo de pes- seitas propriamente ditas, soas ligado por uma qualquer comunhão ideológica nidades mais complexas, (política, religiosa, etc.) o como as políticas ou relitermo seita define imediatamente um determinado tipo de comportamento: a seita constitui característica da é efectivamente um grupo seita que é a seita em si de pessoas identificado entre si, mas virado para mais do que a afinidade dentro do próprio grupo. Os ideológica que teoricamen-

das pessoas que os rodeiam mas não pertencem çar já a responder à pergun- à seita; o facto de nela estarem integrados concede-lhes uma superioridade que os afasta dos restantes

nas brincadeiras de crianças, na constituição de sectário significa relativo a «seitas», viradas ou para a seita, aquele que professa simples brincadeira ou por as opiniões de uma seita ou vezes até para uma vida de grupo extremamente isolada e quase aritocrática: os jovens elementos da «seita» consideram-se por esse simples facto numa brincam em conjunto afastando-se dos restantes e a presenta até, digamos, uma certa promoção.

Frequentemente, a conve-se a uma existência num É em torno deste ideia de meio hostil e a sua principal razão de ser é uma espécie ter um pouco para com- de conjugação de esforços preendermos, agora já de para a defesa face a tal

Este factor é tão verdadeiro para as «seitas» infantis e juvenis, como para as cimentadas na base de afigiosas.

Note-se contudo que própria que é importante,

consideram-se separados grande maioria das seitas a direito de participar. admissão de novos membros é rodeada de uma interminavel série de cerimónias que, no fundo, a mais não correspondem do que, por um lado, ao «retrato» das dificuldades que é ne-Atente-se por exemplo cessário ultrapassar para entrar para o grupo e, por outro, à criação de um ambiente, de uma ideia de escolha, de eleição que passa a separar o «iniciado» do resto dos mortais que não foram considerados pelos restantes elementos da seita dignos de a ela pertencerem.

Lembremo-nos, por exemplo, dos complicados rituais maçónicos e carbonários, do s rituais de seitas desrespeitado pela exploreligiosas ligadas às mais variadas civilizações, etc.

No seu funcionamento normal, a seita continua a viver muito mais virada para dentro do que para fora. Os membros da seita são solicitados frequentemente para uma série de actividades que no essencial não visam outra coisa senão justificar a própria existência da seita, perpetuar o sentimento de superioridade e eventualmente de segurà seita. Desde as maçonarias até às seitas religiosas, as reuniões dos adeptos acabam por obedecer a um ritual estrito que para mais nada serve se não para dar um objectivo à seita e para garantir aos seus aderentes a certeza de participarem

Se utilizarmos uma análise mais profunda, de uma perspectiva social e económica, das razões do aparecimento de seitas, verificaremos que elas correspondem de uma forma geral a situações sociais desfavoráveis aos homens, que sentem assim necessidade de defender ou, pelo menos, de manifestarem a sua discordância relativamente ao meio que os rodeia. Sabe-se por exemplo

como nas sociedades capitalistas desenvolvidas (nomeadamente nos Estados Unidos), ferozmente competitivas e onde o homem em geral é completamente ração e pela repressão surgem verdadeiras seitas de jovens, que através de uma vida interna da seita tentam afastar-se de um meio que lhes é hostil. Essas seitas fecham-se sobre si próprias, constroem os mais variados rituais que

podem ir do culto puro e simples da violência até ao da motocicleta, mas no essencial garantem aos seus aderentes uma vida de certa forma separada da ança que provoca a adesão vida social que lhes desaao mesmo tempo a protecção do grupo.

mo europeu.

De uma perspectiva políacção das seitas é a completa impossibilidade por elas manifestada de poderem alterar o meio social hostil que está na sua origem. Na verdade, a constituição da seita, o seu fechar sobre si própria conduz ao isolamento dos seus membros, enquanto as razões que determinaram a necessidade do seu agrupamento continuam a existir e a desenvolver-se. A seita acaba por ser uma espécie de ilha social no seio de uma sociedade que os membros da seita recusam, enquanto periodicamente «emigram» para a sua ilha onde se entregam a um ritual onde tentam construir uma «sociedadezinha» que só a eles pertence

A própria existência da da seita se terem «separapor criar aos seus membros um sentimento de superioridade, de «eleitos» que mais ainda os afasta das pessoas que os rodeiam e que estão sujeitos ao mesmo tipo de problemas.

E aliás importante verifigrada, proporcionando-lhes car que se por qualquer motivo os elementos da seita são forçados a contac-Nas situações de desa- tar com as pessoas que os gregação económica e so- rodeiam na mesma sociecial das sociedades igual- dade, o recurso à violência mente se assiste sempre ao é muito frequente. O que é surgimento de seitas e re- absolutamente lógico. As cordemos por exemplo o contradições e os problemembros da seita, pelo te lhe dá razão de ser. É por em qualquer coisa em que final da Idade Média ou as mas que estão na origem da

como atingem outras pessoas que a ela não pertentica e humana, a primeira cem: contudo, os seus elecoisa que salta à vista na mentos dispõem psicologicamente de um sentimento de superioridade, por vezes real, dada a organização do agrupamento e a alienação que os seus rituais próprios constroem. Assim, se outras pessoas não pertencentes à seita colocam problemas aos seus elementos (mesmo que sejam comuns a todos) a tendência dos «sectários» é a de recorrerem à sua superioridade. que lhes concede o «direito» e a possibilidade de agirem violentamente. O individuo que não pertence à seita é «desprezível», não tem nem de ser convencido, nem ajudado, nem apoiado:

tem de ser desprezado se

não incomodar, aniquilado

O facto de os elementos

se incomodar.

seita, a adesão a ela acaba do» desse meio social hostil, de terem criado uma série de rituais e de ideias que lhes permitem a fuga aos reais problemas, conduz em linha recta a uma monstruosa confusão relativamente a quantos os rodeiam. Mais próximos que estão socialmente (porque habitam em conjunto, porque trabalham em conjunto, porque estão fisicamente próximos) de outras pessoas sujeitas aos mesmos problemas, mas tendo criado uma série de fugas para eles, os «sectários» tendem a esquecer não só facto de a ela pertencerem, exemplo sabido que na os não iniciados não têm o convulsões nas sociedades constituição da seita não só esses problemas em con-

sponsáveis. A fuga que a seita proporciona e a sua actividade fechada provocam directamente um sentimento de desprezo por individuos que, estando sujeitos ás mesmas condições, não são eleitos, não são iniciados. É evidente que o membro da seita é tão explorado, tão oprimido, tão afectado como qualquer outro individuo do mesmo agrupamento social, mas a seita desempenha aqui um papel divisionista importante que é o de atribuir ao métodos de trabalho que facto de a ela pertencer um caracterizam as seitas significado, sem qualquer expressão real, de independência e superioridade.

de expressão real, ou seja, a impossibilidade de a seita resolver os problemas essenciais ou atacar os remina que o «sectário» acaba a trocar tudo e enten- às restantes pessoas; de que o «inimigo» é não o que ele não aceita, mas sim o. seu semelhante que não se «libertou» aderindo à seita - adesão que ele entretanto dificulta!

contradições, o sectário si- a definição das formas stematicamente troca as mais correctas de acção.

colonizadas pelo capitalis- não são resolvidos por ela, creto, como os seus re- realidades, confunde o inimigo e acaba a usar a sua violência contra os seus próprios semelhantes, contra os que se encontram nas mesmas condições que ele. contra os quais o seu desprezo e o seu aristocratismo pode impunemente ou, pelo menos, facilmente manifestar-se.

Passando agora à perspectiva política em concreto, teremos a dizer que o sectarismo é no essencial a aplicação na actividade política de princípios e

No essencial, o secta-É evidente que esta falta rismo em política caracteriza-se por:

- fechar as organizações sobre si próprias;

- um sentimento de sponsáveis por eles deter- superioridade dos seus aderentes relativamente

- uma totalmente inresponsável pela sociedade correcta e extremamente perigosa concepção sobre o papel da violência;

- uma dificuldade de compreensão dos reais motivos e condições da Face a problemas, face a actividade que dificultam

A seguir:

- Como se manifesta politicamente o secta-
- Quais as origens do sectarismo? Quais as consequências e os perigos do
- sectarismo? Como combater o sectarismo?

Editorial

SERENIDADE E FIRMEZA PARA DEFENDER A REVOLUÇÃO

(Continuação da pág. 1)

ração dos pontos críticos da situação nacional

No largo debate entre os que desejam defender as liberdades e as conquistas da revolução uma questão central importa definir: contra quem e a favor de quem se devem orientar as soluções

No reforço do poder político-militar, nos planos e medidas de carácter económico, na repartição dos encargos e dos benefícios, que classes

É à volta desta questão central que importa definir os caminhos. E quanto antes porque a situação não permite delongas.

Para o PCP, partido da classe operária, depois de longo privilégio de uma minoria exploradora sobre a imensa maioria explorada do nosso povo, constituída pelos trabalhadores e pelos pequenos e médios agricultores, comerciantes e industriais, impõe-se uma mudança radical de direcção.

É no interesse das camadas pobres e médias do nosso povo que é preciso fundamentalmente orientar as medidas políticas económicas e sociais do novo Estado democrático português se se quer realmente salvar a revolução e defender o País contra as ameaças do fascismo.

Não se ganha a adesão das amplas camadas do nosso povo privilegiando os interesses de uma minoria exploradora nem haverá demagogia capaz de encobrir a natureza de classe de uma política, nas condições duma grave crise generalizada, se ela não vai ao encontro dos interesses primaciais das classes laboriosas.

O «plano de austeridade», que já levou a um aumento excepcional do custo de vida e a uma ofensiva contra o salário real dos trabalhadores, sem contrapartida no agravamento fiscal dos rendimentos dos grandes possuidores, não é de natureza a garantir uma larga base de apoio popular aos que levam por diante uma tal política.

Como disse Álvaro Cunhal em Peniche, «agora que o PS e o PPD alcançaram a hegemonia no governo e o mando das pastas da economia e das finanças... as condições de vida dos trabalhadores irão piorar rapidamente».

A situação já criada e que irá ainda agravar-se exige da classe operária e de todos os trabalhadores uma firme consciência e unidade e uma resposta adequada no terreno da luta.

E também uma grande vigilância política e de classe.

111

Se uma tal política de classe leva à degradação da situação económica e social dos trabalhadores e não favorece o erguer de uma sólida barreira dos órgãos do poder e das massas populares contra a ameaça do fascismo, um outro factor pode adensar ainda mais os perigos da contra-revolução e favorecer os manejos dos

inimigos da revolução portuguesa. Referimo-nos ao esquerdismo, às tendências aventureiristas, em cujas águas turvas pescam os agentes da contra-revolução.

A defesa da aliança MFA-Povo era e continua

a ser a garantia mais válida de defesa da democracia e da revolução no momento actual.

Depois dos acontecimentos de Novembro, os recentes incidentes de Custóias e Caxias que levaram a trágicos confrontos entre militares e populares puseram em evidência os perigos de uma orientação esquerdista e aventureira que explora num sentido contrário aos interesses da revolução os aspectos emocionais e a exasperação das massas populares.

Não favorece a defesa das nossas conquistas democráticas a criação de situações conducentes a confrontos entre populares e forças militares e militarizadas.

Num momento em que os fascistas e os reaccionários de todos os matizes estão interessados em cavar um fosso entre o povo e as forças armadas, uma actuação sectária e aventureira no seio do movimento popular levaria certeiramente a água aos moinhos da reacção.

Cada vez mais, na hora actual, é imperioso não somente definir com justeza as formas de protesto e de luta das massas populares, determinar com um grande sentido de responsabilidade o uso do direito inalienável de expressão e de manifestação, o uso das liberdades, em suma, como actuar com elevado espírito de disciplina e serenidade nos momentos decisivos.

A infracção a estes requisitos pode levar a sérias derrotas do movimento popular e a graves prejuízos políticos para a revolução portuguesa.

De pouco servirá uma participação bem intencionada em manifestações mal orientadas susceptíveis de degenerar em confrontos violentos pela acção de provocadores ao serviço da reacção.

Mesmo trabalhadores dos mais conscientes, mesmo comunistas, como três dos mortos nos incidentes de Custóias, podem inconscientemente tornar-se joguetes e vítimas dos manejos da reacção.

É fácil aos pescadores de águas turvas da ultra-esquerda, onde se aninham reconhecidos provocadores fascistas, exacerbar portugueses e trabalhadores inconscientes, exasperados por uma injusta situação económica e uma política antioperária, não democrática, e conduzi-los a acções irreflectidas.

O apelo de Álvaro Cunhal em Peniche para que se evitem confrontos com as forças militares e militarizadas justifica-se plenamente. Disse

«Peço que contenham a indignação e que não se precipitem em palavras de ordem, gritos hostis a tal ou a tal força, a tal ou a tal homem, palavras e gestos poderiam não contribuir para vencermos as dificuldades que temos por diante num momento tão complexo e perigoso como aquele que atravessamos.»

Os trabalhadores devem lutar contra sentimentos e posições que levem ao divórcio entre os militares e o povo, devem reforçar os laços com os militares, atraí-los fraternalmente ao seu convívio, interessá-los na defesa das conquistas

Caso contrário, a aliança Povo-MFA — garante do nosso processo democrático - romper-se-ia e conduziria a derrotas de consequências incalculáveis.



«O jornal não é apenas um propagandista e um agitador colectivo, mas também um organizador colectivo. Deste último ponto de vista, pode ser comparado aos andaimes que se levantam em torno de um edifício em construção, que lhe marcam os contornos, facilitam os contactos entre os construtores, ajudam-nos a dividir entre si as tarefas e a aperceberem-se dos resultados globais obtidos pelo trabalho bem organizado»

Lénine



TAREFA REVOLUCIONÁRIA! **ASSINAR O**



TABELA DE ASSINATURAS

CONTINENTE E ILHAS Via normal Via aérea ANGOLA, CABO VERDE, MACAU, MOÇAMBIQUE, S. TOMÉ, TIMOR, GUINÉ-BISSAU 210\$00 290\$00 RESTANTES PAÍSES EUROPEUS 320\$00 <u>|</u> 430\$00 <u>|</u> Via normal Via aérea BRASIL Via normal Via aérea RESTANTES PAÍSES ASSINATURA DE APOIO 200\$00 Envie em cheque/vale de correio, correspondente so preço da assinatura «Editorial Avante!» Av. Santos Dumont, 57-2." LISBOA

CURSO BÁSICO **COMUNISMO** CIENTÍFICO

As Edições «Avante!» vêm apresentar ao público leitor português o primeiro volume do Curso Básico do Comunismo Científico, importante obra de formação teórica e de esclarecimen-

Este Curso reúne e elabora cientificamente as experiências de outros povos na construção do socialismo e do comunismo, e assim demonstra e comprova que as vitórias alcançadas pelos países socialistas são, por um lado, obra e fruto do esforço criador porfiado e inquebrantável da classe operária e das massas trabalhadoras, e por outro o resultado concreto, prático, objectivo, da teoria marxista-leninista, único guia para a acção capaz de levar o proletariado ao futuro que traz nas mãos. E isto permite-nos salientar dois pontos deveras importantes:

1.º Quanto melhor soubermos e compreendermos por que lutamos, e quais os pressupostos e as condições da vitória que não nos escapará, mais decisivos serão os golpes que, com certeza infalível, nós, operários, camponeses e demais trabalhadores deste País, desferiremos contra as forças do passado, da

opressão e da exploração. 2.º O que outros fizeram, nós faremos também. E fá-lo-emos com a nossa energia revolucionária, com a nossa vontade firme, com a nossa iniciativa criadora. E com a ajuda e a solidariedade de quantos o fizeram já, e de todos os outros - os que, por essa Europa fora, por esse mundo fora, ganham alento com o que já

O Curso Básico do Comunismo Científico, ainda que básico, é um livro importante. Informando, forma; esclarecendo, ensina; formando e ensinando, educa, e prepara a prática revolucionária e científica da construção da história. Da história que começou em 1917, no País dos Sovietes, com a Grande Revolução Socialista de Outubro. E o Povo português quer sair da pré-história que é a sociedade de classes antagónicas, da opressão, da exploração capitalista, da guerra imperialista de rapina, do colonialismo e do neocolonialismo, da opulência de uma minoria parasitária, e do trabalho, da miséria, da fome, do analfabetismo, do obscurantismo, da degradação física e moral da imensa maioria da humani-

Colocamos, pois, este Curso nas mãos dos nossos operários industriais e rurais, dos camponeses, de todos os trabalhadores, da nossa juventude. E com certeza de que nada poderá deter-nos na nossa marcha para o socialismo.

Edições «Avante!»



edições avante!

Traduzida directamente do original alemão e cote-jada com a edição inglesa, incluindo numerosas no-tas à tradução portuguesa, esta nossa edição será de grande utilidade a todas as pessoas interessadas no estudo do marxismo e na sua formação política, tanto nas escolas como particularmente.



edições wante!

negra história do fas-cismo, escrito por um dos muitos lutadores anti-fas-cistas que o viveram.



MILITÃO MORREU HÁ 26 ANOS

Militão Bessa Ribeiro não morreu em vão. Saibamos seguir o seu exemplo de dedicação sem limites à causa do nosso Partido e do nosso Povo

ro de 1950, os assassinos Ávaro Cunhal. A sua prisão ao serviço da ditadura fasci- representou um duro golpe sta matavam um grande pa- para o exército do proletatriota, destacado militante riado, mas não vergou a masmorras da ditadura sado Partido Comunista Por- firmeza, o valor combativo e tuguês. Depois de uma a dedicação sem limites dos lenta agonia, provocada pe- comunistas e do seu partido los brutais espancamentos de vanguarda à causa da a que foi sujeito e pelo criminoso regime de isola- pão, pela paz e pela indemento a que foi votado, o pendência. coração do nosso querido camarada Militão Bessa Ribeiro (António) deixou de pulsar. O fascismo perpretava mais um hediondo

A edição do órgão central do nosso Partido dessa altura afirmava, referindo-se ao rude golpe infligido pelo inimigo nas fileiras do partido do proletariado:

«Militão Ribeiro morreu à míngua de tratamento, nas masmorras salazaristas! Nem os espancamentos, nem a longa incomunicabilidade, nem a certeza da morte, por falta de tratamento, puderam fazer vacilar um momento que fosse o operário fiel à sua classe e à grande causa do Comunismo, que desde os seus 15 anos lutava heroicamente em defesa dos trabalhadores! Militão morreu como morrem os bolcheviques: fiel ao proletariado e ao seu Partido! Morreu como morrem os heróis!»

Operário têxtil, membro do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista Português, Militão Bessa Ribeiro foi preso a 25 de Março de 1949, junta-

SESSÃO

DE

ESCLARECIMENTO

Amanhã, sexta-feira, às 21 e 30, no salão da

Voz do Operario, reali-

za-se uma sessão de es-

clarecimento do Partido

Comunista Português.

Estará presente o cama-

rada Carlos Brito, mem-

bro da Comissão Política

do Comite Central do

O PCP

e a Luta

pela

Reforma

Agraria

S

CADERNOS

Colecção: Cadernos do PCP

Código: 03.07

Preço: 40.00

nosso partido.

Há 26 anos, a 3 de Janei- mente com o camarada do povo português. Durante luta do povo português pelo

SERVIR O POVO. MORRER PELO POVO

Militão Bessa Ribeiro dedicou toda a sua vida à causa dos trabalhadores e novamente preso em 1943

longos anos membro da direcção do nosso Partido, várias vezes conheceu as lazarista, onde manteve sempre um porte digno e firme, recusando-se, em qualquer momento, a prestar ao inimigo quaisquer tipo de informações.

Militão foi preso pela primeira vez em 1934 e conheceu praticamente todos os cárceres fascistas. Esteve seis anos preso, 4 dos quais no Campo da Morte Lenta, no Tarrafal. Libertado, foi

e de novo enviado para o Tarrafal, onde permaneceu até 1945.

A carta escrita por Militão, que junto transcrevemos, pouco tempo antes de morrer mas já quando se avizinhava o desenlace fatal, é uma comovente demonstração da dedicação semlimites que este filho querido da classe operária votava ao seu Partido e ao seu

Depois de escrever a longa e lenta agonia a que os torcionários o sujeitaram, e que constitui um violento libelo de acusação ao fa-scismo, Militão Bessa Ribeiro afirma:

«Tenho sofrido o que um ser humano pode sofrer. Mas com todo este sofrimento nunca deixei de ter fé na nossa causa! Sei que venceremos contra todos estes crimes; estou certo que o povo saberá fazer justiça.»

Militão Bessa Ribeiro ofereceu a sua vida á causa do nosso Partido e do nosso Povo. Por eles, encontrou uma morte horrível e cheia de sofrimentos. Mas Militão permanece vivo na memória do Partido e do Povo. Agora, decorridos 26 anos, inclinamos as nossas bandeiras rubras em sua memória e, levantando bem alto o punho cerrado, afirmamos: Militão, querido camarada, não morreste em vão. A causa pela qual deste a vida é a nossa causa. Saberemos honrá-la como tu a honras-tel



NO FIM DE ANO COM O

A grande festa de fim de ano do nosso Partido realizada na FIL e organizada pelas Edições «Avante!», com o apoio da UJC e da UEC, constituíu um enorme êxito

Pavilhão da FIL em Lisboa, foram intensamente vividos por mais de 10 mil pessoas, comunistas e não comunistas, na grande festa de fim-de-ano organizada pelas Edições "Avante!", com a colaboração da UJC e também da UEC. Milhares de vozes, milhares de punhos saudaram o fim de ano de luta entrando em 1976 dispostos a defender a Revolução, a alargar a unidade, a fortalecer o Partido.

Depois dos milhares de presentes terem saudado efusivamente a entrada no Novo Ano, o camarada Álvaro Cunhal, secretário-geral do nosso Partido, subiu ao palco e, entre cinco dezenas de bandeiras vermelhas empunhadas, na sua maior parte, pelos artistas que participavam no espectáculo, saudou os presentes, saudou a classe operária e as massas trabalhadoras, saudou os comunistas e todos os antifascistas

Na sua breve intervenção, o secretário-geral do nosso Partido referiu-se às grandes tarefas que nos aguardam neste novo ano de luta. Ao fundo, um grande pano vermelho tinha inscritas as palavras-de-ordem que todos os comunistas devem fazer suas: Defender a Revolução, Alargar a Unidade, Fortalecer o Partido.

A grande festa de fim de ano, levando à FIL quase quinze mil extraordinária vitalidade do nosso

DEZ MIL PESSOAS...

Pouco passava das 20 horas e já numerosas pessoas se dirigiam passagem de ano em família, isto é, com os seus camaradas comunistas, com os seus camaradas trabalhadores. A música já ressoava pelo enorme pavilhão que, bem depressa, se viu completamente

cheio de gente. No palco, e a partir das 22.30, realizou-se um grande espectáculo de fim de ano. Amadores e profissionais, comunistas e amigos do nosso Partido, durante várias

horas, desfilaram pelo palco. O espectáculo foi apresentado pela camarada Edite Sombreireiro a qual, após ter lido uma saudação de Ano Novo da DORL do PCP apresentou imediatamente um numeroso grupo de jovens cantores amadores, ligados a várias organizações da União da Juventude

Comunista. Depois, um pequeno intervalo foi pretexto para um animado leilão. Objectos oferecidos por numerosos camaradas, alguns quadros e, inclusivamente, objectos de artesanato soviético, oferecidos pela embaixada da URSS no nosso País. Um objectivo: angariar fun-

dos para o PCP Depois do leilão, no palco, Fernando Farinha, o popular fadista que também quis estar presente como dos grandes acontecimentos

...A MEIA-NOITE COM O PCP... "PCP! PCP! PCP!" foi o grito com que os milhares de presentes

enfrentaram o novo ano que já vivemos. Ainda faltavam largos minutos para o findar do ano e já, de inúmeras bocas saía espontaneamente a confiança gritada na vanguarda revolucionária do Povo Português - o PCP.

nesta festa dos comunistas para

toda a gente. Três fados, muitos

aplausos e era a meia-noite que se

aproximava

Por entre gritos de "PCP" e Avante, avante, rumo ao socialis-

dado, o secretário-geral do nosso Partido ainda se manteve no recinto, confraternizando com os presentes durante largas horas

...E ATÉ DE MADRUGADA

O espectáculo recomeçou - se é que alguma vez foi interrompido! Cantou Samuel, actuou o ilusionista Zurk, actuaram os palhaços Pipocas, Larocas e Mimocas (que eram três conhecidos actores de teatro e militantes do Partido Helena Isabel, Henriqueta Maya e

Morais e Castro).

de 1975. Entusiasticamente sau- raram em 1976 com muita alegria mas conscientes do trabalho que

FESTA NA COVA DA PIEDADE

Promovida pela Comissão Pró-Novo Centro de Trabalho do PCP de Almada, realizou-se na Cova da Piedade um convivio de passagem de ano, que decorreu com grande animação.

Após as barulhentas comemorações do nascer do novo ano, usaram da palavra os camaradas Joaquim Gomes, do Secretariado e da omissão Política do Comité Cen-Depois, colectivamente, canta- tral, e Francisco Miguel, do CC do



A festa de Fim-de-Ano do PCP foi, antes de tudo o mais, uma grandiosa manifestação de unidade e de confiança. Na sua intervenção, logo após a meia-noite, o camarada Álvaro Cunhal sublinhou a importância que, face a um novo ano e a novas tarefas, assume o fortalecimento da unidade das forças progressistas e o papel que nele têm de desempenhar os comunistas

mo" passou-se de 1975 para 1976. Firmes nos princípios que defendemos, unidos na acção que nos aguarda, confiantes no futuro so-

ialista que havemos de construir.

À meia-noite em ponto, os altifalantes da FIL transmitiram a "Internacional", logo seguida do "Avante, Camarada". Cantou-se, com firmeza e decisão, estas duas canções-símbolo, ao mesmo tempo que cinquenta bandeiras vermelhas com a foice e o martelo invadiram o palco. Era o grande espectáculo da força criadora dos comunistas, que tão bem se patenteava naqueles instantes.

O camarada Álvaro Cunhal subiu ao palco e falou aos milhares de pessoas das perspectivas que se abrem neste ano de 1976, bem

Tordo, José Jorge Letria e José Barata Moura. E o quarteto "Intróito". Do Adoque, veio-nos um quadro de revista parodiando o Frentea-Frente em que participaram o secretário-geral do nosso Partido e

o dr. Mário Soares.

Finalmente, e após os camaradas da UEC da Faculdade de Letras terem feito um pequeno 'entremêz' cómico, Ary dos Santos, Joaquim Pessoa e Fernando Tordo fecharam o espectáculo, já de madrugada, com uma "cégada"

Mas a festa prosseguiu, sempre animada, com grande alegria, com grande confianca. Prontos para tomarem as suas responsabilidades, como sempre o têm feito, os comunistas acabaram 1975 e ent-

ram Carlos Mendes, Fernando PCP, que apontaram as principais tarefas que se colocam às forças revolucionárias e saudaram os presentes em nome da Direcção

Festa animada, teve o concurso do Núcleo de Canto Livre da Comissão Concelhia de Almada do nosso Partido, de José Viana, Arv dos Santos, Carlos Mendes, José Jorge Letria e Barata Moura.

Em muitos outros locais do país com a presença de milhares de comunistas e amigos do nosso Partido, realizaram-se idênticas festas de fim de ano, todas elas enquadradas no mesmo espírito de sã alegria, de confraternização, de consciência das grandes responsabilidades da hora presente mas também de serena confiança

morte. A carta que este nosso querido camarada escreveu pouco tempo antes de morrer fala mais do que qualquer palavra. Da sua cela sem água e sem luz da Penitenciária de Lisboa chegou-nos a sua última palavra, a sua derradeira prova de dedicação ao partido da classe operária: Escrevo estas linhas nos meus últimos dias de vida... O meu ass começou no Porto com a falta de dieta e medicamentos para o figado. Tive

duas intoxicações nos 46 dias que lá estive; a segunda com febre elevadíssima... O tratamento médico que me aplicaram foi cálcio e vitaminas, com uma série de estupefacientes que me paralisaram a acção do figado e do cérebro... Foi num estado de fraqueza geral que fui transportado para a Penitenciária. Nunca me deram nada para o figado: o sulfato de magnésia só a muito custo me foi dado. Estive 5 dias sem comer, como protesto... Na Penitenciária, o médico deixou de me ver, e não medicou qualquer coisa; até um clister me foi recusado. Fui obrigado, por este motivo, a deixar de comer, como protesto, e assim estive 15 dias, ao fim dos quais já mai conseguia salivar... Passados alguns dias depois de estar na cela da enfermaria da Penitenciária, no mesmo isolamento, deixei completamente de comer.

AS ÚLTIMAS PALAVRAS DE MILITÃO:

"AVANTE ATÉ À VITÓRIA FINAL!"

L'entamente assassinado pelos inimigos do povo português, Militão Bessa

Ribelro não abandonou o seu partido nem na dolorosa agonia que precedeu a sua

Tenho sofrido o que um ser humano pode sofrer. Mas com todo este sofrimento nunca deixei de ter fé na nossa causa! Sei que venceremos contra todos estes crimes; estou certo que o povo saberá fazer justiça.

Na policia recusei-me a fazer declarações sobre o Partido... Desde sempre mantive a disposição de dar a vida pelo Partido, em todas as circunstâncias, assim como agora a dou duma forma horrível e cheia de sofrimentos. Mesmo já quase um cadáver ainda fui esbofeteado por um agente... Dores, insónias, fome, agonias, tudo tenho sofrido nestes sete meses, quase sempre na cama, sem me poder quase mexer.

Tenho confiança que sabereis vencer todos os obstáculos e levar o povo à vitória, mantendo essa disciplina e controle severo de uns sobre os outros, em trabalho colectivo, como vinhamos fazendo e aperfeiço ando... Felizes dos que vêm novos ao Partido e o encontram a trabalhar desta forma. Ele é o grande educador do nosso carácter. Muito teria para dizer mas as forças faltam-me. Fiz tudo o que pude pelo Partido, bem ou mal, foi sempre julgando que fazia o

Adeus para todos com um abraço fraternal. Longa vida, longa liberdade, boa saúde e bom trabalho. Avante até à vitória final!

MILITAO

PARTIDO PROLETARIO DE NOVO TIPO



V. I. LÉNINE Pequena Biblioteca Lénine Código: 11.01 Preço: 40.00



ÁLVARO CUNHAL Documentos Políticos do PCP Código:01.02 Preço:40.00

MORREU CAMARADA

No passado dia 2 deste mês faleceu, vitima de um acidente, o nosso querido camarada António João Rodrigues Galamba, um jovem operário agrícola de

25 anos de idade. A morte deste nosso camarada registou-se na localidade de Ficalho, quando o tractor com que lavrava a terra na Herdade Colectiva de Vale-de-Ervanças, se virou após o rebentamento de um dos pneus.

Delegado da comissão de trabalhadores dede a ocupação da referida herdade, este valoroso militante comunista sempre lutou com vigor e determinação pela sociedade justa e pelo fim da exploração nos campos alentejanos. Plenamente integrado no processo revolucionário, este pioneiro da Reforma Agrária em Portugal, é um exemplo do esforço e do sacrificio qué, presentemente invade o espírito do proletariado rural que se bate

pela justiça e pelo pão. O nosso Partido associa-se à família e amigos deste nosso camarada nos sentimentos de pêsame e dor.

ASSEMBLEIA PARTIDÁRIA DO CONCELHO DE SINES

Realiza-se no próximo sábado, dia 10, a 1.ª Assembleia Concelhia do nosso Partido em Sines. Objectivos, organização e actividade partidária, na primeira parte, confraternização e convívio, na

Assim, e porque aliar trabalho com alegria é próprio dos comunistas, o programa será composto de duas fases distintas. Na primeira parte, a partir das 10 horas, realizar-se-à a Assembleia propriamente dita, para a qual estão convidadas todas as Comissões Concelhias do Distrito, a Direcção da Organização Regional de Setúbal (DORS), e ainda todas as organizações democráticas locais, nomeadamente o MDP, MDM, Assembleia Popular, Comissão Administrativa da Câmara, IOS, Sindicatos.

A segunda parte, esta já aberta à participação de toda a população, constará de um almoço de confraternização - cada qual deverá levar o seu farnel -, a que se seguirá uma festa popular no IOS animada com teatro e canto livre, em que participarão camaradas artistas de Lisboa e Setúbal. A terminar este sábado que promete ser uma bela

jornada de trabalho e confraternização, um animado

Este convívio é para todos os habitantes de Sines. A Comissão Concelhia do PCP conta com todos. Não



OS INCIDENTES EM CUSTÓIAS E CAXIAS

O começo do ano de 1976 foi marcado por trágicos incidentes junto das cadeias de Custóias e de Caxias. Num caso e noutro, milhares de familiares, amigos, democratas manifestaram a sua solidariedade para com os militares que tiveram relevante papel no 25 de Abril e que foram presos em relação com os acontecimentos do mês de Novembro. Num caso e noutro, forças militares ou militarizadas agrediram violentamente e abriram fogo contra os manifestantes, causando no conjunto três mortos e numerosos feridos, entre os quais uma

O PCP reprova vivamente esta actuação repressiva, que introduz na vida política portuguesa novos factores de tensões, divisões, conflitos, inquietações e instabilidade.

O PCP requer que seja feito rigoroso inquérito aos acontecimentos e apela aos responsáveis do MFA, das Forças Armadas, para que, a fim de assegurarem as liberdades, a ordem e a tranquilidade pública, sejam dadas ordens estritas de forma a que tais actuações não voltem a repetir-se.

Alertando contra o perigo de provocações esquerdistas pseudo-revolucionárias habilmente empurradas pela reacção, alertando em especial contra tais provocações quando dirigidas contra forças militares ou militarizadas, chamando a atenção das massas populares para se não deixarem arrastar pelo radicalismo verbalista nem para formas de luta inadequadas à situação que se vive, o PCP insiste na necessidade imperiosa de ser garantido o exercício das liberdades e direitos dos cidadãos, incluindo naturalmente os direitos de opinião, de associação, de reunião e de manifestação.

O exercício dos direitos e liberdades pelos cidadãos é em si uma expressão inalienável da ordem democrática. A injustificada e injustificavel repressão contra tal exercício é que põe em causa a ordem pública.

A grave crise que se atravessa só poderá ser ultrapassada 3 a com soluções políticas e não com uma política de repressão.

Pretender impor com a repressão uma viragem à direita contra a vontade das massas populares; pretender impor com a repressão a aplicação duma política económica com aumento vertiginoso dos preços e congelamento de salários fazendo pagar às classes trabalhadoras o peso das dificuldades; pretender impor com a repressão uma orientação que ponha em causa as grandes conquistas da revolução, designadamente as nacionalizações e a reforma agrária, não seria o caminho para a consolidação da democracia, mas o caminho para a instauração duma nova ditadura.

O PCP confia em que as entidades responsáveis do país, militares e civis, impedirão o perigoso desenvolvimento da tendência para tentar resolver por métodos administrativos e repressivos e os graves problemas existentes.

O PCP continua a insistir na necessidade do pronto entendimento e na união de esforços de todos quantos queiram impedir o regresso ao passado fascista, assegurar a defesa das liberdades e a construção do novo Portugal democrá-

O PCP continua a insistir na necessidade da diminuição das tensões, de reaproximação e reunificação de sectores e tendências do MFA, para que este continue a ser o garante militar da nossa jovem democracia.

O PCP apela para a unidade de todos os democratas e progressistas, civis e militares, quaisquer que sejam as suas opiniões políticas, a fim de impedir uma maior degradação da situação política. O PCP apela para a firmeza e a serenidade das massas populares em defesa dos seus direitos e liberdades, em defesa da Revolução e das suas conquistas.

A unidade, a combatividade e a confiança no futuro assegurarão o triunfo final e definitivo da Revolução Portuguesa, a construção do novo Portugal democrático a caminho do socia-

2 de Janeiro de 1976

A Comissão Política do Comité Central do Partido Comunista Português

Conforme se assinala na Nota da Comissão Política do Comité Central do PCP, os incidentes ocorridos junto às prisões de Custólas e de Caxias podem introduzir na vida política portuguesa elementos de perturbação que gravemente afectam a unidade de todas as forças verdadeiramente interessadas na consolidação de um regime democrático em Portugal e na defesa contra a ameaça do fascismo.

Entre as vítimas que os incidentes custaram contamse três militantes do Partido Comunista Português.

A classe operária perdeu três militantes que à causa da libertação do nosso povo haviam entregue o melhor do seu esforço e da sua consciência.

Perderam-se três vidas num incidente que não serve os interesses do povo, num incidente que deveria ter sido evitado, num incidente que não se pode repetir.

A serenidade, a firmeza e a consciência de que são uma prova os documentos divulgados pelos camaradas que trabalhavam lado a lado dos militantes caídos são um exemplo que é necessário reter, um exemplo que é necessário respeitar.

Na nota da Direcção Regional do Norte do PCP se verifica como a demonstração de solidariedade para com os militares presos pôde ser aproveitada por elementos provocadores navegando como sempre nas águas que mais favorecem a reacção. A resposta mais correcta, mais eficaz a quantos pretendem arrastar as massas para aventuras e para quantos pretendem utilizar as tensões da hora presente para desencadearem acções repressivas e tentaram paralizar o processo revolucionário foi dada pela acção de quanto recusaram frente a Custóias e Caxias as palavras de ordem provocatórias.

A consciência da classe operária, a correcção da linha política do seu partido de vanguarda transparece nos documentos das células que perderam companheiros queridos de trabalho e de luta. Nestes documentos, na serenidade e disciplina de quando acompanharam as urnas se prestou aos camaradas caídos a derradeira e grandiosa homenagem de, na hora difícil em que tombaram, respeitar as realidades e necessidades da luta a que eles haviam entregue as suas vidas.

Comunicado da DORN do PCP

De novo choramos mortos. De novo correu sangue. Sangue de crianças, de jovens, de mulheres, de trabalhadores. De novo manifestantes desarmados se viram metralha-

dos por forças policiais. De novo o espanto, a indignação e o sobressalto tomam as pessoas sobre os caminhos para onde vai este nosso país.

O ano de 1976 abriu com a violência sobre manifestantes reunidos à volta de cadeias para exprimir a sua solidariedade a homens que tiveram um papel destacado no 25 de Abril, agora presos em Custóias e Caxias

Morreram já três homens; podiam ter sido mortos dezenas. É um imperativo moral e político exigir o apuramento imediato de responsabilidades, a localização e o castigo dos responsáveis

1. As concentrações e manifestações em Custólas têm como causa primeira e evidenestão submetidos militares re- como os portões foram fechamente a 25 de Novembro, Os longos e desumanos isolamentos, as incomunicabilidades ilegalmente mantidas há já mais de 30 dias, gerando nas famílias o mais natural e vivo sobressalto, a proibição - contra os mais elementares direitos - de conferências com os advogados, as condições humilhantes em que as poucas visitas se processaram, as queixas chegadas dos detidos sobre os interrogatórios, os sucessivos boatos de transferência de presos, foram criando um amplo, generoso e justo movimento de apoio e solidariedade humana, de protesto e de luta que culminou entre outras formas, nas concentrações e manifestações de Custóias e de Caxias.

2. As manifestações e concentrações em Custóias assumiram um patente carácter pacífico, legítimo e humano. Desde o dia de Natal que se vinham processando, quase diariamente, concentrações em Custóias, junto à prisão, como modo de exprimir aos revolucionários detidos uma solidariedade calorosa e fraterna, particularmente viva e comovida nesta quadra de tradicional fraternidade.

Não surgiram quaisquer incidentes ou conflitos com as forças para-militares, muito pelo contrário. Ontem, a partir das 16 h, começaram a juntarse em frente a Custóias milhares e milhares de pessoas, que uma hora mais tarde atingiriam uns 20 000! Eram homens e mulheres despreocupados, desarmados, levando consigo os filhos pequenos, jovens e crianças, contentes por irem cumprir um dever de solidariedade, longe de imaginar ou prever a tragédia e a violência que se avizinhavam no primeiro dia deste ano de 1976.

3. Os graves incidentes têm ras quando a manifestação já estava a dispersar.

È evidente que nunca a segurança da cadeia de Custóias foi ou podia ter sido posta em perigo. É evidente que nunca os carcereiros correram ou podiam correr qualquer risco. È evidente que nunca esteve imi-Custóias, guardada e defendida por forças da GNR, como sempre armadas. O próprio comunicado do governo civil do Porto reconhece-o implici-

4. Nada pode justificar a abertura do fogo contra milhares de pessoas. Pelos dados disponíveis, depois de terem sido disparados meia dúzía de tiros para o ar, as forças policiais começaram a disparar a meia altura tiros de rajada durante, pelo menos 10 minutos. O facto de uma criança de 3 anos ter ficado com os intestinos perfurados é uma prova dramáticamente elucidativa da altura das rajadas. Foi disparado contra a multidão. Foi disparado a eito.

A alegada hipótese de fugas de detidos não pode, NAO PODE DE MODO ALGUM, NÃO PODE NUNCA, justificar as mortes, os ferimentos, a violência.

Em Caxias, como em Custóias, muitos elementos militares e policiais exprimiram, duma ou doutra forma, o seu repúdio e a sua discordância pela violência repressiva. É forçoso salientá-lo, sublinhá-lo e saudá-lo particularmente num momento em que as forças da reacção e da provocação aventureira se esforçam por abrir e alargar o fosso entre as forças armadas e as forças

5. A coincidência no tempo dos incidentes em Custóias com os incidentes em Caxias, a semelhança de comportamento das forças policiais, a actuação insistentemente provocatória e conflituosa de elementos disfarçados de antifascistas, obrigam a considerar se não houve uma provocação montada, planeada e organi-Pelos dados que dispomos,

desde o início da concentração que um grupo reduzido de elementos - alguns identificados como de direita - desenvolvia uma intensa actividade provocatória, servindo-se de uma lugar pouco depois das 18 ho- fraseologia ultra-revolucionária, insensata e conflituosa, ao serviço dos que queriam transformar a manifestação de Custóias numa tragédia. Só à reacção e aos contra-revolucionários podiam aproveitar e interessar as insistentes provocações desenvolvidas por meia dúzia de agitadores que nente a invasão da cadeia de aparentavam grande revolucionarismo de palavras. Explorando a impaciência e o desespero, fazendo apelo à generosidade e à solidariedade dos manifestantes, jogando com te a situação e o regime a que tamente ao descrever o modo boatos alarmistas, propondo palavras de ordem simplesvoucionários presos posterior- dos e defendida a carrinha com mente irrealistas ou despropositadas, alimentando ilusões sobre as condições de luta, insistindo em formas de reacção aventureiras e condenadas à derrota, tais elementos aparentemente de esquerda e aparentemente bem intencionados revelaram-se em todos os aspectos objectivamente como contra-revolucionários. Informações que nos chegam indicam a presença de indivíduos de direita, suspeitos de ELP, confundidos

> fascistas A DORN já alertara os seus militantes para perigos reais que se estavam a gerar. Hoje a DORN volta a alertar e a sublinhar para a necessidade de um reforço de vigilância e de um combate implacável e constante ao aventureirismo, ao verbalismo pretensamente revolucionário, para o conteúdo objectivamente provocatório e contra-revolucionário cada vez mais assumem, nas actuais condições, estes elementos provocadores infiltrados no movimento popular de

com esquerdistas, mas segu-

ramente ao serviço dos grupos

6. Repetimos: é um imperativo a realização de um amplo inquérito aos acontecimentos

de Custóias, realizado em condições acima de toda a suspeita, visando rapidamente apurar as causas e punir os respons-

O prosseguimento da acção de massas passa pelo desmascaramento de todos os provocadores e de todos os aventureiros, isolando-os e não hesitando em os neutralizar firmemente e sem hesitações.

A luta das forças revolucionárias, a ampla movimentação de homens e mulheres progressistas da nossa Pátria exigem que a acção se alargue cada vez mais, se unifique e faça convergir a vontade e acção de todos os antifascistas, ampliando o campo dos que se pronunciam e dos que se unem e organizam em defesa das liberdades e conquistas alcançadas depois do 25 de Abril de 1975.

2 de Janeiro de 1976

A DORN DO PARTIDO CO-MUNISTA PORTUGUÊS

Comunicado do Comité de Metalúrgicos do distrito do Porto do PCP

Entre os mortos, contam-se dois Camaradas metalúrgicos, classe que ao longo dos anos de repressão fascista sempre se manteve na primeira linha de resistência, lugar que mantém hoje da defesa das liberdades e das outras conquistas da Revolução

A morte dos Camaradas Celestino Rebelo Teixeira operário metalúrgico da UTIC e de Arménio Pereira da Silva operário metalúrgico da SEPSA, ambos militantes do Partido Comunista Português, operários honestos, trabalhadores conscientes, homens que deram à causa da revolução a sua própria vida, não pode ficar impune.

Devemos exigir a abertura imediata de um inquérito que determine e que leve à justa punição de quem teve responsabilidades nes-

Camaradas como o Celestino e o Arménio são a certeza de que a Revolução que começou em 25 de Abril de 1974 será vencida pelos trabalhadores e pelo Povo.

O Comité dos Metalúrgicos do Distrito do Porto do Partido Comunista Português apela para todos os trabalhadores se incorporarem nos funerais destes dois operários,

gem aqueles que, em vida foram baluartes da luta contra o capital e contra os perigos do regresso do

Comunicado da célula da UTIC-Norte do PCP

Um dos trabalhadores mortos era o nosso camarada da Célula da Utic, Celestino Rebelo Teixeira, operário metalúrgico em Laborim, Vila Nova de Gaia. Trabalhador respeitado, digno resistente da Classe Operária nos principais ataques da reacção no Norte (Defesa da USP, e nos momentos difíceis quando a liberdade estava em perigo). O Camarada Celestino (Tininho) ficará na memória de todos os antifascistas, de todos os trabalhadores de todos que lutam pela Paz, pelo Pão, pela Liberdade e por uma sociedade mais justa a que todos

Os trabalhadores Comunistas da Utic exigem das autoridades um inquento profundo aos trágicos acontecimentos que fizeram derramar sangue de trabalhadores incondicionalmente ao lado da Re-

O secretariado da Célula do PCP na Utic-Norte comunica a todos os trabalhadores e ao Povo em geral que o funeral deste combatente da Classe Operária, se realiza domingo, dia 4/1/76, com saída às 9 horas da Casa Mortuária, do Instituto de Medicina Legal do Porto e com concentração às 9 e 30 m no Jardim do Paraiso, em VILAR DO PARAÍSO, VILA NOVA DE GAIA, com destino ao Cemitério de VA-

Comunicado da célula da SEPSA do PCP

Três homens cairam mortos. Um deles é nosso camarada na empresa: o Arménio Pereira da Silva.

A célula da Sepsa do partido Comunista Português convoca todos os camaradas de trabalho a integraram-se no seu funeral. Todos juntos prestando homenagem a um camarada de trabalho sem olhar a outras questões que não sejam a solidariedade de todos os trabalhadores

Todos unidos homenagearemos o camarada ARMÉNIO PEREIRA

FUNERAIS NO PORTO do Instituto de Medicina Le-

Milhares de trabalhadores incorporaram-se no funeral do camarada Celestino Teixeira

Realizaram-se no passado domingo, no Porto, os funerais dos dois operários metalúrgicos mortos durante os acontecimentos ocorridos em Custóias no dia 1 de

As duas vitimas, Celestino Ribeiro Teixeira e Arménio Pereira da Silva, ambos militantes do nosso Partido, trabalhadores, respectivamente, da UTIC e da SEPSA, foram acompanhados até ao cemitério por grande número de camaradas, amigos e populares, que lhes quiseram prestar a última e sentida nomenagem.

De facto, muitos milhares de pessoas quiseram estar presentes na última caminhada dos nossos camaradas mortos: as bandeiras rubras enroladas choravam a morte daqueles que, generosamente, dedicaram a vida à causa do Povo Português.

O funeral do camarada Arménio da Silva Pereira saiu Ambos os funerais saíram igualmente do Instituto de

Metalúrgicos.

membro da DORN do PCP,

um membro do Comité dos

Metalúrgicos comunistas do

Norte, um militante da célula

da UTIC, um representante

da CAARP e um membro da

direcção do Sindicato dos

Medicina legal, de onde segal. A urna contendo os resguiu para a Rua Anibal tos mortais do camarada Ce-Cunha, onde se deteve frente lestino Teixeira seguiu em ao Centro de Trabalho do cortejo fúnebre até Vilar Panosso Partido. Aqui guardaraíso, onde se encontravam ram-se uns minutos de silênmuitas pessoas, que se juncio, após o que os milhares taram àquelas que acompande pessoas presentes entoaharam o cortejo desde o Insram a «Internacional» tituto de Medicina Legal. A Depois de ter passado pela partir dai, a urna foi transportada por militantes do nosso Partido da célula da UTIC, por familiares e amigos, por trabalhadores metalúrgicos. Uma pequena cerimónia encerrou o funeral, durante a qual usaram da palavra um

residência do camarada desaparecido, o cortejo fúnebre deteve-se na SEPSA. onde falou um membro da comissão de trabalhadores, e seguiu, finalmente, para o cemitério de Leça do Balio, onde usaram da palavra um membro da DORN do PCP. um representante do Comité dos metalúrgicos comunistas do Norte, um militante da célula da SEPSA, um membro da direcção do Sindicato dos Metalúrgicos, um representante da CAARP e, a terminar, um membro da Junta de Freguesia de Leça do Balio.

PERTO DE 800 MIL TRABALHADORES AFECTADOS PELO CONGELAMENTO SALARIAL

As organizações de trabalhadores e outras organizações populares tomam posição contra a política de austeridade que vem afectar unicamente as massas trabalhadoras, nomedamente o aumento do custo de vida e o congelamento da contratação colectiva

O congelamento da con-tratação colectiva abrange até fim de Fevereiro próximo quase 755 mil trabalhadores, o que deixa sob alçada dos aumentos de preços e sem defesa perante o aumento do custo de vida, em alguns casos muito elevado, cerca de 2 milhões de pessoas, contando com as familias a cargo dos trabalhadores abrangidos.

Como se sabe, a suspensão da contratação colectiva em todas as suas formas não é outra coisa senão o congelamento rigoroso dos salários decretado, neste caso, com efeitos anteriores aos aumentos verificados em muitos produtos essenciais de consumo diário e obrigatório.

O quadro que acompanha este comentário é bem elucidativo. Entre os sectores profissionais abrangidos pelo congelamento da con-

SECTORES

Fabricação de papel

Casas de Saúde, consultórios

e enfermagem particular .

Conferentes Marítimos

Barbeiros e cabeleireiros

Comércio retalhista

Marinha Mercante

Pastelaria

Torrefação

Panificação

Farmácias

Lavandarias

tratação figuram trabalhadores com salários por rever há muito tempo e alguns deles contam-se entre os mais baixos auferidos no nosso País.

Subindo em flecha os preços dos artigos de primei-ra necessidade, quando em Março as negociações prosseguirem, os trabalhadores terão perdido certamente muito daquilo que obtiveram (alguns deles, não todos) depois de Abril de 1974.

Por outro lado, centenas de milhares de trabalhadores e as suas familias ficam ainda sem a possibilidade de os seus salários recuperarem, pelo menos, o poder de compra ja perdido perante o aumento verificado nos preços entre o momento pre-sente e a data em que foi publicado o Contrato Colectivo ainda em vigor por determinação do congelamento. «Cada dia que passa os

Trabalhadores afectados

Combater essa situação, bem como os perigos que ela

nos. Cada dia que passa

compramos menos com o

mesmo dinheiro. Seremos

hoje mais pobres do que on-

tem e amanhã mais pobres

do que hoje, se não nos unir-

mos e organizarmos para re-

sistir à ofensiva capitalista

que visa roubar-nos, nos

preços, as conquistas sala-

riais resultantes de meses e

Os treze sindicatos de Lis-

boa e Setúbal, que formaram

uma comissão de luta contra

a carestia de vida e o conge-

lamento da contratação co-

lectiva, convocando uma

concentração para o próximo dia 17, no Estádio

1.º de Maio em Lisboa, ao

dirigirem essas palavras a todos os trabalhadores, têm

consciencia perfeita do que

meses de luta.»

promete e já claramente an-uncia, é motivo de um apelo daquela comissão de sindicatos para que o próximo dia 17 seja uma grande e vitoriosa jornada de luta contra a carestia de vida e o congelamento de salários.

Na situação dificil da economia portuguesa, pela qual os trabalhadores não podem ser responsabilizados obrigando-os a pagar a malor parte do seu preço, o poder de compra dos trabalhadores tem que ser mantido ao mesmo tempo que devem ser melhoradas as suas condições de vida.

Congelar contratos, at-guns deles prontos já para serem assinados e muitos outros em fase adiantada de negociação, não pode servir, de modo nenhum, ao desenvolvimento da economia nacional, na salvaguarda da in-dependência e na perspectiva do socialismo.

SECTORES	Trabalhadores	afectados
Calçado		2000
Construção civil		250 000
Metalurgicos		250 000
Vidreiros		
Rodoviários		100 000
Madeiras		10 000
Cantinas		
Motoristas do Porto		10 000
Agricolas de Setúbal	b De de	14 000
Transportes Colectivos d	ю Ропо	4000
	TOTAL	754 900

TRABALHADORES CONTRA AS MEDIDAS **ECONÓMICAS ANTI-POPULARES**

6000

14 000

400

5000

42 000

A incúria e o esbanjamento capitalistas não podem ser pagos pelos trabalhadores. O preço da crise económica deve ser suportado por quem a provocou

Os corpos gerentes do Sindicato dos Trabalhadores das Industrias publicaram um Comunicado aos Químicas do Sul, em moção aprovada no dia 27 do passado mês de Dezembro, exprimiram ao Presidente da República; ao Conselho da Revolução e Conselho de Minipelas medidas antidemocráticas que têm sido tomadas após o 25 de Novembro», nomeadamente:

«-Contra o congelamento da contratação colectiva medida antioperária e de protecção aos capita-

«-Contra a intimidação, a violência e a repressão desencadeadas sobre os trabalhadores e sobre os seus organismos de classe;

Contra a indemnização aos grandes accionistas dos bancos de Angola, Nacional Ultramarino e Banco de Portugal; «-Contra o aumento de preços

dos produtos de primeira necessi-

dade e de grande consumo «- Contra a «fuga» e libertação dos fascistas Henrique Tenreiro e Silva Cunha:

«-Contra a prisão e afastamento de militares revolucionários que pelas suas acções práticas sempre se identificaram com a luta do povo explorado, contra o fascismo e a opressão capitalista.»

« Os Corpos Gerentes do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Sul desejam tornar bem claro o seu firme propósito de lutar contra todas as acções governativas que visem uma protecção às forças do capital (únicas responsáveis pela crise económica que o país atravessa) e coloquem em causa as conquistas alcança-das pelas massas trabalhadoras.»

Também a Federação Nacional dos Sindicatos Metalúrgicos requereu ao Presidente da República uma audiência na qual se propunha apresentar um conjunto de problemas que consideram relativos não somente à sua classe mas a todos os trabalhadores portugueses. Não conseguindo ser recebi-dos pelo Presidente da República, os elementos da Federação Nacional dos Sindicatos Metalúrgicos expuseram os problemas em causa a dois elementos do Gabinepublicaram um Comunicado aos trabalhadores intitulado: «O que queremos tratar com o Senhor Presidente da República».

SINDICATOS **METALURGICOS** MANIFESTAM-SE CONTRA **AUMENTO CUSTO DE VIDA E** CONGELAMENTO DA CONTRATAÇÃO

È o seguinte o enunciado dos problemas expostos no comunicado da Federação Nacional dos Sindicatos Metalúrgicos. « 1- O congelamento da Contratação Colectiva e do Contrato Vertical Nacional da Metalúrgia e da Metalo-Mecânica; 2- Congelamento dos salários e o aumento do custo de vida: 3- Os militares com licença registada aos quais o patronato nega o direito ao trabalho; 4- A política de mentira, anti-operária, repressiva e divisionista do ministério das Corporações; 5- A manobra reaccionária da revisão da lei das associações sindicais; 6- O Decreto-Lei do Controlo Operário; A ofensiva da reacção contra a Reforma Agrária; 8- Ó projectado encerramento da empresa meta-lúrgica-MESSA; 9- A repressão após o 25 de Novembro.»

Relativamente ao congelamento da Contratação Colectiva, ao Contrato Vertical Nacional da Metalurgia e Metalo-Mecânica, o congelamento de salários e ao aumento do custo de vida, a Federação Nacional dos Sindicatos Metalúrgicos

«O Governo, cedendo às pressões e chantagens do patronato, decidiu sem ouvir os trabalhadores que congelaria toda a contratação colectiva até Março próximo. Esta medida anti-operária atinge directamente os metalúrgicos portugueses cujo contrato colectivo de trabalho está praticamente todo por negociar (aprendizagem, readmissão de trabalhadores após o serviço militar, promoções, direitos e garantias dos trabalhadores, deslocações, trabalho de mulheres e menores, despedimentos, higiene e segurança no trabalho,

«Pela primeira vez desde o 25 de os das classes mais desfavorecidas foram congelados. Em lugar de congelar os lucros e os preços fazendo assim pagar os exploradores os custos da crise económica que provocaram, o governo decidiu congelar os salários dos que trabalham e produzem ao mesmo tempo que permite, encoraia e decreta aumentos escandalosos dos preços (batata, carne, peixe, legumes, ovos, bacalhau, arroz, transportes, gasolina, tabaco, impostos, etc, etc.).»

MAIS DE 750 MIL **TRABALHADORES ATINGIDOS** PELO CONGELAMENTO DA CONTRATAÇÃO COLECTIVA

Muitas têm sido as organizações de trabalhadores e outras organizações populares que manifestam o seu repúdio pela política de austeridade decretada pelo VI Governo na medida em que apenas o povo trabalhador, nomeadamente a classe operária e a pequena burguesia, é atingido pelas disposições postas em prática, particularmente pelas relativas ao aumento do custo de vida que se reflecte agudamente sobre produtos de primeira necessidade e ao congelamento da contratação colectiva. Recordemos que o congelamento da contratação colectiva afecta, de imediato, 754 900 trabalhadores cujos contratos colectivos se encontravam em negociação. Entre eles 250 000 Metalúrgicos, 250 000 trabalhadores da Construção Civil, 100 000 Rodoviários, 42 000 trabalhadores do Comércio Retalhista, 14 000 agrícolas de Setúbal,

14 000 trabalhadores das Casas

de Saúde: Consultórios e Enfermagem Particular, 10 000 trabalhadoainda muitos milhares de trabalhadores da Marinha Mercante, fabricação de Papel, Pastelaria, Torrefacção, Farmácia, Conferentes aritimos, Lavandaria, Barbeiros e Cabeleireiros, Calçado, Vidreiros, Madeiras, Cantinas, Motoristas do Porto e Transportes Colectivos do

No Comício do nosso Partido, realizado no passado dia 3, em Peniche, o camarada Álvaro Cunhal, Secretário-Geral do PCP, sublinha: «O PCP pronuncia-se firmemente contra a instauração de qualquer nova ditadura, pronuncia-se pelas liberdades e a democracia e por isso sublinha os perigos que advêm da súbita adopção sem entendimento ou acordo prévio, de amplas medidas económicas de carácter anti-operário e antipopular a que estamos assi stindo ultimamente.»

E mais adiante: «O PCP tem a certeza de que os trabalhadores estariam dispostos a sacrifícios, se tal fosse necessário, para aumentar a produção, criar condições de estabilidade económica, promover o desenvolvimento da agricultura, da pesca, tudo para assegurar o futuro dos seus filhos e o bem-estar do país. Mas os trabal-hadores não podem aceitar passivamente que se agravem subitamente as suas condições de vida, no preciso momento em que se defende a manutenção dos altos rendimentos, em que há dinheiro para pagar a fascistas saneados, mas não há dinheiro para ajudar a formação de cooperativas de pescadores, em que se prepara o pagamento de grandes indemnizações aos grandes capitalistas e aos grandes agrários, em que se contraem empréstimos com esse fim, em que milhares e milhares de parasitas que nada fazem de útil para o país gastam em jantaradas, em pândegas, em passeatas, em jogatina, em deboche, gastam mais num dia do que um trabalhador ganha num ano inteiro, num ano de duro esforço, num ano de privações dos seus entes queridos, num ano em que numerosas vezes joga a própria vida, como é o caso dos pescadores.»

PLENÁRIO DA INTERSINDICAL

Alargar a defesa das massas trabalhadoras dos mais variados sectores face à investida das forças de direita, que nas últimas semanas sentem renovados os seus apoios, foi o ponto principal do último plenário da Intersindical Nacional

Salientando que a situa- órgãos do Poder serve o onde a Reforma Agrária se dade de destruir a unidade ção económica do País é capital e é realizada contra tem feito foi garantido o do Movimento Sindical» difícil, mas não tão grave os interesses dos traba- direito ao trabalho, acabancomo certas forças políticas lhadores e à sua custa. apregoam, com o claro propósito de justificar uma política antipopular em que os principais sacrificados são as classes trabalhadoras, o Plenário da Intersindical Nacional, que se reuniu no diferentes sindicatos passado dia 30 de Dezembro, ao analisar os principais problemas que se colocam aos trabalhadores, fez notar trabalhadores e recuperar os que a saída da actual situa- benefícios perdidos, ção económica não passa nomeadamente o ataque a por uma política de austeridade que tenha como prin-

aprofundar a presente crise. existem pelo menos dois tipos de austeridade: um, que contribui para o avanço do processo revolucionário, atingindo preferencialmente as classes favorecidas; e outro, que tem como o alargamento de um amplo objectivo fazer pagar essencialmente os trabalhadores os custos da crise económica desenvolvimento econóe que visa, em última instân-

lista da economia. que o tipo de austeridade pretendida pelos actuais órgãos de Poder se dirige para a segunda alternativa, o Plenário da Intersindical Nacional aponta todas as medidas que nos últimos meses, a maior parte delas até nas últimas semanas, citárias essas continuarão concretizam a recuperação capitalista da economia.

cia, a recuperação capita-

São elas, entre outras, o congelamento da contratação colectiva, o aumento substancial dos preços dos produtos de amplo consumo popular, a fixação de baixos impostos sobre rendimentos não provenientes do trabalho, a multiplicação de impostos indirectos que atinexportadoras, entre as quais se encontram mesmo multinacionais, reconhecendo o Plenário da Intersindical que tudo isto são exemplos concretos que provam de uma forma extremamente clara que a política de austeridade dos actuais

OUTRAS **MANOBRAS**

Nos debates que se desenrolaram, as delegações dos presentes tiveram oportunidade de focar as manobras da reacção para dividir os conquistas históricas do nosso Povo, como são as cipal objectivo e consenacionalizações, a reforma quência a diminuição do agrária, o controlo operário consumo popular, pois isso e a unidade do movimento contribuirá para agravar e sindical e o ataque a tudo aquilo que possa permitir O Plenário definiu que que o desenvolvimento económico venha beneficiar, em primeiro lugar, as serve os trabalhadores e que camadas mais desfavorecidas da população.

Assim, os ataques às nacionalizações visam impedir a consolidação e mesmo sector social da economia, base fundamental do nosso mico e de defesa da independência nacional, visando também criar condi-Tornando-se evidente ções que permitam, a curto prazo, passarem as empresas agora nacionalizadas, com participação do Estado, ou geridas pelos trabalhadores e que são lucrativas, para as mãos dos grandes capitalistas, pois que as empresas tradicionalmente definas mãos do Estado, isto é, a serem pagas por toda a

população. Também o ataque e as grandes dificuldades postas Reforma Agrária, conquista histórica das massas trabalhadoras do campo, tem como objectivo último justificar uma política de entrega de terras aos latifundiários. Paralelamente, tudo gem fundamentalmente as o que podia ser feito para classes trabalhadoras facilitar o aumento da proco proletariado rural, como as facilidades de crédito para as sementeiras e alfaias agrícolas e o pagamento rápido das colheitas entregues é deliberadamente boicotado. Apesar das poderosas barreiras que se levantam é de salientar que

do totalmente o desemprego e pode-se dizer que algumas das conquistas alcançadas neste campo, como seja o aumento da produção agrícola e que premeditadamente se esconde, resulta em grande parte do esforço incansável dos trabalhadores agrícolas que, quanto a quistas alcançadas e a luta apoios, na maior parte dos contra as medidas anticasos só os tiveram como

nem sempre. Entretanto, o controlo operário passa a ser chamado pelos actuais órgãos do Poder, como «controlo de gestão», sendo de esperar que tantas sejam as limitações impostas por lei àquele controlo, que se a sua entrada em vigor e limitar o âmbito de aplicação em relação ao sector privado e, por outro, transna famigerada co-gestão, que significa a participação dos trabalhadores na gestão da sua própria exploração. Por outro lado, segundo foi analisado no Plenário da

Intersindical, as tentativas de recuperação da Previdência por parte do Estado visam retirar a participação dos trabalhadores da gestão da mesma. Abordando depois a liberdade sindical, o Plenário constatou que cometido significativas arbitrariedades que ção da Previdência afasdemonstram as intenções tando os trabalhadores, exidos actuais órgãos do Poder. Os «comandos» fizeram buscas a diversos sindicatos, sua defesa da Reforma nomeadamente Rodoviá- Agrária. rios e Escritórios de Lisboa e. Têxteis do Porto. A PSP foram aprovadas algumas revistou minuciosamente o moções e propostas Sindicato da Indústria Hote- apresentadas por sindicatos leira, em Lisboa, e, por or- presentes e que diziam resdem do Governo, assalta e peito, no geral, à posição encerra o Sindicato dos dos trabalhadores face à Trabalhadores da Indústria arremetida das forças de diaumentando o custo de vida, dução agrícola e a diminui- e Comércio Farmacêuticos. reita que encontram todo o os subsídios a empresas ção dos sacrifícios do herói- A PSP reprimiu e agrediu os apoio no Governo, o qual trabalhadores livreiros em tenta recuperar «o patroluta por melhores condições de vida e trabalho. Agora, o nacional, sacrificando os Conselho da Revolução, trabalhadores e as suas consegundo notícias publicadas quistas após o 25 de Abril. nos órgãos da Informação, está a tentar rever a Lei das tende ser intérprete de uma Associações Sindicais, política que diz ser de transipossivelmente com a finali- ção para o socialismo».

REFORÇAR **O MOVIMENTO** SINDICAL

Perante esta ofensiva generalizada das forças do capital, cabe ao Movimento Sindical a defesa das con--operárias que têm vindo a ser tomadas.

promessas e mesmo assim O Plenário considerou que o papel da Intersindical Nacional terá de ser reforçado e a sua acção alargada e desenvolvida a camadas até agora com pouco peso no conjunto da acção sindical e impõe-se um amplo trabalho de esclarecimento e pretenda, por um lado, adiar mobilização das mulheres e jovens trabalhadores de forma a integrá-los melhor nos objectivos e nas formas de luta, tendo sido salienformar o controlo operário tada a importância de os trabalhadores do sector de serviços, muitos deles afastados dos seus irmãos de classe devido à política de divisão seguida pelo fascismo e incentivada após o 25 de Abril pelas forças de direita, terem igualmente de ser ganhos para o Movimento Sindical Unitário.

O Plenário acentuou, depois, a necessidade de todos os trabalhadores defenderem intransigentemente «após o 25 de Novembro, a as liberdades sindicais, lutacoberto do aparelho de recontra o congelamento da Estado e militar, têm-se contratação colectiva e contra as tentativas de reocupagirem a aplicação do controlo operário e manifestarem a

No decorrer do Plenário nato sabotador da economia quando paralelamente pre-

LIVRARIA 1.º DE MAIO

PRACETA PORTUGAL

BAIXA DA BANHEIRA

LIVROS NACIONAIS E ESTRANGEIROS. ARTIGOS DE PAPELARIA. POSTERS, AUTOCOLANTES, ETC. LIVROS SOVIÉTICOS EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS OBRAS COMPLETAS DE LÉNINE (EM FRANCÊS) OBRAS ESCOLHIDAS DE LÉNINE (EM FRANCÊS E ESPANHOL)
OBRAS ESCOLHIDAS DE MARX E ENGELS
(EM FRANCÊS E ESPANHOL)

PROGRAMAÇÃO DA RÁDIO CENTRAL **DE MOSCOVO PARA PORTUGAL**

20.30-21.00 31,41 e 49 m. 22.00-22.30 31 e 41 m.



Resultados do sorteio a que habilitavam os bilhetes p.a a Festa de Fim-de-Ano do «Avante!» na FIL

DO FIM DE ANO

			and a		
.0	Prémio	— Obras Completas Lénine	n.o	8601	
30		Medalha PCP		0094	
3,0		- Livro VII Congresso PCP,			
		edição especial		0849	
0		- Assinatura «Avante!» I ano		1324	
0		- Assin. Rev. Internacional I ano		5083	
5.0		— Medalha Lénine		0038	
7.0	1000	— Medalha Marx		0512	
0		- Medalha Engels		0621	
0	1	— Disco VII Congresso PCP		0998	
00.	***	- Saco bordado Madeira PCP		1340	

A relação dos prémios será completada no próximo n.º do Os dez primeiros estão desde já à disposição dos premiados, na livraria «Avante!» — Av. Santos Dumont, 57

TRABALHADORES MANIFESTAM-SE CONTRA DECISÃO DO MINISTÉRIO DO TRABALHO

A decisão do Ministério do Tra-balho mandando caducar as credenciais passadas aos trabalhadores das empresas em autogestão motivou a realização de uma reunião, convocada pela União dos Sindicatos (Intersindical), na cidade do Porto, na qual participaram cerca de uma centena de trabalhadores, várias representações sindicais, elementos da Federação das Cooperativas e representante do Ministério do Trabalho naquela

A actuação do Ministério do Trabalho do VI Governo Provisório foi acerbamente críticada no decorrer da reunião, tendo-se considerado que a resolução sobre a caducidafavorável à recuperação do capitalismo e contra a via socialista.

Os trabalhadores fizeram notar que só no distrito do Porto esta resolução do Ministério do Trabalho afecta 25 mil trabalhadores que laboram em duas centenas de empresas na situação de autogestão. No decorrer dos trabalhos, foi aprovada, por unanimidade, uma proposta na qual se sublinha: Dado que todas as empresas que se encontram em autogestão foram arrastadas para esta situação, pela fuga da entidade patronal ou pela incapacidade para garantir o lugar de trabalho a todos os trabalhadores, e considerando que os

patrão, manter os seus lugares de trabalho e que isto é uma conquista irreversível dos mesmos, exigem ao Ministério do Trabalho que todas as credenciais pedidas pelos trabalhadores sejam automaticamente concedidas, não reconhecendo ao Ministério do Trabalho legitimidade para as recusar. A qualquer credencial recusada respoderão os trabalhadores de todas as empresas em autogestão. ou cooperativas aqui representa-

das, com formas de luta unitárias.» Na mesma reunião foi decidida a realização de uma encontro a nível distrital e abrangendo todo o norte, para debate da questão das cre-

denciais e de outros problemas relacionados com a vida das empresas em autogestão. Este encontro efectuar-se-á, em princípio, até fins do corrente mês. Foi criado um secretariado, cujo trabalho consistirá em alertar os trabalhadores contra os perigos que os ameacam e decidiu-se constituir um organismo que coordenará todas as empresas em autogestão e as cooperativas. Como resultado desta decisão, começou já a funcionar no Sindicato dos Têxteis, no Porto, no passado dia 5, um gabinete destinado a atender problemas relacionados com as credenciais, o mesmo sucedendo em

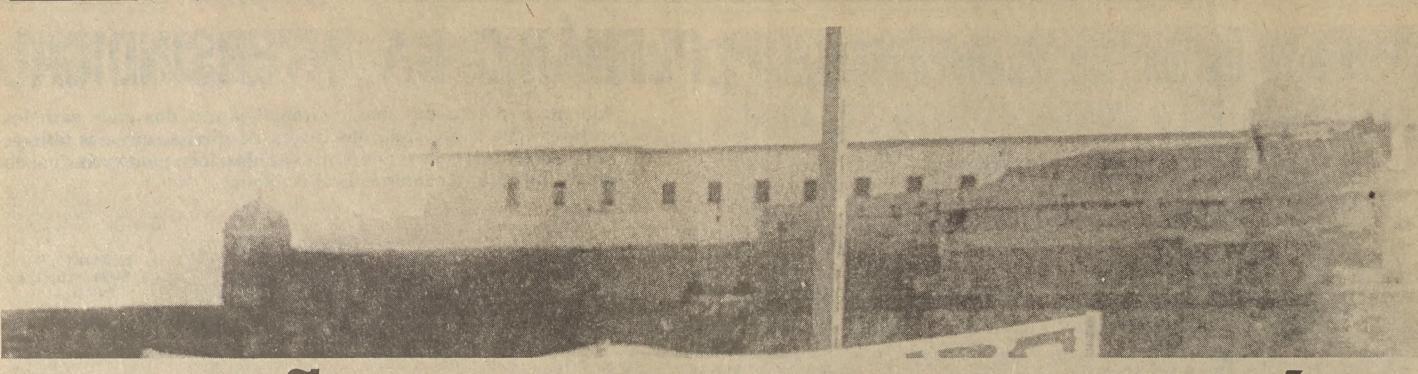


ALVARO CUNHAL CAMPANHA DE FUNDOS desenhos da prisão LANÇAMENTO ESPECIAL DA EDITORIAL «AVANTE»

> ALVARO CUNHAL desenhos da prisão

Pedimos a todos os camaradas que fizeram reserva dos «Desenhos da Prisão» e ainda os não levantaram, que procedam ao seu levantamento até 31 de Janeiro. A partir dessa data deixaremos de poder garantir as reservas, dado que a edição se encontra esgotada.

Edições Avante!



EVOCAÇÃO DE UMA JORNADA HERÓICA

O comício realizado em Peniche, evocativo da fuga do forte, concretizada há dezasseis anos por um grupo de camaradas, constituíu uma afirmação da confiança dos comunistas no futuro democrático e socialista do nosso país

Gomes, Carlos Costa, Jaime Serra, Francisco Miguel, Rogério de Carvalho, Pedro Soares, Guilherme de Carvalho, José Carlos. Nomes dos abnegados comunistas que, há 16 anos, no dia 3 de Janeiro, logravam vencer as masmorras fascistas e continuar o combate pela libertação do dou a laboriosa população nosso povo. Dez destaca- de Peniche, especialmente dos dirigentes do Partido os seus pescadores, e to-Comunista Português abriam uma brecha na muralha fascista e indicavam já o defesa das conquistas da horizonte da vitória do Revolução. nosso povo. Mas a luta con- «Encontramo-nos reunidos

Comissão Política do CC do edade foram a única prese-PCP, e Francisco Miguel, do Comité Central.

Depois de terem usado Francisco Miguel, o camarada Joaquim Gomes saudos os comunistas e antifascistas pela sua luta na

nça no silêncio da colaboração. A poderosa máquina facal, um representante da cia, mas o povo de Peniche Comissão Concelhia de Pe- celebrava, no seu íntimo, niche do PCP e o camarada esta grande vitória. A notí-

cia espalhava-se e os foguetes chegaram a estralejar em muitas localidades: o povo trabalhador saudava a fuga dos seus heróicos filhos. Os dez camaradas fugi-

dos de Peniche saudavam o tas e antifascistas têm de que se orgulhavam de pernossos camaradas:

«Ao alcançarmos a liberlegalidade».

prosseguiram os nossos camaracrença religiosa; saudamos «A Reforma Agrária não anti-salazaristas, salientansolução do problema político português».

DEFENDER A REVOLUÇÃO

No comício comemorativo do passado dia 3, o camarada Joaquim Gomes, no decorrer da sua intervenção, afirmaria: «Também o 25 de Abril só foi possível porque as forças antifasci-

vitória do 25 de Abril, o nosso Partido, na entrada regresso do fascismo reprede novo ano indica três dida palavra um pescador lo- scista de Salazar estreme- recções fundamentais para salvar a Revolução. São constitui uma dolorosa exelas: defender as conquiperiência para todos os trastas da Revolução, alargar balhadores, para todos os a unidade, reforçar o verdadeiros antifascistas, Partido.» Referindo-se à defesa

das conquistas da Revolução, o camarada Joaquim Gomes salientou: Todos os trabalhadores, os democrapovo e o glorioso Partido a reforçar a sua disposição de luta de modo a não permitir tencer. O Partido que, com que as liberdades conquieles, preparou a fuga; o stadas lhes sejam roubadas povo que, calando-se, com seja por quem for. Nelas eles venceu as masmorras estão incluídas as liberdae continuou a luta. No des sindicais que alguns, a próprio dia da fuga, afirma- coberto da luta contra a vam numa saudação os unicidade, querem tirar aos mentos de 25 de Novembro, trabalhadores.»

E mais adiante: «Os tradade e ao retomarmos o balhadores não podem perposto de combate, sauda- mitir que as nacionalizamos, antes de mais o nosso ções, como o controlo oper-Partido e o Povo português, ário, sejam postas em afirmando a nossa determi- causa como alguns pretennação de os servir como até dem. Os Melos, os Chamhoje; na luta pela instau- palimauds, etc., não podem ração em Portugal de um voltar à posse das empreregime de liberdade e de sas nacionalizadas. Os trabalhadores não o per-

Referindo-se, ainda, à das - todos os portugueses defesa das conquistas da honrados, qualquer que Revolução, o camarada seja a sua ideologia ou Joaquim Gomes acentuou: todas as forças e correntes pode andar para trás. A terra dos grandes agrários do a importância e a urgên- hoje na posse dos campocia da unidade, como con- neses tem de continuar na dição fundamental para a posse destes. Os trabalhadores do campo, assalariados ou pequenos camponeses, todos os que sofreram na carne a exploração dos senhores da terra não permitirão o regresso ao passado.»

ALARGAR A UNIDADE

Mais adiante, o camarada Joaquim Gomes referiu-se, stas souberam lutar unidos nos seguintes termos, ao contra a opressão. Hoje, reforço da unidade: «Alardepois do 25 de Novembro, gar a unidade significa que quando a direita ganhou nas empresas, nas herdafortes posições, quando a des, nos escritórios, nos reacção e o fascismo barcos, em todos os locais espreitam a oportunidade de trabalho, os trabalhadode liquidar as liberdades e res se devem unir indepen-

nçadas depois da histórica munistas ou socialistas, unidade sejam chamados católicos ou ateus, porque o todos os antifascistas.» senta o mesmo perigo para todos. O 25 de Novembro

> precisamente porque não fomos capazes de avaliar correctamente os perigos de sectarismo e de esquerdismo.» «Precisamente - prosseguiu Joaquim Gomes-porque a classe operária e os trabalhadores nem sempre

mente a sua unidade e nem sempre souberam isolar os aventureiros esquerdistas. Precisamente por isto é que a direita pôde, nos aconteciinfligir uma pesada derrota

às forças de esquerda. Que

souberam reforçar devida-

REFORÇAR O PARTIDO

Na saudação dirigida ao seu Partido, ao seu povo, os dez comunistas evadidos de Peniche afirmavam: «Sem o decisivo auxílio do Partido Comunista Portuquês e da sua Direcção - à qual manifestamos toda a nossa confiança - sem a coragem, o espírito de sacrifício e o apoio de numerosos comunistas e portugueses sem partido que nos ajudaram, não teria sido possível levar a cabo com êxito a nossa libertação.»

Dezasseis anos mais tarde, em Peniche, o camarada Joaquim Gomes afir-

mentos dos homens, mulpelo socialismo em Portugal. Reforçar o Partido significa fazer de cada militante do Partido um activista, damente o Partido às massas. A organização do nosso Partido tem de estar pronta a defender os inter-

sua intervenção no comício Partido tem de ter um papel cada vez mais activo na vemos noutro local

as conquistas da Re-

Alvaro Cunhal, Joaquim bro do Secretariado e da isso, os olhos da solidari- todas as conquistas alca- dentemente de serem co- a lição nos sirva, que à mou: «Reforçar o Partido consolidação e reforço das significa que não apenas se organizações de massas e deve fazer novos recruta- populares como comissões de trabalhadores, de moraheres e jovens mais conse- dores de aldeia, assemquentes e que hoje com- bleias populares e outras. O preendem melhor que só nosso Partido terá de ser nas fileiras do PCP se pode cada vez mais decididalutar consequentemente mente a vanguarda revolucionária do Povo Portuquês.»

> O camarada Alvaro significa ligar mais profun- Cunhal, secretário-geral do nosso Partido, encerrou este comício comemorativo da heróica fuga de Peniche, cada vez mais coesa e na qual participou. Entre 3 de Janeiro de 1960 e 3 de esses da classe operária e Janeiro de 1976, profundas alterações se verificaram em Portugal. O fascismo foi E o camarada Joaquim derrubado, mas continua a Gomes afirmou, a finalizar a ser uma perigosa ameaça. Isso mesmo adverte o cade Peniche: «O nosso marada Alvaro Cunhal, no seu discurso, que transcre-



tínuava —tal como hoje — e para comemorar a fuga de os postos de combate foram dez militantes comunistas rapidamente retomados.

Pássados 16 anos, a população de Peniche voltou a encontrar-se com alguns dos fugitivos, com nomes que aprendeu a respeitar pela dedicação com que se votaram à causa do nosso povo: os camaradas Álvaro Cunhal, Joaquim Gomes e do Partido Comunista, mas Francisco Miguel. A vitória sobretudo uma importantísque constitui a fuga de 1960 permanece ainda bem viva na memória de todos, ao festivamente recebida pelado das posteriores e im- los trabalhadores e forças portantes vitórias já alcançadas pelas massas trabalhadoras. Mas também o camarada Joaquim ao lado da certeza dos novos e difíceis períodos que se avizinham, porventura tão perigosos como aquele marada Joaquim Gomes que se vivia na altura. Certeza e confiança, determinação e combatividade, são porém, armas da classe funda ligação com as masoperária e das massas trabalhadoras. Com elas, tal como em 3 de Janeiro de 1960, tal como em várias sido possível». outras etapas históricas, a classe operária e as massas trabalhadoras derrotarão os seus inimigos e construirão a sua sociedade sem a exploração do homem pelo homem.

DEZASSEIS ANOS DEPOIS

Dezasseis anos depois, para comemorar a histórica fuga, o nosso Partido realizou em Peniche um comício. Presentes os camaradas Álvaro Cunhal, secretário-geral do nosso Parti-

que há 16 anos, enfrentando sérios perigos, conseguiram fugir da Fortaleza para retomar o seu lugar na luta contra o fascismo, à qual tinham dedicado toda a sua vida. A fuga de 3 de Janeiro de 1960 foi uma grande vitória não apenas sima vitória das forças antifascistas. Por isso ela foi progressistas de todo o País», começou por afirmar

«A resistência dos comunistas - prosseguiu o caà opressão fascista durante dezenas de anos não teria sido possível sem uma prosas. Sem o silêncio colaborante da população de Peniche a nossa fuga não teria

UMA VITÓRIA DO POVO **PORTUGUÊS**

No largo de peniche, ao fim da tarde daquele glorioso dia 3 de Janeiro de 1960, a população silencia os seus diálogos reconhecendo dez comunistas que haviam vencido a prisão. Em grupos de dois, de três, os evadidos passam ante os olhos de homens e mulheres do povo que ainda não sabiam quem eles eram, mas logo compreenderam do, Joaquim Gomes, mem- de quem se tratava. Por





DISCURSO DE ÁLVARO CUNHAL EM PENICHE

No comício evocativo da fuga do Forte de Peniche, há 16 anos, de uma dezena de militantes do PCP, o camarada Álvaro Cunhal — que fazia parte desse grupo — abordou os principais temas da actualidade política e apelou para a criação de uma ampla frente que impeça o regresso ao fascismo e torne irreversível a construção do novo Portugal democrático, a caminho do Socialismo

Camaradas

Neste começo do ano de 1976, ano que se apresenta difícil, perigoso e carregado de ameaças, trago aqui, ao povo de Peniche e em particular aos seus corajosos pescadores as saudações calorosas e confiantes no futuro do Comité Central do Partido Comunista Português.

Todos temos apreensões com os acontecimentos recentes. Mas o balanço do ano de 1975 é altamente positivo. Contra ameaças e tentativas da reacção, as liberdades foram salvaguardadas no essencial. Com as nacionalizações, golpes certeiros foram desferidos no capital monopolista, que dominava (em benefício de uma centena de famílias), quase toda a economia nacional. Começou e alcançou grandes êxitos a Reforma Agrária. Os trabalhadores alcançaram grandes benefícios económicos e

O ano de 1975 foi pois um ano de grandes sucessos e é esta a apreciação que ele merece

Infelizmente, a par deste balanço positivo, surgiram factos inquie-

Necessidade de entendimento e política comum

Os últimos meses do ano foram assinalados por trágicos acontecimentos que opuseram militares a militares e dos quais resultou uma derrota da esquerda nas forças armadas; um fortalecimento dos sectores moderados e de direita nos órgãos do poder e um perigoso avanço da

Este avanço da reacção é o elemento mais preocupante da situação

Aliada na luta contra a esquerda aos sectores moderados do MFA e ao PS, a reacção apresenta agora crescentes exigências visando pôr em causa a própria revolução de 25 de Abril.

Não quero hoje aqui fazer a história ou uma apreciação de fundo desses acontecimentos.

Alguns ensinamentos desejo porém sublinhar.

O primeiro é que os acontecimentos comprovaram as advertências do PCP acerca dos perigos da divisão do MFA e dum eventual confronto violento e acerca da necessidade duma solução política negociada e de compromisso, em que o PCP insistiu mês após mês, dia após dia, desde o tempo do V Governo Provisório até ao próprio 25 de Novembro

O segundo é que os acontecimentos comprovaram tanto os perigos das alianças com a direita reaccionária, como os perigos do sectarismo, do radicalismo, do verbalismo pseudo-revolucionário, tendente a isolar as forças da esquerda e a conduzi-las a aventuras condenadas à derrota O terceiro é que o entendimento e a unidade de acção das forças

democráticas e progressistas, tanto militares como civis, a unidade de todos quantos querem impedir o regresso ao passado fascista, esse entendimento e essa unidade constituem um imperativo da hora presente para que possam fazer-se frente às reais ameaças de contra-revolução

Apesar das contradições, choques é conflitos existentes entre forças e elementos que têm participado nos órgãos do poder, designadamente entre sectores do MFA e das Forças Armadas, entre o PCP e o PS, continuamos a pensar ser necessário um entendimento e uma plataforma de todos na luta contra o inimigo comum e contra o perigo que a todos ameaça (o perigo da nova ditadura fascista), na luta para salvaguardar as liberdades e as outras conquistas da revolução, na luta para assegurar a construção do novo Portugal democrático e a defesa da independência

Seria o mais grave dos erros se tal ou tal sector militar ou tal ou tal partido, sobrestimando a própria força, procurasse impôr a sua hegemonia política nos órgãos do poder. Para que uma política democrática seja definida e aplicada com sucesso é indispensável que seja uma política definida em conjunto por todas as forças responsáveis (militares e populares), pelo MFA e pelos partidos democráticos

Vemos por isso com grande apreensão que se estejam a tomar importantes medidas políticas e económicas, com profundas repercussões em toda a vida nacional, sem que se procure previamente um entendimento ou acordo das forças participantes no processo revolucionário. Pode pensar-se que as decisões não discutidas, anunciadas de surpresa e de choque, são mais operativas.

Não deve porém esquecer-se que uma política só poderá ser olicada sob uma de duas condições: ou porque é imposta pela força ao povo contra a sua própria vontade. No primeiro caso teremos uma solução democrática. No segundo

uma ditadura reaccionária. O PCP pronuncia-se firmemente contra a instauração de qualquer nova ditadura, pronuncia-se pelas liberdades e a democracia e por isso sublinha os perigos que advêm da súbita adopção, sem entendimento ou acordo prévio, de amplas medidas económicas de carácter anti-operário e

antipopular a que estamos ultimamente assistindo.

Não devem ser os trabalhadores a pagar o preço das dificuldades

Antes que ninguém, o PCP advertiu da gravidade da situação económica e financeira e insistiu na necessidade de medidas urgentes. Sempre e infatigavelmente o PCP insistiu na necessidade de tapar o buraco de 50 milhões de contos existente entre a produção e o consumo. Insistiu na necessidade de se limitarem drasticamente as importações e os consumos de artigos de grande luxo, de se proibir a circulação de automóveis privados de alta cilindrada, de se levar a cabo uma verdadeira

campanha de poupanca dos recursos nacionais. Contra aqueles que hoje querem impôr uma política de fome, o PCP insistiu na necessidade de se travar a batalha da produção.

A reacção acusa os comunistas e as classes trabalhadoras de terem provocado as dificuldades económicas actuais e procura absolver os grandes capitalistas e os grandes agrários e apresentá-los, afinal, como vítimas dos trabalhadores

A verdade é naturalmente completamente contrária. Enquanto os grandes capitalistas, os grandes banqueiros, os

grandes industriais, os grandes armadores, os grandes agrários, sabotaram a economia, levaram para o estrangeiro milhões de contos, reduziram a laboração das fábricas, conduziram à falência centenas de empresas, provocaram o desemprego, enquanto estes grandes senhores se estabeleciam, em cidades estrangeiras, vivendo em palácios, comendo à tripa forra, gastando milhões roubados ao esforço, e ao estômago dos trabalhadores portugueses, os trabalhadores mantinham em laboração as empresas sabotadas e conduzidas à falência pelo patronato, e ocupavam terras abandonadas para nelas fazerem nascer novas searas,

sujeitando-se para isso a grandes canseiras e a grandes privações. O PCP tem a certeza de que os trabalhadores estariam dispostos a sacrifícios, se tal fosse necessário para aumentar a produção, criar condições de estabilidade económica, promover o desenvolvimento da indústria, da agricultura, da pesca, tudo para assegurar o futuro dos seus filhos e o bem-estar do país.

Mas os trabalhadores não podem aceitar passivamente que se agravem subitamente as suas condições de vida, no preciso momento em que se defende a manutenção dos altos rendimentos e dos altos vencimentos, em que há dinheiro para pagar a fascistas saneados, mas não há dinheiro para ajudar a formação de cooperativas de pescadores, em que se prepara o pagamento de grandes indemnizações aos grandes capitalistas e aos grandes agrários, em que se contraem grandes empréstimos com esse fim, em que milhares e milhares de parasitas que nada fazem de útil para o país, gastam em jantaradas, em pandegas, em passeatas, em jogatina, em deboches, gastam mais num dia do que um trabalhador ganha num ano inteiro, num ano de duro esforço, num ano de privações dos seus entes queridos, num ano em que numerosas vezes joga a própria vida, como é o caso dos pescadores

O que está a dar ao povo a hegemonia PS-PPD

Há quem tome a responsabilidade da política que faz. Há outros que fazem o mal e a caramunha. Responsáveis por uma política procuram sacudir a água do capote e lançár as culpas para terceiros

Ainda hoje, nos jomais, vem publicada uma nova nota do PS como tem sido publicadas outras do PPD em vez de apontar as responsabilidades dos grandes capitalistas, dos grandes agrários, dos grandes armadores, dos grandes exploradores como Henrique Tenreiro (que deixaram fugir numa altura em que gente progressista enche as prisões), novamente ataca as forças progressistas, dizendo que o PCP é responsável pelas dificuldades económicas actuais.



Alguns dos participantes na heróica jornada de há dezasseis anos, quando da célebre fuga do Forte de Peniche, estiveram presentes no comício realizado naquela vila

A esta campanha há que responder com algumas palavras. Nós os comunistas, embora nunca tivessemos tido no governo as pastas da economia e de finanças, sempre propusemos e lutamos por medidas concretas para vencer as dificuldades económicas, defendendo ao mesmo tempo os interesses dos trabalhadores e a construção duma ociedade mais justa a caminho do socialismo. Inversamente, o PPD e o PS de forma mais ou menos aberta, propuseram sempre uma política de defesa dos interesses dos capitalistas e agrários, uma política anti-operária e antipopular, uma política que visava sempre ganhar as boas graças do capital à custa dos sacrifícios do mundo do trabalho.

Agora que o PS e o PPD alcançaram a hegemonia no governo e o mando das pastas da economia e das finanças aí tendes a sua verdadeira política nua e crua.

Nós sabemos que aqui, nesta região, nas eleições de Abril passado muita gente votou no PS e no PPD, com a esperança de que esses partidos defenderiam os seus interesses. No concelho de Peniche votaram no PS 6600 pessoas e no PPD 2500. Houve pois muita gente que acreditou nesses partidos e nas acusações por eles lançadas contra os comunistas, como se os comunistas fossem os responsáveis de todas as dificuldades económicas.

Àqueles que, em Abril votaram PS e PPD, a essas pessoas enganadas, aqui dizemos: Ai tendes o que nos dão esses partidos. Ai tendes o congelamento de salários e o brutal aumento dos preços e dos

Aumenta dum pulo de 5\$00 em litro a gasolina e \$70 por quilo o fuel-óleo. Aumenta o preço dos bilhetes dos transportes em Lisboa, Porto e Coimbra (dos eléctricos, do metropolitano, dos taxis, dos barcos) Aumentam as tarifas dos correios e a taxa da televisão. Os jornais anunciam que se prepara o aumento do pão, da electricidade, da cerveja, do algodão, do cimento, da carne, do peixe congelado, do leite, do queijo,

Tudo aumenta e tudo vai aumentar, ao mesmo tempo que se decreta o congelamento da contratação colectiva, isto é, que se impede durante meses a actualização dos salários dos trabalhadores

Isto significa que as condições de vida dos trabalhadores irão piorar rapidamente. Significa que com o mesmo salário se comprará muito menos e cada vez menos do que se tem comprado.

Devo aqui dizer claramente, para evitar quaisquer especulações, que o PCP não foi ouvido nem achado para estas medidas, que não foi consultado, que nada tem a ver com elas e que portanto não assume a menor responsabilidade nem pelo que significam, nem pelas suas

Esta é a política económica do PS e do PPD. Não é a política económica do PCP

Podem a mentira e a demagogia enganar durante algum tempo as massas populares. Mas a verdade, mesmo que a procurem manter afundada na mais negra profundidade, acabará sempre por vir à tona de água, à luz do sol, e impôr-se a toda a gente de boa fé.

O PCP é o partido dos trabalhadores. É o partido da verdade. Apesar da grande campanha anticomunista, cada dia os trabalhadores, os camponeses, as massas populares, compreendem melhor e apoiam o Partido, que, em todas as circunstâncias, defende e defenderá os seus

Contra métodos de repressão para impor uma política antipopular

Para sair da profunda crise que se atravessa é necessário que a política adoptada pelo governo seja compreendida pelo povo e apoiada

Pode o povo apoiar uma política que, em vez de fazer pagar aos ricos o preço das dificuldades económicas e financeiras, procura que sejam os trabalhadores a pagá-las, congelando salários e provocando um súbito e brutal aumento dos preços? Não, o povo não pode apoiar tal política.

Pode o povo apoiar uma política que, em vez de claramente marcar como objectivo a consolidação das grandes conquistas da revolução, como as nacionalizações e a reforma agrária, é acompanhada de afirmações de dirigentes respnsáveis que começam a pôr em causa essas conquistas? Não, o povo não pode apoiar uma tal política.

Pode o povo apoiar uma política que, em vez de procurar atender aos interesses, às aspirações, ao sentir, às opiniões das massas trabalhadoras, se procura impor a estas por meios administrativos e ameaças de repressão? Não, o povo não pode apoiar tal política.

Pode o povo apoiar uma política que em vez de assegurar as liberdades as limite dia a dia? Não, o povo não pode apoiar tal política. E esta é, camaradas, uma das nossas justas preocupações. As preocupações em que alguém pensa impor uma política antipopular, uma política económica que faz cair sobre os trabalhadores todo o peso das dificuldades, uma política generosa para os ricos e dura e cruel para os pobres, que alguém pense impor tal política através da limitação das erdades e de medidas de repressão.

É certo que a batalha pela liberdade e pela democracia em Portugal, para ser vitoriosa, necessita que seja também vencida a batalha económica, a batalha para vencer a depressão, para vencer os deficits, para aumentar a produção. Há, porém, dois caminhos para vencer essa batalha económica

Um é com os trabalhadores. Outro é contra os trabalhadores.

Um é o caminho da recuperação do poder económico pelo capitalismo monopolista e pelos grandes agrários (e isso significa a instauração duma nova ditadura). Outro é o caminho da consolidação das reformas económicas (designadamente as nacionalizações e a reforma agrária) realizadas pela revolução, o prosseguimento da construção duma democracia política e duma democracia económica

O PCP continua a considerar inseparável a defesa das liberdades e a defesa das outras conquistas da revolução, designadamente as nacionalizações e a reforma agrária. Continuamos a considerar inseparável a construção duma democracia política e a construção duma democracia

Uma política económica antipopular será inevitavelmente acompanhada pelo recuros aos métodos repressivos, o que pôe em risco as próprias liberdades, a própria democracia em Portuga

E não só em nome dos interesses económicos dos trabalhadores e das mais amplas massas populares mas em nome da defesa das liberdades, que o PCP luta e lutará por uma política económica que faça pagar mais aos ricos que aos pobres o peso das dificuldades

É necessário salvaguardar as liberdades

É com profunda preocupação que vemos caminhar paralelamente medidas económicas antipopulares e tendências para limitações às liberdades e direitos dos cidadãos.

Que se passa nos órgãos de comunicação social?

Nós, os comunistas, nunca fomos partidários da anarquia, dos excessos de linguagem, do verbalismo irresponsável e por vezes provocatório. Com frequência criticamos as manifestações esquerdistas e aventureiras nesse sector. Mas sempre defendemos e continuamos defendendo as mais amplas liberdades democráticas e sempre nos manifestámos contra o controle governamental e o dirigismo partidário nos órgãos de informação do Estado.

Que vemos agora? Aqueles mesmo que acusavam o PCP de querer monopolizar os meios de comunicação social assaltam vorazmente a televisão, a rádio e os jornais, despedindo às dezenas jornalistas e trabalhadores cuja única falta é serem antifascistas e não serem do partido ou partidos assaltantes

Que se não diga que esses democratas são afastados das suas funções por estarem implicados nos acontecimentos do 25 de Novembro, quando na verdade, muitos deles nem sequer na altura estavam de

Nunca se havia assistido a uma tão completa tentativa de pôr ac serviço monopolista de uma direcção partidária, ao serviço dum partido ou partidos governantes (que hoje estão no governo, mas amanhã podem não estar) os grandes meios de informação pertencentes ao Estado,

Que sucedeu com os dois grandes jornais de Lisboa «Diário de Notícias» e o «O Século»? Pataca a mim, pataca a ti, os dois partidos que diziam defender o pluralismo, dispondo do poder no governo, fiçaram um com um, outro com outro, oficialmente

Jornais que custam ao estado milhares de contos cada mês são repartidos como presa de guerra por partidos do governo, que logo procedem à limpeza geral e nomeiam para directores e chefes de redacção sobrinhos e afilhados

Deve dizer-se que o PCP foi convidado a participar também na partilha do bolo, mas se recusou a participar como cumplice numa operação que na situação existente tinha como visível objectivo o abafar de importantes sectores progressistas da Informação e o assalto pelos partidos do governo aos meios de comunicação social do Estado

Não é com tais métodos que se assegura a liberdade e o pluralismo. Ao mesmo tempo que se desenvolve esta nova política de informação, desenvolve-se uma febril campanha contra as organizações. operárias, contra os sindicatos, contra as ligas dos pequenos e médios agricultores e multiplicam-se as afirmações e manobras de intimidação para aqueles que entendem que a democracia lhes dá o direito de ter e manifestar uma opinião, de estar de acordo ou em desacordo, de aprova ou de criticar, de se organizar, de defender os seus interesses, de se reunir, de manifestar-se.

Já se fala em eleições. Já está em princípio marcada data. Nós somos pela realização de eleições. Mas para que as eleições seiam verdadeiramente livres, para que o nosso povo possa votar em consciência, é necessário que se ponha prontamente fim à situação antidemocrática que existe em vastas zonas do país, é necessário que prontamente seja assegurado o exercício das liberdades e direitos dos cidadãos em todo o território nacional. Sem isso não poderá haver eleições dignas

Eu peço, camaradas, que ouçam com serenidade as palavras que vou dizer. Peço que contenham a indignação e que não se precipitem em palavras de ordem, gritos hostis a tal ou a tal força, ou tal ou tal homem palavras e gestos que poderiam não contribuir para vencermos as dificuldades que temos por diante num momento tão complexo e perigoso

como aquele que atravessamos. Refiro-me aos acontecimentos de Custóias e Caxias. O PCP, em nota da Comissão Política do Comité Central com data de ontem. reprovou severamente os acontecimentos, requereu um rigoroso inquérito aos acontecimentos e apelou aos responsáveis do MFA, das Forças Armadas, para que, a fim de assegurarem as liberdades, a ordem e a tranquilidade pública, sejam dadas ordens estritas, de forma a que tais actuações não voltem a repetir-se.

Os incidentes de Custóias e Caxias, entre muitos outros aspectos preocupantes, podem fazer surgir um perigo maior: contribuir para de novo cavar um fosso entre as massas populares e as forças armadas para destruir a aliança que está na raíz dos êxitos da nossa revolução e da sua defesa ao longo de mais de ano e meio, e que, hoje ainda, é a mais sólida base em que pode assentar a consolidação das liberdades e das outras conquistas alcançadas e a construção dum Portugal democrático a caminho do socialismo

Pela nossa parte, tudo fazemos e tudo faremos, para que, apesar da complexidade da situação, das contradições, dos choques e conflitos, essa alianca do povo com os militares se mantenha, se defenda, seia a melhor garantia do novo Portugal que despontou em 25 de Abril de 1974 depois duma negra noite fascista de quase meio século

A aliança povo-militares indispensável à democracia

O 25 de Abril de 1974, pela acção libertadora do MFA e das Forças Armadas, realizou um milagre que ninguém previa. Não apenas a reconciliação do povo com forças militares que haviam servido de suporte a uma ditadura fascista e a uma política de opressão e guerra colonial, mas a amizade, o respeito, a aliança Povo-MFA, irmanando povo e militares na mesma obra e na mesma alegria da libertação, na mesma obre de edificação duma vida nova, livre e feliz

Ao colocar os cravos nas espingardas, ao cobrir com flores os oficiais, sargentos, soldados e marinheiros, o povo propôs-se abrir uma nova época histórica, em que não mais as forças armadas seriam alheias ou opostas ao povo, mas parte integrante do povo, postas pela revolução ao

Um ano e meio de revolução, de esforços, de lutas, de realizações. mais fortalecem essa aliança, unindo na mesma aspiração geral e fundamental portugueses e portuguesas, fardados ou não. Em relação à GNR e à PSP, cujas tradições no tempo do fascismo

tinham cavado mais fundas feridas na memória do povo, cicatrizaram

muitas dessas feridas, factos novos aproximaram povo e militares, em muitas partes criaram-se relações de entendimento e apoio reciproco do povo com as forcas militarizadas.

É necessário que tão alta aquisição da revolução portuguesa se não perca por motivo das divisões e conflitos que surgiram com o MFA, por motivo dos graves acontecimentos e por acções inconsideradas.

Ao mesmo tempo que apelamos para as forças democráticas, para as massas populares, para que se não deixem arrastar pela exaltação esquerdista e provocatória (muitas vezes soprada pela direita) para formas de luta radicalizadas e muito menos para incitamentos a confrontos com forças militares e militarizadas, apelainos para o MFA para todos os dirigentes militares, para os oficiais, sargentos, soldados e marinheiros, para que se mantenham sempre ao lado do povo, para que em vez de reprimirem, assegurem, sempre e em todas as circunstâncias o exercício das liberdades e direitos dos cidadãos, que constituem um precioso bem, alcançado pelo povo português com a revolução do 25 de

movimento operário e popular o mais sólido baluarte da revolução

O movimento operário e popular é hoje o mais sólido baluarte das liberdades e da democracia

Contando a sua forte vanguarda revolucionária, com partidos e organizações políticas progressistas, assente em sólidas organizações de massas, no poderoso movimento sindical, nas Ligas de Pequenos e Médios Agricultores, numa ampla e mobilizadora rede de Comissões de Trabalhadores, Comissões de Moradores, Assembleias Populares e outras formas de organizações unitárias de base, em movimentos diversificados muito diversos - da juventude, das mulheres, da paz e outros - o movimento operário e popular aparece como uma corrente social e política vasta e coesa, unida por razões objectivas, por interesses

Por isso a reacção se esforça por dividir, desorganizar e enfraquecer o movimento operário e popular. E por isso todos os revolucionários, todos aqueles que querem salvaguardar as liberdades, têm de, como um dos deveres supremos da hora presente, tudo fazer para consolidar e reforçar a coesão e a unidade desse grande e poderoso movimento de massas Consolidar e reforçar a coesão do movimento sindical como uma

política de classe liberta da estreiteza sectária. Consolidar e reforçar a coesão e a actividade das organizações

Consolidar e reforçar a coesão e intervenção mobilizadora e criadora dos organismos unitários de base.

Na grande frente social interessada na revolução, estão interessadas a classe operaria, os empregados, os pequenos e médios agricultores industriais e comerciantes, a intelectualidade, os artesãos, todas as classes e camadas não-monopolistas.

Só não estão interessados na revolução os grandes capitalistas e os grandes agrários. Estes constituem a base social da reacção e do fascismo. Com estes não há compromissos possíveis, porque são o inimigo jurado das liberdades, os exploradores impiedosos dos trabalha-

dores e das mais vastas massas da população. Com a sua propaganda mentirosa, a reacção consegue enganar muitos pequenos e médios agricultores. Consegue convencê-los de que os comunistas são os responsáveis das suas dificuldades, de que os comunistas lhes querem tirar às terras e outros bens. É necessário levar a verdade até aos pequenos e médios agricultores. E a verdade é que são os grandes capitalistas e os grandes agrários os seus verdadeiros inimigos. São os grandes capitalistas e os grandes agrários que os exploram, que lhes emprestam dinheiro a elevados juros, que lhes impedem o acesso aos mercados porque os querem só para si, que lhes impôem altos preços dos produtos necessários à agricultura, que no fim de contas os condenam às dificuldades e muitas vezes à ruína. E os seus verdadeiros aliados, os seus verdadeiros amigos, são os trabalhadores da cidade e do campo, e com eles os comunistas

Os perigos existentes tornam hoje mais do que nunca necessária parte quaisquer tendências sectárias, dar provas de compreensão para com os aliados, desenvolver uma acção persistente, paciente, firme e confiante, para unir na luta pelos objectivos da revolução todos os que estão nela interessados e são a maioria esmagadora da população

O PCP ao serviço do povo e da pátria

Na unidade da classe operária e das massas populares, na unidade de todas as forças democráticas o PCP representa um decisivo pape Um novo Portugal democrático não se pode construir sem o PCP, sem a intervenção e a acção dos comunistas em todos os aspectos e

níveis da actividade nacional, incluindo na acção governativa Como sabeis, está em discussão a recomposição do VI Governo Provisório. Como também sabeis, o PCP participa nas conversações que se estão a realizar com esse objectivo.

Existe o risco, se não se chegar a um acordo, de nova e ainda mais acentudada guinada para a direita. Por isso, fazemos todos os esforços para que isso não se dê. Discutimos com paciência e procuramos chegar a um acordo. Para uma política que sirva o nosso povo. Para podermos ser úteis à revolução

O povo trabalhador conhece os comunistas e tem confiança nos O PCP nunca apoiará uma política dirigida contra os trabalhadores

contra os operários e os camponeses do nosso país O PCP nunca apoiará uma política dirigida contra as liberdades alcancadas com o 25 de Abril.

O PCP nunca apoiará uma política de obscurantismo, de mentira, de desinformação, de estrangulamento cultural e artístico.

O PCP nunca apoiará uma política lesiva dos interesses do nosso pais e atentatória da soberania e da independência nacional Podeis estar certos. Onde quer que esteja um membro do PCP, seja

nas fábricas, seja nos campos, seja nos portos, seja em que lugar de trabalho seja, seja no próprio governo, ele está aí para defender os interesses populares e nacionais, para defender a liberdade, a demo-cracia, a paz, a independência de Portugal.

Hoje, dia 3 de Janeiro, viemos aqui porque passaram precisamente 16 anos desde a fuga do Forte de Peniche de uma dezena de militantes do PCP, entre os quais eu próprio me encontrava.

Esses homens não arriscaram a vida e não fugiram do forte para tratarem da sua vida pessoal. Arriscaram a vida e fugiram do forte para voltarem à luta nas fileiras do seu Partido, para de novo mergulharem nas dificuldades e nos constantes perigos da vida clandestina, para de novo se colocarem ao lado da classe operária e do povo português na luta pelos seus interesses vitais e pela conquista da liberdade, para de novo arriscarem a liberdade e a vida se necessário, ao serviço do povo e da

Depois da fuga, alguns desses camaradas cairam de novo nas mãos da PIDE, foram torturados, novamente condenados a longos anos de

O povo conhece os seus amigos, não nas horas fáceis da vitória, em que se multiplicam o número de oportunistas, mas nas horas difíceis, nas horas de perigo, nas horas em que servir o povo pode significar viver ou

A classe operária, os pescadores, os camponeses, os intelectuais, a juventude, as mulheres, os pequenos e médios agricultores, comerciantes e industriais, todos os explorados e oprimidos, todas as vitimas das discriminações e injustiças, podem estar absolutamente certos de que o PCP, os seus militantes, os seus dirigentes, tal como no passado, estarão hoje e estarão sempre, em quaisquer circunstâncias, nas horas boas e nas horas más, sejam quais forem as provas que lhes sejam exigidas, mesmo que isso lhes custe a vida, estão e estarão sempre ao serviço do povo trabalhador, ao serviço da causa da liberdade, da democracia, do

O PCP apela para a unidade dos trabalhadores, para o reforço da aliança da classe operária com o campesinato, para a unidade de todos os homens e mulheres democratas e progressistas, para a consolidação da unidade do MFA, para a criação duma ampla frente que se oponha firmemente às ameaças da reacção, que impeça o regresso ao passado fascista, que assegure a defesa das liberdades, das nacionalizações e da reforma agrária, que torne irreversível a construção do novo Portugal democrático, a caminho do socialismo.

Viva a Revolução Portuguesa! Viva a unidade da classe operária e a unidade das massas populares! Viva a unidade de todas as forças democráticas e progressistas! Viva a alianca Povo-MFA!

Viva o Partido Comunista Português!



UEC ANALISA A SITUAÇÃO NO

Através de uma análise da situação criada nas escolas após os últimos acontecimentos políticos, a U.E.C. elaborou um documento onde se apontam as tarefas dos estudantes integrados no movimento estudantil e no processo revolucionário

Numa reunião efectuada no dia 20 de Dezembro de 1975, a Cornissão Central da União de Estudantes Comunistas (UEC), após amplo debate sobre a situação do movimento estudantil, as ameaças e inimigos que enfrenta e a sua acção, elaborou um documento fundamental para todos os estudantes progressistas, onde se salienta a necessidade da juventude portuguesa, através de um amplo movimento unitário, se integrar plenamente nas lutas dos trabalhadores e assegurar ao mesmo tempo as conquistas já alcançadas no ramo do ensino.

A análise política que a Comissão Central da UEC desenha no início do seu documento, a par do quadro político, reflecte os sentimentos que animam os estudantes revolucionários e sua inalienável determinação em defesa dos ideias democráticos:

O afastar do perigo da contra-re-volução fascista e a defesa das liberdades, a defesa das outras conquistas revolucionárias do nosso Povo, a unidade de todos as forças sociais e políticas, civis e militares, interessadas nesse objectivo - tais são as tarefas e o caminho apontado pelo CC do PCP para que seja assegurado, com 'exito, a continuação da revolução a caminho do socialismo.

Esta situação exige, hoje como sempre, que o Movimento Estudantil fortaleça a sua unidade combativa com o povo trabalhador, com o movimento operário e popular em torno da defesa das liberdades, no combate à contra-revomentos à esquerda e pelo fim das perseguições políticas a militares e civis revolucionários por motivo e a pretexto dos acontecimentos do 25 de Novembro; pela defesa da ordem democrática e a garantia do exercício dos direitos e liberdades dos cidadãos em todo o território nacional.

A manifestação dos estudantes de Coimbra em 27 de Novembro e o desenvolvimento de um amplo movimento de opinião nas 3 Academias, pela libertação dos militares revolucionários presos, são um testemunho claro de que os objectivos políticos imediatos do movimento popular ganharão as escolas é as massas estudantis.

Os estudantes comunistas, por intermédio deste documento, denunciam a actividade contra-revolucionária de organizações abertamente fascistas ou com capa de esquerdistas que utilizando os esmos métodos, desencadearam, logo após o 25 de Abril, accões comuns de sabotagem às conquistas democráticas (gesdtão impediram o completo sáneamen-

VITÓRIA DO POVO EM ALJUSTREI

Perante a paralisação de trabalho dos mineiros de Aljustrel, o VI Governo Provisório foi obrigado a satisfazer as reivindicações apresentadas pelos trabalhadores que exigiam nomeação da Comissão Administrativa para a Empresa Piri-

geral de trabalhadores realizada em 13 de Dezembro, fo decidida a paralisação de duas horas caso o Governo Provisório não respondesse, no prazo de quinze dias, concedido pe los operários, relativamente à nomeação da Comissão Admi-

Como tal não se verificasse a paralisação que se registou abrangeu a quase totalidade dos 800 trabalhadores - mineiros e administrativos - apenas se verificando dois «furas» - um motorista e o seu ajudante. Ao esmo tempo, as Comissões de Moradores de Aliustrel reuniam em assembleia com um total de trezentas presenças e davam o seu apoio à luta dos

A decisão dos trabalhadores resulta do facto de há alguns meses de luta junto das entidades governamentais, o Governo não ter nomeado qualquer administração, permitindo que o director da empresa possa cometer as mais flagrantes injustiças para com os trabalhadores. Mas a unidade dos trabalhadores dos vários sectores de actividade consequiu a

democráticos, o assalto aos orgãos de controlo estudantil por parte destas forças reaccionárias constitui um dos muitos factores que tem dado origem à indignação de estudantes progressistas, alia-dos do povo trabalhador na luta contra o fascismo e a exploração

Em Castelo Branco, Santarém Porto, Coimbra e mesmo em Lisboa, a acção conjunta de elementos contra-revolucionários ameaça estudantes progressistas, contraria as decisões tomadas em plenários democráticos, boicota ac-ções e iniciativas, fomenta os ataques à vida democrática nos estabelecimentos escolares.

E salienta o documento da UEC: Em contrapartida, nas escolas onde domina a direita, como a Faculdade de Direito de Lisboa ou o Instituto Superior Técnico, o caos pedagógico é total, pois aí os fascistas jogaram abertamente na degradação das condições de ensino, procurando ao mesmo tempo responsabilizar o processo revolucionário pela situação dessas

O MEIC

NAO SERVE

OS INTERESSES

DOS ESTUDANTES

Por outro lado, o MEIC e muito

especialmente alguns dos seus sectores, revela-se incapaz de fa-

zer frente aos mais graves proble-

mas que afectam o ensino na sua

globalidade, facilitando objectiva-

mente a ofensiva reaccionária nos

Medidas como a reintegração de

elementos comprometidos com o

regime salazarista, a concreti-

zação de saneamentos à esquer-

da, a suspensão da Rádio Estu-

dantil e outras, transformam a polí

tica do MEIC em apoios e estimu-

los para os bandos de fascistas (e

respectivos lacaios) prosseguirem

a sua acção terrorista e provoca-

Segundo o documento da Co-missão Central da UEC, são de

salientar «as medidas de selecção

com carácter profundamente de

classe, elitista e até repressivo,

que estão a ser utilizados pelo

actual ministério como tentativa

para resolver o grave problema da

superlotação. O número clausus

não só para Medicina como para

diversas outras faculdades é uma

ameaça real e grave que paira sobre os estudantes. Neste con-

texto se inserem asrecentes deci-

sões de mandar para o Serviço

estabelecimentos de ensino.

to de elementos comprometidos com o fascismo e promoveram a reintegração de saneados.

Inserido nos seus intentos anti-

stas nos liceus e nas escolas.

DO MOVIMENTO **ESTUDANTIL** A ameaça do fascismo e as

Medicina de Lisboa, mas também

clarações do Sr. Brotas, secretário

A FORÇA

todas às infames e ultrajantes de-

de Estado do Ensino Superior.»

medidas repressivas e antidemocráticas que se têm abatido sobre o Movimento Estudantil não conseguem quebrar a flexibilidade e a diversificação da actividade organizada dos estudantes. As experiências. vindas do tempo da ditadura fascista e a força unitária do ME, constituem, na verdade alicerces da lutà antifascista encetada pelos estudantes progressi-

A luta no Ensino Secundário pela reabertura das aulas e contra a superlotação, a luta contra o serviço cívico e a luta dos estudantes de Medicina de Lisboa são a prova bem evidente da vitalidade e da força do Movimento Estudantil

Aproxima-se um período de grande actividade eleitoral nas escolas. Os estudantes revolu-

cionários devem unir todos os seus esforços para a elaboração de listas onde imperem os fundamentos democráticos e unitários, para que o Movimento Estudantil saia, desta fase mais forte e coeso.

O documento da Comissão Central da UEC refere-se ainda à actividade das Associações de Estudantes como centros de toda a vida cultural e desportiva nas escolas (em estreita ligação com os órgãos unitários de base das populações) e instrumentos de salvaguarda dos interesses das camadas

Associações como a de Direito e do IST, que não são mais do que delegações dos grupelhos provo-cadores e centros irradiadores da contra-revolução, constituem situações que têm de ser resolvidas.

A Reforma Geral do Ensino, o reforço a nível global de todo o movimento associativo e a defesa das conquistas democráticas já alcançadas continuam a nortear toda a actividade dos estudantes

Combatento às concepções sectárias e caminhando lado a lado com a classe operária, a UEC, vanguarda revolucionária dos estudantes portugueses, saberá que lhe cabe na Revolução

No passado domingo, às 19 e 30, a pacata vila de Casais, no concelho de Monchique, foi invadida pelos reaccionários da sede Casais. Com o pretexto de irem «à procura de armas», arrombaram a porta da cooperativa e espancaram quem encontraram na sua frente. Chegaram mesmo a atravessar um automóvel na frente da camioneta de um conhecido antifascista e fizeram-no saltar da cabina, após o que o espancaram. A desordem durou até

à 1 e 30 da madrugada com gritos de morte aos comunistas. Tudo isto teve origem numa reunião que horas antes se realizou na cooperativa, na qual participou grande parte da população local que quer sair da alçada dos caciques da região. Estes vendem as coisas ao preço que querem e a quem querem.

A ideia da cooperativa de consumo, podendo estender-se à criação de cooperativas de produção, constitui uma ameaça para os intermediários, que têm vindo a instalar no concelho um verdadeiro clima de terror

COMUNICADO DO PCP

Entretanto, a Comissão Concelhia de Monchique do nosso Partido emitiu um comunicado acerca dos acontecimentos no qual alerta para os actos de violência e terrorismo.

Afirma-se a determinado passo do comunicado «Mais uma vez os mosqueteiros de Monchique e os seus acólitos de Portimão se dedicaram a actos de vandalismo, agora contra a cooperativa de Casais. Esta cooperativa foi o alvo, mas a história vem de longe: com intimidações, com espancamentos, querem os «amantes e defendores da democracia pluralista» fazer reinar em Monchique «a ordem e a disciplina reaccionária» que os senhores José Loulé, Rogério Gervásio, José de Sousa Chaparro, José Manuel Nobre Furtado e José Boaventura Duarte (estes três últimos destacados dirigentes locais do PPD) querem fazer reinar

E, mais adiante: «A Comissão Concelhia do PCP alerta todos os antifascistas para que não permitam que Monchique seja o Rio Maior do Algarve. Passividade da GNR perante as desordens que estes arruceiros têm provocado no concelho»

Lénine **QUESTÃO AGRÁRIA** Leniniana

Título: A Questão Agrária; Autor: V. I. Lénine: Colecção:

Leniniana; N.º 1; Preço: 60\$00; Código: 12.01

MANIFESTO DO PARTIDO COMUNISTA K. Marx - F. Engels



aconselhado aos estudantes de HISTÓRIA e de FILOSO-FIA das universidades e

Compre nas livrarias ou peça à Editorial «Avante!» Av. Santos Dumont, 57-2.°

Lisboa 2

A melhor e mais completa edição do «Manifesto», a única edição crítica em língua portuguesa

Preço

edições awante!

30\$00

COOPERAÇÃO ECONÓMICA LUSO-ROMENA

No prosseguimento da sua política de cooperação e não ingerências nos assuntos internos de cada país, a Roménia estreita amplas relações económicas com Portugal

sário da proclamação da República Socialista da Roménia, o camarada Marin Iliescu, embaixador deste país em Lisboa, recebeu no passado dia 29 de Dezembro os órgãos de Im-

O significado histórico e culminaram na libertação do povo romeno, a sua actividade (económica, social, cultural e política) nestes últimos anos e menas, foram os principais aspectos abordados neste encontro com os jornalistas por-Depois de se ter referido ao

papel desempenhado pela Imprensa na divulgação das tarefas realizadas pelos trabalhadores romenos, da sua política interna e externa e da sua civilização, o diplomata romeno historiou em linhas gerais as fases que antecederam o 30 de Dezembro de 1947.

«A abolição da monarquia, fruto da luta dirigida pelo Parti-do Comunista Romeno – afirmou o camarada Iliescu - foi acontecimento duma grande importância na história contemporânea da Roménia. O período depois de 23 de Agosto de 1944 - data de libertação da Roménia da dominação fascista caracterizou-se pelas grandes lutas revolucionárias pela reedificação da economia nacioe sociais de carácter democrático e revolucionário...»

A insurreição nacional antifascista e anti-imperialista de 23 de Agosto de 1944 inaugurou um período de profundas mudanças renovadoras, marcando o começo da revolução popular na Roménia e abrindo as perspectivas à orientação socialista, que se viria a desenhar mais tarde

Em 12 de Setembro, a Roménia assinou em Moscovo a convenção de armísticio com as Nações Unidas. Os exércitos romeno e soviético travam sangrentos combates contra as hostes nazis, nos territórios da Hungria e da Chescolovaquia. O fascismo hitleriano é afastado da Europa.

Nas novas condições as massas populares, sob a direcção do PCR, passaram à aplicação na prática de alguns objectivos ra-

Na passagem do 28.º aniver- munistas romenos uma nova organização das forças democráticas e patrióticas na Frente Nacional Democrática (FND).

Em Janeiro de 1945, a unidade do movimento sindical foi refeita pela criação da Confederação Geral do Trabalho e, entretanto, o proletariado rupolítico das diversas etapas que ral, apoiado pelos operários, esboça os primeiros movimentos para a Reforma Agrária. Sob a pressão da luta das massas, os governos reaccionários, as relações bilaterais luso-ro- dirigidos pelos generais Sanatescu e Radescu, foram afastados do poder e em 6 de Março de 1945 foi formado o Governo democrático presidido pelo Dr. Petru Groza. Alguns membros da FND, assumem, neste peri

> vernativo. Um horizonte progressista abre amplas perpectivas para o povo trabalhador da Roménia. Em 22 de Março de 1945 foi legislada a Reforma Agrária que distribui aos camponeses pobres mais de 1 100 000 hectares de terra, liquidando-se, deste modo, os vestígios da grande propriedade na agricul-

odo histórico, cargos de re-

sponsabilidade no aparelho go-

Em Outubro de 1945 realizou-se a Conferência Nacional do Partido Comunista Romeno que colocou no centro das suas preocupações a reconstrução e o desenvolvimento da economia nacional, com base no innal, pelas reformas económicas cremento da indústria, principalmente a pesada, o melhoramento das condições de vida da população e o reforço da unidade da classe operária e de todos os trabalhadores.

Após a realização das primeiras eleições parlamentares do pós-guerra, em que o bloco dos Partidos democráticos (união das forças progressistas dirigida pelo PCR), venceu com larga margem, foram tomadas sucessivas medidas tendentes à tomada do poder pelos trabalhadores A consolidação do regime

democrático a caminho do socialismo fez com que, em 30 de Dezembro de 1947, o rei Miguel abdicasse, tendo-se proclamado em seguida a Repúbli-ca Popular da Roménia. A Assembleia dos Deputados assumiu o poder legislativo enquanto não foi formada a Assembleia Legislativa Constituinte Uma mesa presidencial (presi-Em Outubro de 1944, reali- dium) da República recém-forzou-se sob a direcção dos co- mada toma o poder executivo ções com o exterior.»

através de cinco membros. O Governo será constituído pelo Social-Democrata, pelo Partido Comunista Romeno, pelos Sindicatos e pela Frente dos Lavradores.

UM POVO QUE CONSTRÓI O SOCIALISMO

O camarada Iliescu falou, em seguida, das realizações do seu país nestes últimos anos, detendo-se em particular no plano principal que dominou a vida económica romena de 1971 a

«Em 18 de Dezembro de 1975, o presidente da República Socialista da Roménia falou na sessão da nossa Grande Assembleia Nacional, salientando as grandiosas realizações do povo romeno durante o quinquénio de 1971 a 1975 e sobre a política externa da Roménia, em serviço da paz e da cooperação internacional.

«O camarada Nicolau Ceausescu salientou que o Quinquénio se caracterizou por um desenvolvimento impetuoso da base técnica e material da sociedade, pelo aperfeiçoamento contínuo das relações de produção e sociais, pelo desenvolvimento harmonioso de todos os ramos da economia nacional e pelo crescimento poderoso da riqueza nacional.»

Em relação aos objectivos atingidos neste último plano, o embaixador romeno diria ainda:

«...O plano foi concluido cinco meses mais cedo, em comparação com os Directivos do Décimo Congresso e com dois meses de antecedência em relação às previsões estabelecidas no plano. «Realizou-se um vasto pro-

grama de investimentos, que assumiu o montante de 1 086 000 000 de contos. Neste período foram construí das mais de 2 200 unidades industriais e agropecuárias. A produção industrial aumentou em cerca de 84% em relação a

«Ao mesmo tempo – prosseguiu o camarada Iliescu – assistiu-se ao desenvolvimento do ensino, das ciências e da cultura e da democracia socialista, não obstante a crise do capitalismo, que se tem reflectido na Roménia, devido às rela-

No sector da política internacional o embaixador romeno expôs claramente as linhas que orientam e definem a actividade da Roménia, numa óptica unitária e com base no respeito pelos princípios da não-ingerência, da vantagem mútua e da soberania nacional.

«Um dos problemas fundamentais da época contemporânea, da qual depende directamente o desanuviamento. a paz e a cooperação internacional é a liquidação do subdesenvolvimento», afirmou o embaixador romeno.

ACORDOS COMERCIAIS FOMENTAM A **ECONOMIA PORTUGUESA**

As relações luso-romenas, segundo o panorama traçado pelo camarada Iliescu e o adido comercial Vasile Voicu, irão desenvolver-se, prevendo-se até 1980 a comercialização de um milhão de contos em trocas comerciais. A par destes acordos, a Roménia já nos concedeu um empréstimo de dois milhões e meio de contos destinados ao fomento das industrias petroquímica, metalomecânica e de exploração do

O adido comercial referiu também que a Roménia comprará a Portugal 20 mil toneladas de folha-de-flandres e mil e quinhentas de conservas de peixe, além de cortiça e pasta para papel. Outros produtos de origem portuguesa - maquinaria para instalações portuárias e estaleiros navais - vão ser adquiridos pelo governo romeno.

A Roménia dará também o seu contributo para a Reforma Agrária e Pecuária no nosso país, inserido no Tratado de Amizade e Cooperação assinado entre os dois países que, conforme focou o camarada Marlin Iliescu, abre largas perspectivas à colaboração entre Portugal e a Roménia, sempre na base dos princípios da não ingerência, vantagem mútua e direito dos povos decidirem livremente dos seus destinos.

No âmbito dos acordos que agora estão em vias de conclusão, num futuro próximo, barcos romenos virão a ser preparados em estaleiros portugueses.

molde a contribuir para recuperar

algum do atraso crónico e prover-

bial que vinha do fascismo, em que

havia mais a preocupação de dar

Assim, além das realizações do

ENDO e do Juvendo, bem como da

criação do Movimento Voluntário

Desportivo, deve referir-se o apoio

técnico e económico aos pequenos

clubes e outras iniciativas no

espírito da democratização do de-

sporto. Citemos a formação de

6.000 animadores no âmbito dos

planos de desenvolvimento. A

nível de Secretaria de Estado e da

Direcção-Geral foram assinados

nas vistas do que realizar.

ALGUNS ASPECTOS DO ANO DESPORTIVO

Estão a dar-se passos importantes para uma tomada de consciência do significado do desporto como direito do povo e como factor educativo

No âmbito de mais um ano do nosso processo revolucionário, o desporto no nosso país traduz-se por aspectos muito positivos, sobretudo no que diz respeito à dinamização duma prática de massas. Uma constante: a de que a recuperação do atraso acumulado que o fascismo nos legou só poderá ser ultrapassado na medida do avanço dos restantes sectores da vida social, um vez que o fenómeno desportivo está naturalmente condicionado por rações de base. Dir-se-á que os problemas do desporto e da educação física não são prioritários. Em princípio assim é. Mas cabe perguntar: não são prioritários em relação a quê? Não o são com certeza em relação à Reforma Agrária e à melhoria das

BOLETIM -

«Todo o agitador deve dizer [aos operários e camponeses] o que é preciso saber, que brochura, que livro eles devem ler para se

APRENDER...

Estas palavras de Lénine exprimem uma extgência fundamental que se põe a todos quantos, de uma forma ou de outra, estão empenhados nd processo revolucionistio que porá fim à exploração do homem pelo homem. Veiculo da experiência adquirida e programa de açção — não se aprende somente com o conhecimento da experiência do passado, mas igualmente com o que, na base da reflezão sobre electrom o que, na base da reflezão sobre el com o que, na base da reflezão sobre el LVRO é uma ferrament indispensável para a construção do

agem do capitalismo ao socialismo são litadas pela história, isso não significa

Lisboa - Av. Santos Dumont, 57-2.º

Telef. 769751

Porto - R. Aviz. 26 Telef. 02-313399

condições de vida das classes trabalhadoras. Mas deverão sê-lo em relação a outras coisas se tivermos de considerar a prática do desporto como direito do povo e como factor educativo indispensável à juventude

Numa visão necessariamente rápida de mais uma época desportiva, temos de convir que os clubes (grandes e pequenos) de futebol constituem de facto as células duma modalidade em que possuimos prestígio internacional. Mais: para um desporto em profundidade, e tendo em conta a nossa realidade, temos de partir desses clubes, proceder a uma reconversão onde for caso disso e os respectivos associados o julgarem conveniente para que em vez de

edições

instrumentos de relações públicas e promoção económica de banqueiros ou construtores, esses clubes se transformem em escolas de convivio fraternal e de prática desportiva humanistica. A nível de alta competição temos

que o Benfica (campeão nacional), Boavista (vencedor da Taca e neste momento «leader» do campeonato) e Belenenses (vencedor da Taça Intertoto) se evidenciaram no plano internacional.

Por outro lado, em numerosos clubes da II e III Divisões aponta-se já para formas diferentes de actuação e em muitos outros estão a ser criadas secções culturais que funcionam paralelamente com as modalidades desportivas. Em certo sentido caminha-se para a ultrapassagem da confusão entre força regional e força clubística, como acontecia antes do 25 de Abril.

vários protocolos com paises socialistas (Cuba, Roménia, Bulgária

ACTIVIDADE DO INATEL

Digno de realce o papel do INA-TEL no capítulo da renovação desportiva dentro dos limites que lhe são característicos. A delegação de Coimbra, por exemplo, esteve empenhada na realização de Torneios Abertos extensivos a todas as modalidades, os quais tiveram (e têm) o apoio da Direcção-Geral de Desportos, a participação da Associação Académica de Coimbra, Liceus, Escolas, Região Militar do Centro (GNR, PSP, CICAFF, etc.) e União dos Sindicatos de Coimbra.

Estas iniciativas do INATEL subordinam-se à consigna «Não ao desporto pelo desporto, mas desporto como direito do povo». Para tanto, o INATEL tem vindo a formar monitores, treinadores, árbitros, médicos (medicina desportiva) etc., segundo uma concepção democrática que contraria a existência dum lugar ao sol apenas para um punhado de burgueses. E cabe perguntar: será esta política antifascista uma das razões que determinou o tal inquérito ao INATEL?

O IMPULSO DA DGD

Para além da observação crítica (salutar) que consiste em apontar um certo desfazamento entre a teorização excessiva e a prática desportiva, não é exagerado afirmar que a actividade da DGD foi de e URSS) que começarão a vigorar no ano agora iniciado INTERCÂMBIO

INTERNACIONAL

No plano internacional, no que se refere às relações com os pai-ses socialistas, e sabendo-se que este é um dos aspectos mais válidos da prática desportiva, teve papel de relevo o andebol. Uma selecção de jovens entre os 17 e os 20 anos regressou recentemente da URSS, onde se deslocou a convite dos soviéticos. Segundo os responsáveis portugueses, esta deslocação foi útil sob todos os aspectos. Antes, tinha-se deslocado uma outra selecção, também a convite da União Soviética e por intermédio do INATEL, em correspondência com a selecção da URSS que havia visitado Portugal para alguns encontros a nível de seleccões nacionais.

Inolvidável foi sem dúvida a digressão da equipa de ginástica, também da União Soviética, e que se exibiu em várias cidades do

No que respeita ao futebol, além da visita graciosa do Chermorech, de Odessa, que disputou um encontro amistoso com o Belenenses, tivemos a vicita dos húngaros do Vasas, numa iniciativa conjunta da INATEL e da Intersindical. A título de competições oficiais rece-bemos a visita da equipa nacional da Checoslováquia e do Ujpest, da Hungria, para o jogo com o Benfica a contar para a Taça dos Campe-

ões Europeus. No que respeita ao intercâmbio desportivo com os países socialistas deve mencionar-se ainda como facto significativo do ano de 1975, a participação duma equipa de ciclismo portuguesa na Volta à Bulgária, estando prevista igual participação para o ano corrente.

UNITA? Quem querem enganar?»

República da Guiné refere-se de-

moradamente nas suas declara-

ções ao «Acordo da Ilha do Sal»

entre Mobutu e Spinola para de-

nunciar os interesses imperialistas,

sobretudo no que respeita à explo-

A propósito, o presidente da



O vice-ministro do Comércio Externo da União Soviética, camarada Alexei Manzhulo, à sua chegada ao aeroporto de Lisboa

DELEGAÇÃO ECONÓMICA DA URSS EM PORTUGAL

Encontra-se entre nós uma delegação económica soviética, chefiada pelo vice-ministro do Comércio Externo da URSS, Alexei Manzhulo, a fim de serem estudadas e conseguidas melhores condições comerciais, económicas e científicas entre os dois países

O vice-ministro soviético comerciais e de cooperação desequilíbrio da balança de encontrar noutros mercado Comércio Externo, económica, técnica e cien-Alexei Manzhulo, que chefia a delegação económica da União Soviética que se deslocou ao nosso país para tomar parte nos trabalhos da Comissão Mista Sovietoem Setúbal, e à herdade resultarem das reuniões de «Chaminé», em Mora.

Materializando os resultados da visita do Presidente soviética começou anteon-Costa Gomes a Moscovo, tem os seus trabalhos e o segundo acentuou o repre- vice-ministro Alexei Mansentante oficial soviético, à zhulo manteve contactos que me parece clara e que sua chegada ao aeroporto de com o ministro e o secretário Lisboa, na segunda-feira de Estado do Comércio Expassada, vai ser estudada a terno e ainda com os minisforma de se conseguirem tros da Agricultura e Pescas melhores condições comer- e dos Transportes e Comu- Suponho mesmo que podeciais, económicas e cientí- nicações. ficas entre a União Soviética

A delegação económica sovietica foi recebida no aeroporto pelo embaixador da URSS em Lisboa, Arnold Kalinin, e pelo secretário de

Nos trabalhos que estão a decorrer serão examinados lientou que os vinhos portuos problemas relativos ao gueses comprados pela acordo comercial concluído União Soviética foram pa- Portugal encontrara napelos dois países em Dezem- gos a um preço superior aos quele país a possibilidade de bro de 1974, particular- que foram oferecidos pelos adquirir determinados mente o que diz respeito ao concorrentes e, mais produtos, alguns dos quais os aspectos do negócio que incremento das relações adiante, referindo-se ao eram muito difíceis de pretendem fazer.

tífica, o intercâmbio de relação a Portugal, resultécnicos e a eventual assinatura de contratos bilaterais soviético e que constitui o

sábado, ao seu país, o minis--Portuguesa, visita esta ma- tro soviético terá uma entrenhã os estaleiros da Lisnave vista com o primeiro-minise a fábrica de cortiça Mun- tro, pelas 17 horas, depois em contrapartida nada nos det. À tarde, deslocar-se-á de se ter procedido à assina- compravam, o dr. Mário Ne- mente, na União Soviética, aos estaleiros da Setenave, tura dos textos oficiais que ves afirmou: trabalho efectuadas.

A VERDADE É QUE **EXPORTAMOS**

Numa entrevista concedi-Estado do Comércio Ex- da à Agência Novosti, o terno português, dr. Antó- embaixador português em mil contos para um milhão e nal». nio Barreto, e ainda por Moscovo, dr. Mário Neves, vários representantes de focou alguns aspectos das diversos departamentos relações económicas entre os dois países.

Entre outros assuntos sa-

pagamentos que existe em tante da compra de petróleo de exportação e importação. cavalo de batalha do anti-Antes de regressar, no comunismo que esquece deliberadamente o facto de anteriormente comprarmos petróleo a outros países que

observam-me que a nossa Entretanto, a delegação balança está desequilibrada, gravemente desequilibrada em relação a Portugal. Eu faço apenas uma observação poderia confirmar-se mediante uma simples operação aritmética: a verdade é que nos exportamos para cá esquecer que na altura do 25 de Abril os nossos negócios com a União Soviética se cifravam em oito mil contos. Passámos, portanto, de oito quinhentos mil...»

PERSPECTIVAS

Referindo-se depois ao petróleo comprado à União Soviética, especificou que

dos, devido às circunstâncias da conjuntura, o que se passava com o petróleo. Por último e abordando as possibilidades de comércio

com a União Soviética, o dr. Mário Neves afirmou estar convencido «de que Portugal pode encontrar nos países socialistas e, nomeadaperspectivas extraordinárias «Dizem-me, no entanto, e de desenvolvimento muito maior para a expansão dos nossos produtos. Basta, em grande parte, que os nossos exportadores, que as nossas organizações de exportação, possam ter em atenção a forma como devem apresentar-se aqui, a propor as suas vendas. Essas vendas têm que vir muito bem estudadas, do ponto de vista remos fechar o ano com técnico, têm que vir muito sua vez, o presidente da Guiné, mais de um milhão e bem esclarecidas sob todos quinhentos mil contos de os aspectos da própria exportações. E não devemos produção, os preços têm que Asie», os contactos de Holden Roter em atenção o que é uma concorrência muito forte, que, ainda por cima, é estimulada pelas circunstâncias da conjuntura internacio-

Frisou, a terminar, que os exportadores devem deslocar-se à URSS com a preocupação de dominar perfeitamente os assuntos do sector que vão tratar, pois encontrarão interlocutores que estão muito bem informados e que sabem desenvolver perfeitamente todos

SOLIDARIEDADE COM PORTUGAL Portugal não está só na sua luta pela democracia e o socialismo.

Nos mais diversos países do mundo existem «comités» de solidariedade para com a Revolução Portuguesa

tuguesa, impedir o regresso possível do fascismo e defender as liberdades democráticas e as conquistas revolucionárias já alcançadas, dentro de um espírito unitário e de não ingerência nos assuntos internos dos portugueses, constituem o ração europeia, descoloniprincipal objectivo dos «co- zação (é do interesse naciomités» de solidariedade nal o rápido reconhecimen- missão do CPPC salientou para Portugal, divulgados durante uma conferência de Imprensa promovida pelo Conselho Português para a pelo MPLA), política exter-Paz e Cooperação, na passa- na de independência nacio-

Participaram na con-Cerqueira, do CPPC, e do capitão Silva Fernandes, do quatro «comités» de solidariedade para com o nosso país - Bélgica, Suécia, Finlândia e República Federal Alemã -, que se referiram às actividades daqueles hoje, organismos nos respectivos amizade com Portugal nos países, salientando que neles participam personalida- mundo, Silas Cerqueira lades das mais diversas mentou o desconhecimento tendências políticas pro- que a opinião pública naciogressistas, contando mesmo, nal tem desse facto, tanto alguns deles, com a colabo- mais que o trabalho desenração de representantes dos volvido se caracteriza por Governos respectivos bem um espírito unitário, reali-

Ao fazer uma breve resenha sobre as principais actividades do CPPC, Silas jectivos: segurança e coopeto pelo nosso país da República Popular de Angola e do Governo constituído nal e solidariedade com outros povos.

No decurso da nossa actiferência, para além de Silas vidade - afirmou - um quinto objectivo foi surgindo: o de fomentar e desen-MFA, representantes de volver a solidariedade internacional com o povo português, tanto em países socialistas como em países capita-

> Recordando que existem, associações de mais diversos países do

Apoiar a Revolução Por- como dos principais partidos zado em colaboração com o cidência, salientando-se as MFA, que foi e continua a campanhas promovidas peser uma força de paz, exter- los «comités» belga e na e internamente.

> Falou em seguida o capi-Cerqueira salientou que a tão Silva Fernandes que, mesma se tem orientado em num resumo das impressões torno de quatro grandes ob- colhidas durante a recente viagem a vários países da Europa como delegado do MFA e membro de uma que a solidariedade para com Portugal poderia ser muito maior se não fossem uma certa inépcia e apatia que encontrei na actuação unanimemente como tarefa dos nossos representantes no estrangeiro.

Intervieram depois os representantes dos «comités» de solidariedade presentes que se referiram à importância do apoio a prestar ao nosso país, até porque Portugal é o primeiro teste às disposições finais da conferência de segurança europeia de Helsínquia, e nós temos de forçar o imperialismo, isto é, os Estados Unidos, as multinacionais, a NATO, a cumprir, na prática, aquelas disposições, princípios básicos da ordem e direito internacionais.

O apoio para as realizações da Reforma Agrária foi focado com especial in-

alemão a favor das herdades colectivas, materializado na aquisição de maquinaria e de gado leiteiro.

A necessidade de desenvolver nos respectivos países uma contra-informação que preencha as lacunas da informação oficial e anule as falsidades que, em regra, se escrevem sobre Portugal e o seu processo revolucionário, foi também considerada urgente.

O internacionalismo proletário não é uma palavra vã. Portugal não está só na sua luta pela democracia e pelo socialismo. Com ele estão os povos do mundo inteiro, todos os que aspiram por uma sociedade mais justa, sem exploração do homem pelo

«Quantos metros quadrados de

Visite as LIVRARIAS Av. Santos Dumont, 57-c
2-2:4 1-1
R.de Avi3 - 26



ANGOLA: NEGAGE E UÍGE LIBERTADAS GRANDES VITÓRIAS DO POVO ANGOLANO

Com a reconquista de fortes posições na Frente Norte, o povo angolano e os seus representantes legítimos têm o caminho aberto para a expulsão definitiva dos agressores imperialistas que os povos e os dirigentes progressistas denunciam, desmascarando cumplicidades e apontando os responsáveis pela política criminosa do neocolonialismo em Angola

O exército do MPLA domina a grande e rica provincia do Norte de Ángola. Depois do Caxito, Nambuangongo, zona do Ambriz, Henrique de Carvalho e Camabatela, as FAPLA impuseram, no último fimde-semana, pesadas derrotas aos mercenários e fantoches da UPA/FNLA-UNITA. Em Luanda, o dia-a-dia é calmo e normal.

Uma das vitórias mais significativas do MPLA e do Povo angolano é a tomada do Negage. Distante cerca de 40 quilómetros de Uige (ex-Carmona) a cidade dispõe de uma forte base aérea por onde o imperialismo americano enviava armas e outro apoio militar às forças invasoras, em aviões gigantes do tipo B-52, bem conhecidos desde a guerra do Vietname. Após estes êxitos do braço armado do povo angolano, a chamada zona do café fica em poder do MPLA

Em Cabinda, libertada pelas FA-PLA, a situação é calma depois das derrotas sofridas pelas tropas zairenses e da UPA/FNLA.

Na zona centro, registou-se a libertação de Cariango, vila ao sul da Quibala, na linha Dondo-Nova

Em Luanda, capital da República Popular de Angola, a vida decorre sem sobressaltos. Reabriu a quase totalidade dos restaurantes e o abastecimento alimentar está praticamente regularizado. A situação social caminha a passos largos para a normalização completa. A maior parte das empresas das zonas libertadas pelo MPLA estão

em plena laboração. As escolas

funcionam regularmente.

HOLDEN, MERCENARIO VULGAR **AO SERVIÇO** DO IMPERIALISMO

Entretanto, o « New York Times», jornal americano, insuspeito nestes casos e obrigatoriamente bem informado, acusava Holden Roberto, dirigente da UPA/FNLA de ser agente da CIA, desde 1961, contratado com um salário anual de 10.000 dólares (270 contos).

«Mercenário vulgar, que nunca deixou de ser ao longo destes últimos quinze anos», é como, por Sekou Touré, caracteriza o chefe da UPA/FNLA, confirmando, em declarações à revista «Afriqueberto com a CIA, pelo menos desde o início da luta contra o colonialismo português em Angola.

«Foi na diplomacia guineense acrescenta Sekou Touré, referindo o facto de o chefe da FNLA ter sido admitido como empregado da embaixada da Guiné em Nova lorque em 1959 — que Holden Roberto fo contactado por certos serviços do imperialismo. Viemo-lo a saber mais tarde. Infelizmente, muito mais tarde. A primeira vítima do mercenário Holden devia ser, cúmulo da ironia, a sua protectora desinteressada, a República da Guiné. Foi encarregado de a denegrir, de a vilipendiar nos locais onde os seus donos (os americanos) o introduziam e onde devia tentar provar que a Guiné não estava apta a assumir a sua inde-

Depois de referir o «vergonhoso trabalho» de Holden nessa época, o presidente guineense acre-

«Muito habilmente, uma habilidade toda dirigida contra o MPLA em luta contra as tropas de ocu-pação portuguesas, a FNLA con-stituiu-se em 1962. Em 5 de Abril do mesmo ano, cria, em Kinshasa, o Governo Revolucionário de Angola no Exílio (GRAE), de que vem ser presidente Holden Roberto. Apoiado por nós (guineenses), como já o dissémos, Holden afirmava por toda a parte que representava todos os que combatiam no interior de Angola. Temos para com a verdade -- prossegue Sekon Touré — a obrigação de confessar que nós próprios fomos enganados com esta farsa. Assim com a nossa intervenção, o GRAE foi reconhecido, em Julho de 1963, pelo Comité de Libertação da OUA e Holden Roberto, considerado chefe de Estado, pôde ter assento

O Governo de Kinshasa, sob a direcção de Mobutu — acrescenta o presidente da Guiné sou-se a proibir ao MPLA toda a actividade em território zairense. fechando toda a fronteira entre o Zaire e Angola. Um golpe terrivel — lembra o presidente — acabava de ser dado à luta de libertação de

Autocriticando-se pelo apoio dado nessa época à UPA/FNLA. Sekou Touré refere-se mais adiante ao grupo fantoche de Jonas Savimbi afirmando: «Ninguém ignora que a UNITA foi formada para a defesa dos interesses dos colonos portugueses e sul-africanos, cujo programa era fazer de Angola um departamento português por conta do imperialismo» Sekou Touré pergunta

ração do petróleo de Cabinda, território angolano que o Zaire anexaria «prometendo firmemente deixar

Angola foram libertados pela sta americana não ser tão vasta como precisam. Holden Roberto não se coibe de afirmar publicamente que «a decisão do Senado americano (proibindo o envio de armas e de dinheiro para os movimentos fantoches) nada tem de definitivo». Savimbi lamenta-se por os americanos terem sido derrotados no Vietname, o que «psicologicamente» privaria os americanos de se aventurarem a nova guerra

Angola e ao povo angolano. Recentemente, o novo Estado estabeleceu relações diplomáticas com vários países incluindo a Hungria, Jugoslávia, Gana, Laos, Burundi, e passou a dispor do apoio de outros que com ela estabelecerão relações a muito curto prazo, como é o caso da Jamaica e de países africanos que vão estar presentes na próxima reunião da OUA.

A esse apoio se refere o presidente Agostinho Neto, em entrevista recente a um jornal francês, relativamente à maioria dos países africanos que reconhecerão Angola independente e soberana.

Nessa entrevista, o dr. Agostinho Neto, depois de se declarar satisfeito com a situação política e militar, lembrou que o seu país é vítima também de uma agressão económica. «Os Estados Unidos da América e outros países imperialistas — declarou — organizam um boicote contra nós. Certas contas bancárias no estrangeiro estão congeladas. Temos pago aviões que não nos entregaram. Algumas companhias americanas, a «Gulf-Oil», por exemplo, sabotam a nossa economia petrolifera».

Numa referência ao governo português, o presidente acrescentou: «Se Portugal tivesse actuado de maneira diferente, hoje o nosso país não seria vítima de uma

Quanto à solidariedade militante dos países socialistas, o presidente Agostinho Neto lembrou que «não se podem pôr em paralelo as forças libertadoras, representadas em Angola pelos países socialistas, entre eles a URSS e Cuba, e os países africanos progressistas, e do outro lado as forças que pretendem dominar e ocupar o nosso país, como seja a República

CONTRA **DÓLARES** E MERCENARIOS

Enquanto o povo angolano dá passos muito firmes no caminho da vitória total, sobre as forças invasoras, as centrais do imperialismo movimentam-se cada vez mais no recrutamento de mercenários e na



SO HA **UM MOVIMENTO** DE LIBERTAÇÃO **EM ANGOLA**

as mãos livres a certas potências

capitalistas» — as que hoje atacam

o MPLA e apoiam a UPA/FNLA-

UNITA - e permitindo ao imperia-

lismo e ao neocolonialismo que

De 10 a 12 do corrente estarão na capital da Etiópia os representantes africanos para participarem na «cimeira» da OUA sobre Angola. Referindo-se a essa importante reunião, Sekou Touré, depois de reconhecer que o único movimento de libertação de Angola é o MPLA, afirma ainda nas suas declarações à «Afrique-Asie»

«Considerar hoje, com peso igual na balança, o MPLA de um ado, a UNITA e a FNLA do outro (os amigos e os inimigos do povo), pretender que se ajudem todos não ajudando nenhum, é escolher objectivamente o imperialismo, o colonialismo, o fascismo, os inimigos do povo de Angola contra os amigos do povo de Angola, contra Angola e a sua independência, contra os países africanos, enfim

contra a justica universal» Depois de concordar com a proposta de Samora Machel, presidente de Moçambique, para a agenda de trabalhos daquela reunião da OUA, que só deveria conter uma alinea - as disposições a tomar perante a agressão contra Angola por parte das tropas sul- o presidente guineense conclui:

«Tratando-se de problemas africanos, não podemos estar do mesmo lado que lan Smith e Vorster, os defensores do apartheid (racismo) e do imperialismo coloialista em África. Qualquer solução que os dois racistas furiosos ceitem é à priori, suspeita e forçosamente contrária ao interesse, à liberdade e à dignidade dos nossos

A verdade é que - diz ainda Sekou Touré — é possível que esta luta seja longa e dura mas a África vencerá, quaisquer que sejam os meios utilizados contra ela».

AS FALSAS **ESTABILIZAÇÕES** E OUTRAS **GENERALIZAÇÕES CONTRA O POVO ANGOLANO**

Enquanto certa Imprensa estatizada, em Portugal, verte lágrimas alsas pelas vitimas da luta em Angola, sem denunciar as raizes dessa guerra de agressão, ou procurando encobri-las com arrazoados pseudo-humanistas e alardeando frases como «interferências estrangeiras impedem a estabilização» (estabilização que, para essa imprensa, seria Holden Roberto estabilizado no palácio do Governo em Luanda), o chefe da UPA/FNLA e o chefe da UNITA choram, por sua vez, comovidamente, por a intervenção imperiali-

de agressão e morticínio muito longe das suas fronteiras, que nenhum país, e muito menos Angola de nenhum modo ameacam

A posição da URSS no conflito é conhecida. Acusando a Imprensa capitalista de distorcer os acontecimentos nas suas noticias sobre a luta em Angola, a «Pravda», órgão central do PCUS, afirma:

«Quaisquer conjecturas sobre a intenção da União Soviética em estabelecer bases militares em Angola e sobre a alegada expansão militar soviética na África, não têm o mínimo fundamento» Denunciando em termos vigoro-

sos a ingerência grosseira de forças imperialistas na ex-colónia portuguesa, os nossos camaradas soviéticos afirmam que «algumas potências ocidentais e os Estados Unidos fornecem armas aos separatistas há muito tempo e que actualmente, o volume desses fornecimentos aumenta»

A União Soviética «não procura vantagens económicas, militares ou outras em Angola, mas presta assistência a forças nacionalistas para contrabalançar agressões externas», lembra ainda a «Pravda» num editorial sobre a questão an-

A URSS e os outros países socialistas, ao apoiarem o povo estrangeira, não fazem mais do que respeitar a histórica declaração sobre a concessão da independência aos povos e países coloniais, aprovada há 15 anos pela Assembleia Geral das Nações

A URSS não alterou a sua linha de conduta, no que diz respeito ao apoio contra os colonialistas, seiam eles portugueses, sul-africanos ou de qualquer outra nacionali-

«Não temos qualquer interesse específico em Angola e nada do que ali existe nos é necessário». embrou recentemente o camarada Zagladine, na revista «Tempos

UMA REFERENCIA A PORTUGAL

Entretanto, aumenta consideraelmente o apoio internacional ao MPLA, à República Popular de recolha de milhões de dólares para prolongar a agressão

Segundo a Agência France Press, que cita o semanário americano «Newsweek», a Arábia Saudita estaria na disposição de fornecer perto de 50 milhões de dólares destinados à compra de armas e equipamentos para os movimentos fantoches que combatem o MPLA Esse crédito contra o povo angolano destinar-se-ia a compensar largamente a assistência do imperiasmo americano à UPA/FNLA-UNITA, suprimida pelo Senado no mês passado.

Por sua vez, o jornal de Boston «Christian Science Monitor» revela que «algumas embaixadas africanas nos países ocidentais recrutam europeus com dinheiro americano e outro para irem combater

Mas o MPLA assegura os pontos vitais da luta armada contra a ofensiva estrangeira, contra a inva-são do seu território. A tomada de Negage, de Henrique de Carvalho e de muitas outras posições solidamente reconquistadas, o controlo completo da zona petrolífera e da zona do café, a progressiva norma-lização da vida das populações nessas zonas, são outras tantas garantias da firmeza com que a luta é conduzida, da determinação de libertar totalmente a terra angolana das cobicas do neocolonialismo e do imperialismo.



Colecção: Problemas Políticos do Movimento Comunista e Operário Internacional

Preço: 40\$00 Código: 62.02

DO IMPÉRIO DO LATIFUNDIO À REFORMA AGRÁRIA POLACA

A reforma agrária na Republica Popular da Polónia pôs termo ao feudalismo rural e possibilitou uma vida nova aos camponeses

da história da Republica Popular da Polónia algumas datas revestem-se de particular importância. Referimo-nos, neste caso, a 6 de Setembro de 1944. Nesse dia, na cidade de Lublin, onde se instalara o recém--criado Governo Popular e a capital provisória para a zona do país já libertada da ocupação nazi - foi proclamado um acto jurídico que correspondia aos anseios des (devido ao desemprego de gerações inteiras de camponeses: o decreto para a imediata, geral, revo- da, «gente excedente» no lucionária e popular reforma campo. Era como definiam agrária na Polónia.

espécie de aplicação de milhões de habitantes.)

No final da I Guerra Mundial a estrutura agrária do país era anacrónica, socialmente injusta e entravava o desenvolvimento econó-

Basta dizer que os latifundios, eram constituídos antes da reforma, por 18241000 hectares, isto é 48,4% da totalidade de terra cultivável. Os proprietários dessa grande área representavam apenas 0,9% da totalidade de pessoas que viviam do trabalho agrícola. Em 5309 000 hectares, ou seja 14% do total da terra arável, viviam, ou melhor, vegetavam 64% das famílias para os quais o trabalho agricola era a unica fonte de sustento.

Mais de um milhão de agricultores possuía, em média, menos de 2 hectares de terra. A cada um dos dois mil latitungiarios correspondiam, em média, 3200 hectares. Um milhão de habitantes do campo - trabalhadores agrícolas, camponeses sem terra e pequenos rendeiros - não possuíam terra de espécie alguma.

O DESEMPREGO **NOS CAMPOS**

Na Polónia burguesa, a estrutura agricola - uma das piores da Europa - fazia com que num pólo se concentrasse um numero enorme de minusculas propriedades camponesas, cuja produção nem bastava para alimentar as famílias de seus proprietários; e que no outro pólo se encontrasse um numero muito reduzido de grandes propriedades que proporcionavam aos seus donos fundos que bastavam largamente para financiar uma via extrema-

mente faustosa. Os resultados dessa estrutura agrícola tão defeituosa geravam um fenómeno muito amplo com repercussões extremamente negativas para toda a economia nacional. 64% da população rural, isto é uns 46% dos habitantes do país, praticava uma economia que pode ser classificada natural, já que as suas colheitas não bastavam para satisfazer as exigências do cultivo e para pagar os impostos. Esses trabalhadores não obtinham, na prática, nenhum excesso de produção que pudessem vender e por isso, praticamente, não podiam transaccionar os seus produtos. Automaticamente isto significava o empobrecimento do mercado de artigos de produção industrial.

O campones, não podendo vender nada, nada podia comprar. As diminutas vendas - vendas ocasionais de leite e de ovos, assim como os modestos proventos ganhos pelos camponeses pelo trabalho de jorna nas propriedades feudais - mal cobriam os pagamentos de impostos e das dívidas contraídas. Os restantes e insignificantes proventos eram gastos na compra de

de fósforos, de certas alfaias agrícolas e, mais raramente, de açucar e de roupa. Outros produtos industriais pertenciam tão somente ao domínio de sonhos da maioria dos camponeses polacos.

Devido à crónica carência

de terra e às possibilidades muito limitadas de que dispunham os camponeses de transferir-se para as cidaque aí dominava) crescia o numero da, assim chamaas pessoas desnecessárias Até 1944 a terra nunca nos meios agrícolas, mas pertencera àqueles que de que neles permaneciam, há séculos a cultivavam, - porque não havia a mais na maioria dos casos - era remota possibilidade de obpropriedade dos senhores ter algum outro modo de feudais ou, mais concreta- vida. O numero desses mente, dos latifundiários, da «excedentes», dependendo igreja católica e dos capita- das flutuações da conjuntulistas, os quais - enriqueci- ra económica, oscilava dos pelas conjunturas in- entre 5 e 8 milhões de pesdustriais - tinham adquirido soas. (Antes da II Guerra grandes áreas, como uma Mundial a Polónia tinha 32

> A TERRA A QUEM A TRABALHA

O enorme atraso técnico contribuía para aumentar a miséria do campo.

propriações abrangia as propriedades de mais de 50 hectares de terra cultivável.

mãos de particulares pro- distribuíram-se 1741 propriedades até 100 hectares. Abriu-se essa excepção para a manutenção de unidades especializadas no cultivo de plantas ou na criação de gado.

PAGAMENTO SIMBÓLICO

A reforma foi revolucionária, porque devia realizar-se nos mais curtos prazos. Basta dizer que o decreto do governo popular previa a instalação dos camponeses em terras dos latifundiários num prazo de apenas três meses.

O carácter popular desse acto jurídico consistiu no facto de que beneficiava, antes de mais nada, operários agrícolas, camponeses sem terra (rendeiros) e os donos de minusculas propriedades.

A realização da reforma agrária foi confiada aos próprios camponeses, com a ajuda de soldados, de operários e da juventude

O decreto promulgava a



em toda a agricultura, não ultrapassava mil unidades. Por cada duzentos hectares cultivados pelos camponeses havia somente duas máquinas agrícolas. O consumo de fertilizantes era de 6,7 quilos por hectare, o que significa que era 20 vezes inferior ao dos países de agricultura desenvolvida.

Todos esses factores ex- a terra confiscada passava plicam a razão do aumento de desempregados no

A fome forçava as pessoas a emigrarem, a empregarem-se em trabalhos de temporada na Alemanha, na França, na Bélgica. Nos anos de grande crise na Europa a emigração da Polónia era equilibrada pela reemigração. O campo estava então sufocado de e o desemprego davam origem a desesperadas revoltas camponesas e a greves sangrentamente repri-

Traçamos este quadro para dar a entender ao leitor a importância enorme da decisão do governo popular, o qual, mediante o decreto do dia 6 de Setembro de 1944, confiscava a terra dos latifundiários e decidia entregá-la aos seus legítimos donos - os campo-

construção do país e satisdos camponeses à terra declarava o «Manifesto» do Comité Polaco de Libertação Nacional (assim se chamava o governo popular que tomou o poder na Polónia após a II Guerra Mundial) - o governo encetou imediatamente a realização nas terras libertadas de uma ampla reforma

Não havia passado ainda 50 dias sobre a publicação do «Manifesto», quando em jornais, em comícios e reuniões populares, o novo governo começou a explicar ao povo os princípios da reforma agrária revolucionária, universal e popular.

A reforma foi universal,

O numero de tractores, divisão entre os camponeses de todas as propriedades imóveis do Estado, os imóveis de pessoas legalmente condenadas por traição ao Estado, assim como todas as propriedades cuja extensão excedia como já mencionámos -100 hectares ou 50 hectares de terra cultivável. De acordo com o decreto

para sempre para as mãos de ano para ano do numero dos operários agrícolas e aumentava as pequenas propriedades de extensão inferior a 5 hectares. As propriedades restantes confiscadas, e antes do mais todas as propriedades de latifundiários especializadas em alguma produção definida - foram colocadas sob a gestão da administração estatal, e entregues a escolas agrícolas e aos «gente excedente». A fome novos centros oficiais de desenvolvimento da cultura agrícola e da pecuária.

O pagamento pela terra recebida em virtude da reforma agrária correspondia ao valor de uma colheita média anual de um hectare concedido. A primeira prestação - em dinheiro ou em produto - correspondia a 10% do preço. O restante devia ser pago num prazo de 10 anos - no caso dos pequenos proprietários - e de 20 anos - no caso dos camponeses sem terra. Es-«A fim de acelerar a re- ses pagamentos - ainda que simbólicos - convenfazer os anseios eternos ciam os novos proprietários da durabilidade da reforma, despertavam a confiança dos camponeses e um sen-

timento de estabilidade. Os actos oficiais de entrega de terra aos rurais realizavam-se publicamente, em comícios camponeses, na presença de representantes da administração estatal e de delegações de operários e de soldados.

AUMENTO DA PRODUÇÃO

O aspecto mais importante nessa decisão do novo governo da Polónia foi a realização imediata da re-

No período mais recente sal, de petróleo, de tabaco, porque o programa de ex- forma agrária. Até ao fim de 1944, isto é, durante os primeiros quatro meses de existência do governo po-Somente em três provin- pular - nas terras libertadas cias foram deixadas em da ocupação alemã -

priedades com uma extensão conjunta de 320000 hectares. Mas isso foi tão--somente o começo do grande processo que sucessivamente abrangia todas as terras que iam sendo libertadas pelos exércitos soviético e polaco durante a ofensiva de Inverno e de Primavera.

Os métodos de parcelamento da terra eram mudados à medida que se adquiriam novas experiências e de acordo com as novas condições sociopolíticas. governo popular tornava acessível aos camponeses a reforma agrária de pro-priedades médias. Foi uma importante decisão não só do ponto de vista económico (aumento do numero de pessoas que participavam na reforma), mas também de grande significado político: as novas autoridades ganhavam aliados praticamente entre todos os camponeses.

O governo decidiu também que os antigos proprietários, cujas terras fossem distribuídas aos camponeses, não podiam continuar a residir nas mesmas regiões onde se situavam as propriedades.

A reforma agrária na Po-Iónia passou por todas as provas sociopolíticas e económicas. A reforma beneficiou um milhão e 68 mil famílias que se tornaram proprietárias de mais de 6 milhões de hectares de terra. Como resultado Estas são as respostas típicas.

disso desapareceu de uma Segundo a Constituição Soviétidisso, desapareceu de uma ra consagrada pela tradição, pelos costumes, guardada por uma legislação feudal, protegida pela legisação secular e eclesiástica. Assim foi destruída definitivamente a anacrónica estrutura agrícola na Polónia. No espaço de um ano o governo de operários e de camponeses realizou aquilo que durante séculos inteiros exigiam os democratas poacos, aquilo que em numerosas revoltas e greves desesperadas reivindicavam os camponeses – e que lhes fora muitas vezes prometido em declarações oficiais e

não menos demagógicas. A Polónia detém actualmente um lugar de destaque entre os produtores mundiais de alimentos. Ocupa o segundo lugar mundial na produção de centeio e de batatas, o quinto lugar na produção de beterraba açucareira e de colza, o décimo primeiro lugar na produção de ovos e

Após o fim da Il Guerra Mundial havia na Polónia 4 milhões de cabeças de gado. Actualmente, há 12,5 milhões. Depois da guerra havia 2,7 milhões de porcinos, actualmente há 20 milhões. Imediatamente depois da guerra aplicavam--se nos campos polacos 4,5 quilos de fertilizantes por hectare, presentemente empregam-se quase 160 quilos.

Tudo isso decorre num país onde as propriedades agrícolas individuais correspondem a 80,7% de terra cultivada.

A base de todas essas realizações - e de muitas outras - foi precisamente a reforma agrária radical, que fez dos camponeses os verdadeiros donos da terra.

O STAND DO Avante! FEIRA POPULAR de Lisboa

VISITE



Por exemplo, em Janeiro de 1945 uma nova decisão do PORQUE TRABALHAM AS MULHERES NA URSS?

No primeiro Estado de operários e camponeses, as mulheres têm os mesmos direitos que os seus companheiros. Na URSS, o direito ao trabalho é-lhes plenamente assegurado

Uma vez uma delegação femini-na estrangeira visitou o Comité das Mulheres Soviéticas. «O vosso país é bastante rico, os vossos homens têm sempre trabalho e bons salários – disseram as convidadas, depois de familiarizadas com a URSS. Porque não se dedicam então as mulheres inteiramente às tarefas caseiras e à educação das crianças?»

soviéticas a este respeito? O Instituto de Investigação Sociológica da Academia de Ciências da URSS, colocou a questão: «Porque motivos trabalha?» a alguns milhares de mulheres empregadas em grandes empresas indu-striais. 50% delas responderam:

Qual a opinião das mulheres

«Para ter um salário e ser economicamente independente»; 25% -«Para estar entre camaradas de trabalho e não somente dentro do meio familiar»:18%-«Para não perder a qualificação obtida na juventude e para aplicar dum modo útil os conhecimento adquiridos».

ca, as mulheres, na URSS, gozam vez por todas na Polónia a de igualdade de direitos em repropriedade feudal - outro- lação aos homens, em todos os domínios da vida pública, econ-Uma de entre muitas regalias, garante-lhes salário igual para trabalho igual ao do homem, instrução

gratuíta e colocação profissional. Todo o trabalhador do país, independentemente do sexo, idade, nacionalidade e origem social, é remunerado em função da quantidade e qualidade do trabalho oferecido. Esta a razão pela qual, uma mulher e um homem com a mesma profissão e qualificação, realizan do o mesmo trabalho em tempo iqual, recebem remuneração idên-

No que respeita à instrução, é importante salientar que, desde a escola primária, o programa único para os dois sexos torna a discriminação impossível (o programa permanece único a todos os níveis da instrução). O sistema de orientação profissional ajuda, por outro lado, os estudantes a não falharem na escolha da sua profissão.

Um facto característico é o de, entre os finalistas da escola secundária, as raparigas serem mais numerosas que os rapazes. Uma vez passada esta fase, elas podem ingressar numa escola técnica profissional (ETP), numa Escola de Ensino Superior ou numa Escola Secundária Especializada, podendo escolher livremente a sua pro-

Os rapazes e raparigas são admitidos em pé de igualdade nas ETP, que formam operários espe-cializados em 1100 profissões. Somente as tarefas e profissões de influência nefasta para o organismo da mulher lhe rião são facultadas. Neste campo, o Estado manifesta o seu inteiro apoio à mãe trabalhadora.

Após ter começado a trabalhar, a rapariga pode prosseguir os estudos num estabelecimento de ensino superior ou secundário especializado. Para facilitar os exames e a obtenção do diploma de fim de curso, ela beneficia, tal como todos os jovens nas mesmas condições, de um período de férias

As raparigas constituem mais de metade do total dos alunos do ensino secundário especializado. Quanto ao ensino superior, elas representam 50%, o que equivale a mais de 2300000 pessoas. Quais as profissões de maior preferência?

A MULHER SOVIÉTICA **EM TODAS** AS PROFISSÕES

Na esfera da indústria, da cons-

trução, dos transportes e das comunicações, elas representam 40% dos alunos dos estabelecimentos de ensino secundário especializado e 39% das grandes escolas; na agricultura há, respectivamente, 36 e 32%; nas secções e faculdades de economia e direito 84 e 68%. As percentagens mais elevadas (88%) verificam-se nos estabelecimento de ensino secundário especializado, nos campos da saúde pública e do desporto. Nota-se, nas mulheres, uma pre-

ferência pelas Ciências Humanas, se bem que, ultimamente, tenha crescido sensivelmente, o número de quadros femininos nos ramos da produção material.

Na URSS o pleno emprego está totalmente assegurado, tendo o desemprego sido eliminado há mais de 40 anos. Isto permite à mulher escolher, não só a profis-são, mas ainda o emprego que mais the agrade. Na URSS as mulheres represen

tam, na economia nacional, 51% do total de empregados: 45% na agricultura, 49% na indústria. No total dos empregados com in-strução superior ou secundária especializada, elas perfazem 59% Saliente-se ainda que, um engenheiro em cada três, três médicos em cada quatro e 71% dos professores de instrução primária, são

Na URSS, não existe qualquer trabalho ou profissão que, pela sua complexidade ou responsabilidade, não possa ser efectuado por uma mulher. As unicas excepçõe existentes são, como já referimos, as profissões cuias condições vibrações, trabalhos subterrâneos, etc. - são prejudiciais para o or ganismo feminino.

ra profissional da mulher? Mais de meio milhão de representantes do «belo» sexo, são directoras de empresas industriais, de «sovkoses», de instituições, e presidentes de «kolkhoses». 28 mulheres são mi-

Existe alguma ajuda para que a mulher possa combinar o horário de trabalho com as suas funções

A RESOLUÇÃO DO PROBLEMA DA MATERNIDADE

O Estado proporciona às mulheres neste caso, múltiplas vantagens. Por exemplo, concede férias de maternidade de 112 dias, com salário integral independentemente do tempo de trabalho na empresa. É-lhes também dada a possibilidade de permanecer sem trabalhar até a criança ter um ano, com a conservação dos seus empregos a recusa de reintegração a uma mulher após a gravidez, ou simplesmente a sua colocação uma vez finalizada a licenciatura, é pu-

Mais de 10 milhões de crianças frequentam as creches e jardins de infância e outros 5 milhões são constituir uma resposta à questão inicialmente posta acolhidos nessas instituições situadas no campo, durante os trabalhos agrícolas da Primavera e do Verão. A manutenção de uma criança nestes estabelecimentos, custa ao Estado de 33 a 40 rublos

por mês, limitando-se os pais à pagar de 6 a 12 rublos Todos estes factos poderão pois N.R. — A autora deste artigo é candidata ao doutoramento em Economia, colaboradora do Instituto de Economia da Academia de Ciências da URSS e autora de «A edificação do comunismo e o tra-

balho das mulheres» e de «As

mulheres na URSS»



A mulher soviética está presente em todas as profissões com salário igual para trabalho igual ao do homem. Beneficiando de instrução gratuita e de colocação, as mulheres soviéticas, tal como os seus companheiros, têm à sua disposição o sistema de orientação profissional que aiuda os estudantes a não falharem na escolha da profissão. Na URSS está inteiramente garantido o pleno emprego. Há mais de 40 anos que o desemprego foi eliminado.

TRIGO QUE A URSS COMPRA

A pretexto das compras de trigo soviéticas ao estrangeiro os países capitalistas mais não pretendem que atacar a União Soviética e, sobretudo, o socialismo

O facto da União Soviética comprar trigo ao estrangeiro e mais particularmente aos EUA, tem provocado nos últimos tempos bastante agitação, em especial em certos meios. Na verdade, e a acreditar em certa Imprensa que tão pressurosamente se tem dedicado a divulgar o assunto, tudo leva a crer que o mesmo preocupa muito boa gente, o que não deixa de ser estranho, ou então que se pretende pôr em causa algo muito mais pro-fundo que o «problema do trigo», o

que já não seria de estranhar. Em primeiro lugar, será conveniente adiantar alguns dados que ajudarão a compreender a questão: - Sendo as estatísticas americanas, a média anual da produção de trigo soviética é de 215 milhões de toneladas. No corrente ano, que foi de grande penúria, esta produção oscilou entre os 160 e os 180 milhões de toneladas. Os Estados Unidos, pelo contrário, tiveram em 1975 um ano record desde há 199 anos: produziram 68 milhões de

toneladas, sendo a sua produção média de milho de 162 milhões. Curiosamente, 60% das terras aráveis da URSS estão situadas acima do paralelo 49, o que significa que se encontram em zonas de grandes secas, onde chove pouco e os invernos são frios. Tal não acontece com a grande parte das terras

aráveis dos EUA, que se situam a sul daquele paralelo.

Uma questão se coloca de imediato - porque razão é que estes dados são sempre esquecidos (ou será melhor dizer omitidos?) quando se aborda o tal problema do trigo? E também porque é que se especifica com tanta precisão quantas toneladas de trigo a URSS compra aos EUA, ao Canadá e à Autrália e se «esquece» de acrescentar que, nesse mesmo ano, a URSS mandou trigo para Cuba, República Democrática Alemã. Polónia e República Popular da Coreia? Porque é que, enfim, se fala tanto das compras soviéticas e tão pouco da importações dos outros países (a Alemanha Ocidental. por exemplo, todos os anos importa, em média, 5 milhões de tonela-

das de cereais?) Parece que, efectivamente, algo se esconde por detrás do famoso «problema do trigo». E que o trigo não passa de mero pretexto, Senão,

Se, com efeito, em 1974 a URSS comprou ao Ocidente 10,5 milhões de toneladas de cereais, a verdade é que mais de metade se destinou a outros países socialistas. Por outro lado, do ponto de vista interno, devido à imensidão do seu território torna-se mais barato importar -Oriente soviético do que transportá-lo da Ucrânía, através de todo o país, por caminho de ferro,

até 10 mil Km de distância. E claro que há anos de más colheitas, como em qualquer país , mas também é verdade que há 15 anos que 1 Kg. de pão custa 12 Kopecs (aproximadamente quatro escudos). Enquanto isso, na maior parte dos países ricos é frequente queimarem-se cereais ou deitaremse ao mar, só para que os seus preços se mantenham altos e, mesmo nos anos de grandes colheitas, no meio da riqueza capitalista. muita gente passa fome.

Muitas outras coisas se «esquecem», quando se aborda esta questão. «Ésquece-se» por exemplo. que na Rússia czarista, antes da Revolução, quase toda a «técnica» agrícola consistia em 17 milhões de arados de madeira e que naquela época se colhiam, em média, 690 Kg de cereais por hectare. Hoje, na União Soviética, existem 2,3 milhões de tractores e mais de 600 mil ceifeiras debulhadoras e colhem-se 1 960 Kg de cereais por hectar, ou

seja, mais do triplo. Fala-se, pois, do trigo que a URSS compra. Mas o que na verda-de se pretende é atacar a União Soviética e, acima de tudo, pôr em causa a sua grandiosa obra, a societrigo da América para o Extremodade socialista.

8/1/76 • 11

- «A paz e a segurança afirmou o camarada Gierek, secretário do Comité Central do Partido Operário Unificado Polaco - são o bem supremo de toda a humanidade e de cada homem em particular. Por isso apreciamos particularmente as alterações verificadas em 1975 na situação internacional. O mundo deu um grande passo rumo à paz, à segurança, à política de boa vizinhança entre Estados e povos. No nosso continente, a conferência sobre segurança e cooperação terminou com sucesso. A ordem territorial e política estabelecida na sequência da vitória sobre o fascismo hitleriano está definitivamente consolidada. A perspectiva de novos progressos quanto à distenção e à detenção da corrida aos armamentos, desenha-se no horizonte».
- Israel anunciou a sua oposição a que o Conselho de Segurança das Nações Unidas seja o local para futuras negociações de paz sobre o Médio Oriente, e reafirmou a sua posição de boicotar o debate no Conselho de Segurança, em 12 de Janeiro, com a presença da Organização de Libertação da Palestina.
- Segundo os dados da CEA (Comissão Económica da ONU para a África), a parte da África na produção industrial dos países em vias de desenvolvimento constitui cerca de 7%. Os países da África independente contam com 0,6% da produção industrial mundial.

Estes números mantêm-se inalteráveis desde os anos sessenta.

Para promover a industrialização do continente está a ser encarada a hipótese de criação de um centro africano para desenvolvimento e gestão industrial, medida que seria de natureza a reforçar a independência política e económica dos países do continente.

- A inflacção e a recessão económica nos Estados Unidos fazem aumentar a incerteza nos depósitos particulares e contribuem para reduzir rapidamente os investimentos privados no país. Em 1975, a crise económica provocou o aumento do défice federal, que atingiu 103,3 biliões de dólares, anuncia o jornal «New York Times».
- Segundo dados dos jornais suiços, que fazem o balanço do ano que passou, o produto nacional bruto diminuiu, em 1975, 4 por cento em relação a 1974. O volume da produção dos principais ramos industriais - construções mecânicas, metalurgia, relojoaria, indústria têxtil - reduziu-se, atingindo os mesmos índices de 1970. O volume dos trabalhos de construção industrial e locatária acusa uma diminuição de 40 por cento.
- Segundo o jornal «New York Times», em 1975, a crise económica e o desemprego no mundo capitalista atingiram os níveis mais elevados desde o fim da guerra. No mês de Maio de 1975, o desemprego elevou-se a 9,2 por cento de toda a mão-de-obra, nível este mais alto que o de 1941, acentua o jornal americano.
- Em Inglaterra, um operário em vinte não tem trabalho. Devido à redução da produção e ao encerramento de empresas, contam-se actualmente perto de 1 250 mil desempregados entre os trabalhadores ingleses.
- Vinte cinco mil suíços acolhem o novo ano na expectativa de desemprego. Em Dezembro, 120 mil trabalhadores, que cumprem a semana de trabalho reduzida viram os seus salários diminuir em 10 por cento. Em dois anos de recessão económica, na indústria e na construção, 150 mil a 200 mil empregos foram suprimidos.
- O Brasil prepara-se para começar o ano de 1976 com severas medidas de restrição económica, depois de ter registado em 1975 uma dívida externa de 22 mil milhões de dólares, o que é um número recorde.
- Valentim Campa, velho militante comunista e dirigente ferroviário, foi designado candidato à presidência da República do México pelo XVII Congresso do Partido Comunista Mexicano, As eleições estão marcadas para 17 de Julho
- O secretário-geral do partido Socialista Portoriquenho, Juan Mari Bras, denunciou os Estados Unidos e o governo colonial por estarem a aproveitar o adiamento do debate na ONU sobre Porto Rico para aumentarem a repressão naquele país.
- O crescimento económico da América Latina, sob domínio capitalista, em 1975, foi o mais fraco registado nos últimos três anos, segundo uma informação de um alto funcionário das Nações Unidas.
- Um tribunal de Atenas condenou o ex-ditador Papadopoulos a 25 anos de cadeia. Papadopoulos já tinha sido condenado à morte por traição, mas o Governo decidiu comutar a
- A Venezuela nacionalizou a sua indústria petrolífera (em quinto lugar entre as maiores do mundo) pondo termo a mais de 50 anos de domínio estrangeiro.
- O plano de economia nacional da RDA para 1976 prevê um aumento da produção de mercadorias industriais de 6 por cento. A produtividade do trabalho industrial aumentará 5,5 por cento. A produção no ramo da construção civil deve subir 6,3 por cento. O comércio externo terá um aumento de 9,7 por cento. Para a agricultura e a indústria alimentar planificou-se um crescimento de 1,4 por cento.
- Desenhado por Andrei Tupolev, fundador da indústria da aviação soviética, e por seu filho Alexei, o avião supersónico comercial soviético «TU-144» fez a sua primeira carreira mundial, numa distância de 3 000 quilómetros, à velocidade de 2 000 quilómetros horários. A União Soviética efectuou este primeiro voo com um avanço de 26 dias sobre os seus rivais anglo-franceses, construtores do «Concorde».

Intormacao

O controlo das riquezas nacionais contestado pela reacção no Equador

Uma parcela importante da luta anti-imperialista que se desenvolve a nível mundial, é a batalha pelo controlo e posse das riquezas nacionais, contra todas as formas de dominação neocolonialista. Nesta batalha estão envolvidos a maior parte dos países subdesenvolvidos, mesmo quando são vincadas as hesitações dos seus governos e é difícil o tactear dos caminhos da verdadeira libertação.

Esta batalha pelo controlo e posse das riquezas nacionais, apoiada e facilitada por uma política internacional visando a independência e a igualdade de todos os países, tem sofrido ultimamente um particular impulso, mau grado a resistência tenaz do imperialismo em particular das multinacionais que operam nas zonas onde são postos em causa os seus «consagrados» direitos de

No ano que passou, a América Latina destacou-se neste movimento geral dos países subjugados contra os que pretendem manter a exploração das suas riquezas nacionais. Neste princípio de 1976, é a vez do Equador controlar uma das suas produções fundamentais - o petróleo. A Corporação de Estado para o Petróleo Equatoriano (CEPE), criada há quatro anos, deverá concretizar este ano alguns dos seus principais objectivos: o controlo total da comercialização interna dos derivados do petróleo, a exploração dos poços da península centro-oeste de Santa Elena, a conclusão da construção da refinaria na provincia de nordeste de Esmeraldas e o início da exploração de poços na zona Este do país.

O Equador ensaia os primeiros passos para uma nova situação económica face ao domínio das multinacionais. Estão a ser lançadas as bases para passar da situação de país exportador de petróleo bruto e importador de petróleo tratado, para o de país auto suficiente, e exportador de petróleo refinado.

Uma situação nova, que não podia deixar de desagradar profundamente aos grandes monopólios americanos e ingleses que têm explorado esta riqueza natural e a todos quanto, no Equador, vivem das sobras e dos apoios destes monopólios.

A acção sabotadora das grandes empresas internacionais caracterizou-se no fundamental, em 1975, pela ausência de reabastecimento em combustível, cuja produção e comercialização se encontra ainda em suas mãos, e por uma cerrada concorrência com a empresa de Estado na venda do petróleo bruto.

Assim, o controlo de Estado sobre a venda dos combustíveis assume uma grande importância, como forma de barrar o boicote das refinarias «Anglo» e «Gulf» respectivamente britânica e norte-americana - as duas

maiores refinarias do país Até à data, estes grandes monopólios estrangeiros têm utilizado a insuficiência da capacidade produtiva das refinarias nacionais e da falta de instalações para armazenamento, o que impede o país de acumular reservas como forma de pressão.

Para tentar resolver este problema, a CEPE está a construir tanques de azmazenamento em várias cidades e a aumentar a capacidade das refinarias «Anglo» e «Gulf na península de Santa Elena.

A resistência das companhias petrolíferas que operam no Equador, face à nova situação que se está a gerar, não pode surpreender. Insere-se na posição geralmente assumida pelos grandes potentados do capital, quando vêem lesados os seus interesses. Em 1975, a «Texaco-Gulf» e a «Anglo», obtiveram lucros da ordem dos 320 milhões e 200 mil dólares, ou seja, quase o total dos investimentos declarados pela «Texaco-Gulf». Estes números representam 80 por cento do total dos lucros obtidos pelo conjunto de todas as companhias anónimas no ano de 1974. Uma situação particularmente vantajosa, que tenderá a desapa- as promessas assentam

No Equador não foram dados passos muito importantes na permanência nem decisivos num verdadeiro processo de libertação nacional. As forças de esquerda são ainda débeis e complexos os caminhos da sua unidade, ainda que se venham a registar acentuados progressos

assim significativas. O governo de Rodriguez Lara sofre neste momento os ataques concertados das multinacionais e da reacção interna. Somam-se os esforços para tentar criar uma crise interna artificial. Argumenta-se mesmo com o «apoio dos comunistas» de que gozaria o actual Governo. Joga-se na apressada institucionalização de um governo civil, antes que passos no sentido do progresso do país tornem mais difícil o retorno a uma situação mais conforme aos interesses de Washington ou

O «Paraíso» capitalista face à realidade do CAME

«No plano económico, 1975 foi o ano mais catastrófico destes últimos quatro decénios para os países capitalistas», afirma o «Pravda», órgão do partido Comunista da União Soviética, acrescentando à sua análise elementos concludentes do recrudescimento paralelo das lutas e da organização das massas trabalhadoras, que se reflectiu nomeadamente no crescente desenvolvimento dos movimentos grevísticos.

Entretanto, à real situação que se está a viver no mundo capitalista, tentam opor, dirigentes e ideólogos burgueses, argumentos pouco convincentes. Não há números nem factos positivos a referir. Mas isso não obsta a que a Ford, dos EUA, e Harold Wilson, da Grã-Bretanha, Helmut Schmidt, da RFA e Takeo Miki, do Japão, prevejam nas suas mensagens de ano novo optimistas perspectivas de recuperação económica (para quem?). Ford surge à cabeça do cínico tom de optimismo institucionalizado, declarando não prever «a materialização de quaisquer problemas graves em 1976». Na aurora de 76, o mundo capitalista lança uma nuvem de tons róseas para ofuscar o negrume das verdadeiras perspectivas.

prosperidade não bastam. Os propagandistas do mundo capitalista têm nítida consciência de que é difícil convencer alguém a considerar manjar delicioso um bocado de pão negro cada dia mais minguado. Há que caluniar a única de Iribarne. A promessa de uma amnistia, «mas sem fonte de certezas e esperanças, para os que estão fartos de promessas vazias de conteúdo. Há que convencer que se o sistema capitalista não é o paraíso, não há nada de melhor para além dele. Que a sociedade socialista se debate com prisões a todos os antifascistas, mas que sirva de paliativo, os mesmos problemas da sociedade capitalista. Que a alternativa não existe.

O senão está nos números e nos factos. Se o mundo capitalista nada tem de bom a apontar no seu saldo, o

mesmo não se pode dizer da sociedade socialista. O que de corresponder minimamente a um movimento que aliás não constitui entrave de maior para quem não está disposto a atentar em semelhantes escrúpulos. Entre a mentira e a ocultação da verdade, estende-se um vasto campo de manobra.

A ausência de greves e de inflacção, a estabilidade dos preços dos produtos e dos serviços, a constante elevação do nível de vida material e social da população, que caracterizam o desenvolvimento do campo socialista no último plano quinquenal - são factos cuidadosamente ocultados pelos órgãos de «informação» capitalistas. Entretanto, o simples recurso às estatísticas, serve para demonstrar, pelo menos de uma forma quantitativa, algu-

mas das realizações do socialismo dos anos de 71/75. Actualmente, os países membros do Conselho de Ajuda Mútua Económica (CAME) contam com 33 por cento da produção industrial mundial, mais de 20 por cento da produção de electricidade, 30 por cento dos adubos, 20 por cento da carne e 25 por cento do acúcar e das gorduras.

No ano passado, os nove países do CAME produziram 300 milhares de Kilowattes/hora, extraíram 475 milhões de toneladas de petróleo e fundiram 185 milhões de toneladas de aço. No período de 1971 a 1973, foram construidas 35 milhões de habitações.

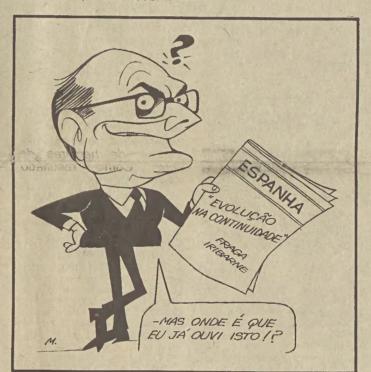
Para além do esforço constante para desenvolver as suas respectivas economias, os países do CAME dedicaram uma especial atenção à colaboração nos campos económico, científico e técnico com os países subdesenvolvidos, na base dos princ pios de igualdade, de benef cio mútuo, de respeito pela soberania, de não inger ncia nos problemas internos e de coexist ncia pac fica.

Este aux lio canalizado para os sectores de base da economia dos estados do Terceiro Mundo, é efectuado com 64 pa ses da Ásia, da África e da América Latina, onde estão em curso mais de 2 900 projectos.

Os pa ses membros do CAMÉ, criado há 26 anos, contam com cerca de 18,5 por cento do território mundial. 10 por cento da sua população, contribuem, no seu conjunto, com 25 por cento do produto nacional e dispõem de mais de um milhão de cientistas e de dois milhões e meio de engenheiros e técnicos altamente qualificados.

Os impressionantes resultados obtidos num curto espaço de tempo, testemunham da força obtida com a sua integração, e das vantagens do socilaismo em todos os

Vantagens que ao mundo capitalista não convém reconhecer, mas encobrir.



Em Espanha da estrutura fascista

«Teremos um país de classes médias, mas homogéneo Mas as perspectivas que se estão a abrir são mesmo com o Ocidente e com os países atlânticos desenvolvidos, com um grau razoável de liberdade individual e mais liberdade democrática, mais justiça social e mais educação» afirmou o ministro espanhol de Governação, Fraga Iribarne, ao diário «New York Times»-Penso que é possível fazer tudo isto sem destruir o que quer que seja».

E acrescentou significativamente: «Em Portugal quiseram aplicar todos os princípios e todas as reformas. Estragaram tudo e não conseguiram nada.»

Fraga Iribarne define assim, particularmente bem, uma política que se quer apresentar como nova, mas que não pode deixar de ter o velho sabor caetanista, bem conhecido

dos portugueses, da «evolução na continuidade» Em Espanha não se fala oficialmente de socialismo. Não é necessário nem possível tentar mistificar a realidade com tão avançados conceitos, caros aos povos de todo o mundo. Mas fala-se de liberdade, de democracia, de justiça social. O «Paraíso» apontado como meta não é particularmente dourado - resume-se às liberdades condicionadas, ao agravamento das dificuldades económicas, ao espectro permanente do desemprego, oferecidos por essa desenvolvida e industrializada Europa capitalista. Mas assume já formas aliciantes para um povo mergulhado no fascismo.

Mas nem a prática, nem os propósitos explícitos se coadunam com os modestos objectivos apontados. O passo entre a ditadura fascista e a democracia burguesa teria, de qualquer forma, que passar pela destruição das mais agudas formas repressivas. Isso seria um mínimo. Um mínimo que Iribarne tão pouco se propõe concretizar.

O ataque a Portugal é expressivo. E compreensível. Quem defende - mesmo que hipocritamente - uma democracia estilo francês ou alemão (RFA), não pode concordar com um processo que envolve amplas nacionalizações, reforma agrária, controle operário, multiplicação de formas de associação e decisão popular.

Iribarne, nesse ponto, é claro. Muito mais claro dos que no nosso país - por razões evidentes - se especializam em Mas as afirmações gratuitas de futuros de abundância e baralhar ideias e caminhos, e nos falam da via capitalista (ou social-democrata o que é o mesmo) como o caminho de eleição para,... o socialismo.

Uma única coisa de mais concreto ficou das promessas improvisar», sem ser «sob coação», nunca como «resposta

propaganda comunistas». Enfim, uma amnistiazinha, que não abra as portas das se possível. Uma amnistia que reflectirá, independentemente das palavras, a «coação» das massas populares, e

que irá tão longe, quando for forte a sua determinação. A promessa de Iribarne reflecte, desde já, a necessidade engloba grande número de espanhóis, e que se concretiza também numa solidária pressão internacional.

Alarga-se, por vastas regiões da Espanha, um movimento popular pró-amnistia. Em Bilbau, cerca de cinco mil pessoas manifestaram-se no centro da cidade, exigindo a amnistia para os presos políticos. A manifestação começara na igreja de Santo Antão, onde, 400 pessoas, na sua maioria antigos presos políticos e seus familiares, passaram a noite recolhendo assinaturas favoráveis a uma

Por outro lado, várias dezenas de familiares de presos políticos encerraram-se na catedral do Bom Pastor, em San Sebastian, apoiando o pedido de amnistia para presos

Vários concelhos de cidade aprovaram petições exigindo igualmente a amnistia. Petições apoiando os direitos humanos têm sido enviados ao governo por associações de moradores, órgãos de advogados e outros órgãos

Uma real amnistia seria um passo, ainda que pequeno, na destruição de um passado que se prolonga pelo presente. Um passo que Iribarne não deseja dar. Um passo por que o povo espanhol luta decididamente.

Um ano de derrotas dos EUA na ONU

1975 foi um ano recheado de derrotas para o imperialis mo, de esforços do mundo capitalista para pôr em causa a evolução global progressista do conjunto da situação

A ONU, e em particular as derrotas aí sofridas pela política de Washington, não poderiam deixar de reflectir essa vincada realidade.

O 30.º período de sessões da Assembleia Geral das Nações Unidos, que acaba de se concluir, foi marcado por uma sucessão de derrotas das posições assumidas pelos Estados Unidos. No decurso dos três meses que durou a Assembleia, foram aprovadas 179 resoluções referentes a 126 questões. Nas decisões com significação política, a delegação dos EUA encontrou-se geralmente em situação francamente minoritária, acompanhada por significativos parceiros, como Israel e a Nicarágua, entre outros.

Por mais de uma vez, os Estados Unidos recorreram ao direito de voto no Conselho de segurança, para impedir a adopção de medidas e resoluções contrários aos interesses do imperialismo. Nos casos da proposta de admissão da República Democrátia do Vietnam e da República do Vietnam do Sul, a delegação de Washington usou por duas vezes do seu direito de veto para impedir a entrada destes dois Estados, a despeito da recomendação favorável da Assembleia Geral.

Os Estados Unidos utilizara igualmente o seu direito de veto para impedir a condenação pelo Conselho de Segurança dos ataques aéreos de Israel contra o Libano, ataques qua causaram a morte de uma centena de pessoas, e provocaram centenas de feridos e importantes perdas materiais

A mais estrondosa derrota da política internacional da Casa Branca na ONU, deve centrar-se entretanto na solução da questão do Médio Oriente. Assim, apesar dos desesperados esforços dos Estados Unidos para o impedir, a Assembleia reafirmou o reconhecimento internacional da Organização de Libertação da Palestina como único e legítimo representante deste povo, expulso da sua pátria e objecto de planos de exterminação maciça da parte

A Assembleia determinou que os palestinianos devem ser convidados para todas as conferências internacionais organizadas pela ONU, que abordem o problema do Médio

A Assembleia decidiu, igualmente, constituir um comité especial destinado a concretizar a decisão aprovada sobre os direitos nacionais dos palestinianos.

Do conjunto de medidas e resoluções tomadas destaca-se um facto particularmente importante - a 12 de Janeiro próximo, foi decidido pelo Conselho de Segurança fazer uma sessão especial destinada a abordar a problemática do Médio-Oriente no seu conjunto, nomeadamente a questão palestiniana, sessão que se realizará com a participação da Organização de Libertação da Palestina

Para além disso, pela primeira vez, e a despeito da encarniçada oposição dos EUA, a OLP participou numa reunião do Conselho de Segurança em que foi discutida a agressão israelita contra o Líbano.

A resolução aprovada por larga maioria, em que o sionismo — fomentado e encorajado por Washington — é identificado como uma forma de discriminação racial, constituiu um golpe particularmente duro para a política do imperialismo americano. Golpe a que se somam muitos outros, desferidos nos mais variados campos, como o pronunciamento da Assembleia pela retirada das tropas norte-americanas da Coreia do Sul (que os estados Unidos têm até agora conseguido evitar através de diversas manobras, e o reconhecimento do direito à autodeterminação e à independência das Ilhas Samoa e das Ilhas Virgem, sob dominação norte-americana, e a condenação da instalação de bases militares nessas ilhas.

As resoluções aprovadas na ONU, pelo seu carácter não compulsivo, podem não ter muitas vezes os efeitos desejados. Frequentemente são possíveis toda a casta de manobras, que arrastam ou entravam durante largos períodos de tempo a sua aplicação.

São múltiplos os exemplos neste campo.

Mas a sua aprovação não é de forma alguma inóqua. Reflecte por um lado determinado equilíbrio mundial de forças. Os vetos da Casa Branca, a oposição dos países mais abertamente reaccionários, não têm alcançado o seu objectivo de impedir o acesso à Assembleia de todos os que, cada vez mais, inclinam de uma forma decisiva o conjunto das suas decisões num sentido progressista. Protelam, levantam escolhos. Nada mais.

A aprovação de medidas progressistas, para além de reflectir uma determinada realidade internacional, influencia essa realidade. Uma resolução sistematicamente violada, não pode deixar de acarretar um crescendo de dificuldades aos que não a cumprem.

Aqui, como em todos os outros domínios da política nacional e internacional, do confronto de classes aos seus diversos níveis trava-se uma batalha difícil. Uma batalha de forma alguma linear. Mas em que as forças do futuro vão conquistando progressivamente posições, cada vez mais sólidas, cada vez mais dificeis de contestar.

REUNIÃO DE CAMPONESES EM BEJA

Mais uma vez os trabalhadores agrícolas do distrito de Beja se reuniram para reafirmarem a sua disposição de defender a Reforma Agrária, uma das mais importantes conquistas alcançadas com o 25 de Abril

Se já no ano passado se conseguiu um aumento de 7 por cento na área semeada em relação ao ano de 1973/74, se o aumento na produção de trigo foi de mais de 23 por cento, torna-se impossível descrever o que poderá ser o aumento do ano em curso se as condições climatéricas forem idênticas - salienta um comunicado do Sindicato dos Trabalhadores Agricolas do Distrito de Beja intitulado «A Reforma Agrária está em

E prossegue o comunicado, que destaca os factos positivos ocorridos no Alentejo, depois que terminou a exploração dos grandes lati-

Há herdades em que a área semeada ultrapassa os 20 e os 30 por cento e sabemos já que, por exemplo, no concelho de Castro Verde, para além do aumento no trigo a quantidade de cevada distica semeada é superior em mais de um milhão de quilos.

Esclarecendo, mais adiante, quais as razões por que a Reforma Agrária está ameaçada o comunicado acrescenta:

Ouvimos o sub-secretário de Estado, eng.º Espada, dizer-nos no passado dia 29 de Dezembro que o Ministério entende por «ocupações selvagens» não as ocupações de terras dos pequenos agricultores, o que é evidente porque não há e se assim fosse seriamos nós os primeiros a reivindicar a sua imediata restituição, mas sim todas as ocupações levadas a cabo pelos trabalhadores sem que o sr. ministro tenha dito: ocupem-nas! Se assim for não merece a pena o sr. ministro fazer comissões de análise. É melhor dizer simplesmente: «a terra aos latifundiários»

PLENARIO EM BEJA

Entretanto, no passado dia 6, realizou-se na cidade de Beja, no pavilhão Estádio, um plenário organizado pelo Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas daquele distrito e que reuniu perto de três mil trabalhadores rurais.

No decorrer da reunião em que estiveram presentes as comissões de trabalhadores das herdades controladas, as comissões directivas das unidades produtivas já formadas, as comissões sindicais das freguesias e cerca de 14 delegações sindicais foram abordados os seguintes pontos: situação política actual e medidas a adoptar; dificuldades das herdades colectivizadas e organização sindical.

No plenário dos trabalhadores agricolas estiveram como convidados o representante do comandante da Região Militar do Sul, o governador civil de Beja e os co-mandantes da RAB, da BA-11 da GNR e da PSP e ainda membros da Liga dos Pequenos e Médios Agricultores, bem como da CRARA e representantes de alguns sindicatos de trabalhadores agrícolas, nomeadamente os de Évora, Portalegre, Setúbal e Santarém

Tanto o representante do brigadeiro Pezarat Correia como o go vernandor civil de Beja usaram da palavra, manifestando o seu apoio à Reforma Agrária e incentivando os trabalhadores agrícolas a continuarem na sua luta pela eman-

MOÇÕES **APROVADAS**

No decorrer dos trabalhos foram aprovadas várias moções por esmagadora maioria, sendo de salientar a que decide que se redobrem os esforços, por parte de todos os trabalhadores agrícolas, no sentido de ajudarem os pequenos e médios agricultores de uma forma efectiva e prática como seja: pôr a maquinaria das herdades ao



seu serviço, sempre que estes o solicitem; prestação gratuita de serviços como transportes para carregamento de azeitonas, adubos, sementes, etc.; ajuda no

escoamento de produtos. As medidas de austeridade do VI Governo Provisório foram um dos assuntos repudiados pelos trabalhadores que também manifestaram o seu protesto veemente pela risão dos militares detidos em 25 de Novembro bem como o repúdio pelos crimes praticados no dia 1 de Janeiro deste ano, em Custóias.

O plenário, onde estiveram presentes milhares de trabalhadores das mais variadas herdades colectivas e cooperativas constituiu mais uma afirmação de que o proletariado rural alentejano não está disposto a ser sacrificado novamente em beneficio dos grandes latifundiários e que lutará até ao fim pela sua independênca

BOICOTE

Mas prossegue o comunicado do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do Distrito de Beja:

Por que razão os produtos entreques nos organismos não são pagos a tempo e horas obrigando os trabalhadores e pequenos agricultores a recorrer ao crédito a 6,5 por cento quando não recebem qualquer juro pelo dinheiro dos produ-

Isto é um boicote nítido à economia das herdades e um roubo a todo o Povo Português, já que este sistema irá elevar o custo de producão em mais 6.5 por cento.

Mas não é apenas no não pagamento de produtos que o aumento dos 6.5 por cento se faz sentir, pois com a Previdência acontece o mesmo. Os operários agricolas pagam neste momento 30 por cento ao Governo para uma Previdência que não têm, pois para além de uma assistência médica quase inexistente as reformas e subsídios são insignificantes. Assim os operários agrícolas pagam 6,5 por cento sobre o salário, 17 por cento do fruto do seu trabalho e mais 6,5 por cento de juros do dinheiro que

levantam para responder às exigências da Caixa.

Tudo isto agravará irremediavelmente o custo de produção e é mais que evidente que será um pretexto para os senhores governantes afirmarem amanhã que a grande culpa é dos trabalhadores agricolas que tomaram conta das terras, mas não têm capacidade de administração e, desta forma, tentarão levantar o Povo Português contra o processo da Reforma

FALTA DE CREDITOS

E diz ainda o comunicado: A falta de créditos para investi-mentos é outra ameaça para o êxito da Reforma Agrária.

Com efeito, é-nos impossível transformar a atrasada agricultura dos grandes agrários numa agrinoderna, progressiva e ca paz de satisfazer as necessidades de consumo do Povo Português, se não nos forem concedidos os meios financeiros indispensáveis para essa transformação

Os nossos índices de produção, que são dos mais baixos do mundo, mostram bem a necessidade de transformar profundamente os métodos de cultura extensiva utilizada pelos grandes agrários.

Para estes a necessidade de investir na agricultura nunca se fez sentir, pois que, embora o rendimento por hectare fosse muito baixo, o número de hectares de que cada um deles dispunha e os salários de miséria que nos pagavam, permitia-lhes ter rendimentos fabulosos que, sistematicamente, retiravam para outros sectores, descapitalizando o sector agrícola. Apesar disso ainda se serviam abusivamente do crédito facilitado pelas instituições bancárias e disso são prova os milhões de contos em divida aos Bancos, à Caixa Geral de Depósitos e demais instituições enfim ao Povo Português. Milhões de contos que, também neste caso, não foram aplicados na agri-

FORGA DA UNIDADE

Na Cooperativa Agrícola Liberdade, como em muitas outras, os

operários da indústria dão as mãos aos trabalhadores do campo e

Nós não pretendemos prosseguir o caminho trilhado pelos grandes agrários, nós não pretende-mos c bem-estar individual com o sacrifício geral do Povo Português, nós queremos que se deixem de importar, todos os anos, milhões de contos em produtos agrícolas, nós queremos que os índices de produção aumentem e os custos da mesma diminuam por forma a dar ao Povo Português aquilo que necessita a preços justos e acabar definitivamente com a miséria e a fome de que temos sido vítimas.

Mas, o investimento na agricultura não representa apenas aumento de produção agrícola, re-presenta também o despertar de todos os sectores hoje em crise, nomeadamente construção civil, metalurgia e industrias de transfor-

mação ligadas ao sector agricola. Para aproveitar os pequenos regadios existentes e que se encontram votados ao abandono por falta de pequenas barragens, para construir os estábulos e pavilhões de engorda que permitam a produção intensiva de carne, nomeadamente porco e frango, para a construção de estufas que permitam intensificar a produção hortícula. etc., são necessários muitos materiais de construção civil e metalomecânica e o número de desempregados que a realização destas obras pode absorver é incal-

culável Já não nos referimos aos grandes investimentos que são imprescindiveis mas cuios efeitos só se farão sentir a longo prazo como é o caso da barragem do Algueva. Os investimento a que nos referimos, são aqueles que se podem comecar a realizar no imediato e cujos efeitos se farão sentir a muito

curto prazo Mas, tudo isto se toma impossível realizar sem os respectivos financiamentos, e não é apenas com os tostões contados para os baixos salários que estamos a receber, e com o crédito para aquisição de algumas máquinas, que nós trabalhadores dos campos podemos vencer as duras dificuldades que enfrentamos. No entanto, é preciso vencer, a Reforma Agrária não pode voltar para trás

O PEQUENO AGRICULTOR E A HERDADE COLECTIVA

Na vida de um trabalhador alentejano há sempre uma história por contar. Pouco importa se fala da infância ou da velhice; tem certamente um sabor a terra e traduz sem qualquer dúvida confiança no

Como a história do Tio Santa Luzia, contada com a simplicidade comovente de um camarada de labuta.

António Santa Luzia, pequeno rendeiro, dono de um curralito de meio hectare, era também proprietário de um macho, uma vaca, um bezerro e quarenta sacos de cevada. Com cerca de sessenta anos de idade, quase cinquenta debaixo de trabalho e de fascismo esta a sua vida pequenina.

Os 48 anos de ditadura passaram na freguesia de Pias – prisão no corpo dos trabalhadores, dias de fome na casa dos camponeses enquanto nas despensas das casas dos lavradores, muitas vezes, deixavam apodrecer carne e outros alimentos, no tempo da Segunda Guerra Mundial. Anos de grande fome esses, em que os rurais não ouviram o troar dos canhões, mas escutavam o choro miudinho das crianças desprotegidas pelas jornas de miséria dos seus pais. Tudo isto viveu Tio Santa Luzia e sua companheira, misturando a sua esperança na mesma açorda pobre da mesa dos

O 25 de Abril apanhou-o já velho e desconfiado. A Reforma Agrária surgiu-lhe como uma lebre nova à frente de um galgo e fora do alcance da sua espingarda. E a corrida durou semanas, durou meses. Tudo lhe parecia confuso: manifestações de trabalhadores a caminho de Beja, Chico Miguel no comício com Ávaro Cunhal em Baleizão e assembleias populares em Pias, Vale Vargo e Serpa. «È agora que vão roubar as terras aos pequenos agricultores!» - ouviu algumas vezes. Vozes de políticos de que nunca ouvira falar insistiram aos ouvidos do velho camponês, mesmo na altura em que se formou a Cooperativa 1.º de Maio, na sua freguesia. Cooperativa de pequenos agricultores, em que os trabalhadores das terras expropriadas cederam mais de 300 hectares para o conjunto de cerca de 1100 hectares.

Tio Santa Luzia naturalmente pensou muito no que ouviu e viu nos últimos meses. Decidiu. Entregou os seus haveres à herdade colectiva dos Alpendres. E tornou-se assim trabalhador rural da Reforma

E, hoje, quando se fala no problema dos pequenos agricultores em Pias, o velho camponês saberá responder de que lado está a força do seu sindicato, como funciona a comissão de trabalhadores da herdade e o que é a comissão directiva das herdades da freguesia de Pias. Ele poderá mostrar a herdade dos Alpendres, com cerca de 900 ha, semeada pelas pontas, com seis mil quilos de trigo e outra tanta quantidade de cevada e mais outra tanta de aveia, com excepção da cerca do gado bravo.

Com pequenos e médios agricultores, com trabalhadores rurais e com todos os trabalhadores que lutam na defesa das suas conquistas revolucionárias, a Reforma Agrária vai para afrente. Dizem-no os trabalhadores, dizem-no os números e a terra cultivada. Só não o dizem os seus inimigos e aqueles que, por uma ou outra razão, neguem que com a Reforma Agrária os trabalhadores agrícolas e os pequenos e médios agricultores estão contribuindo decisivamente para os intresses do nosso povo.

O «SECRETARIADO DE RIO MAIOR» COUBE EM SANTIAGO DO CACÉM

Em Santiago do Cacém a manifestação de pequenos e médios agricultores, convocada pela reacção, tornou-se uma grande jornada popular de afirmação da aliança operário-camponesa e de defesa da Reforma Agrária

seareiros e trabalhadores agrícolas das cooperativas dos concelhos de Setúbal, Alcácer do Sal, Grândola, Santiago do Cacém, Sines e Ferreira do Alentejo en-

contravam-se presentes. E no entanto os agrários e o respectivo «Secretariado de Rio Maior» encontravam-se inquietos. Algo lhes saíra errado nas contas. Mas o quê? A «reunião de agricultores» convocada pelo «Secretariado de Rio Maior», para o raiar do ano novo, fora amplamente divulgado em concelhos, aldeias e lugares próximos de Santiago do Cacém. Paralelamente, e não por mera coincidência, o CDS e o MDLP deram uma mãozinha, distribuindo profusamente comunicados em que se não poupavam calúnias aos operários agrícolas. E apesar de toda esta mobilização, mal grado a presença de 10 000 pessoas na reunião convocada pelo «Secretariado do Rio Maior», os seus elementos e os aliados locais, grandes e conhecidos agrários, ficavam tanto mais hesitantes quanto mais o tempo passava e a multidão pacientemente ia aguardando a prometida «reunião de agricultores» em que iriam ouvir

falar dos «seus interesses». É que acontecera algo inesperado para a reacção, em vésperas da sua «reunião de agricultores». No dia 31 de Dezembro, representantes das Unidades Colectivas de Produção do Distrito de Setúbal, do concelho de Ferreira do Alentejo, também convocado para a «reunião de agricultores» e representantes dos sindicatos dos trabalhadores agrícolas dos distritos alentejanos reunem-se e publicam, em conjunto, um comunicado, desmascarando os intentos provocatórios da guarda-avançada reacção nos campos que se

denomina «Secretariado de Rio Maior», e decidem mobilizar todas as Unidades Colectivas de Produção dos concelhos convocados para a dita «reunião de agricul-

«Finalidade da mobilização dos trabalhadores -

No dia 3 de Janeiro, o diz-nos a Comissão Repre-Largo da Casa do Povo de sentativa das U.C.P. do Di-Santiago do Cacém excedia strito de Setúbal e a Liga os mais optimistas prognós- dos Pequenos e Médios ticos do «Secretariado de Agricultores - única e exclu-10 000 pequenos e médios reunião porque rambém eles são agricultores, e desmascarar as posições incorrectas, desonestas e caluniadoras.» Este o factor que fazia

titubear o «Secretariado de

Rio Maior» e os seus aliados. Interessada em separar os agricultores dos trabalhadores das Unidades Colectivas de Produção, incapaz de distinguir uns de outros, apenas vendo à sua frente uma massa homogénea de rostos fustigados pelo trabalho e pelas dificuldades, nem por isso a reacção iludida, deixou de embarcar no cálculo de que operários e camponeses são camadas antagónicas em terras do Alenteio. E de erro em erro. o «Secretariado de Rio Maior» avaliou desastrosamente - para si - as forças militares e militarizadas do Alentejo. Transplantando «intervirem», se recusaram a dispersar os trabalhadores porque estes se encontravam, afinal, esperando calmamente a «reunião» onde iriam ouvir falar dos interesses dos agricultores.

tativa dos presentes o «Se- dos Trabalhadores Agricocretariado de Rio Maior» e las usaram da palavra, deos grandes agrários locais nunciando os grandes agráentenderam que aquela não rios e suas manobras. Os Rio Maior». Cerca de sivamente assistir à dita era a multidão que lhes in- trabalhadores das Unidateressava. Os pequenos e des Colectivas de Produção médios agricultores esta- pediram aos pequenos e vam lá. Mas estavam lado a lado com os trabalhadores das Unidades Colectivas de Produção.

Daí que o «Secretariado de Rio Maior» tenha resolvido abandonar o largo e procurar outro local na esperança vã de aí efectuar a «reunião de agricultores». Só que os agricultores mantiveram-se junto à Casa do Povo e o «Secretariado de Rio Maior» desistiu dos seus intentos, tendo os grandes agrários locais regressado frustadamente, a suas casas. O «Secretariado de Rio Maior» não coube, de facto, em terras do Alentejo.

Mas chegou-se a efectuar uma reunião de agricultores. Esta, sim, representativa dos seus interesses. Representantes dos pequenos e médios agricultores, das Unidades Colectivas de dades, esperou apoios que se não verificaram. Daí a sua amarga decepção quando os militares do RIS e elementos da GNR, chamados pelos agrários para

Apesar de toda a expec- Produção e do Sindicato médios agricultores que se sentissem lesados nos seus interesses que apresentassem o seu caso. Os traba-Ihadores estão dispostos, sinceramente, a corrigir situações de injustiças se as houver.

Nenhum caso foi apresentado e a reunião terminou com a aprovação de uma moção a enviar ao Ministro da Agricultura, cujo teor é o seguinte:

«Camponeses, nos e médios agricultores e membros das cooperativas agrícolas de produção, reunidos junto da Casa do Povo de Santiago do Cacém aprovaram enviar a V.ª Ex.ª a seguinte moção:

A Reforma Agrária é uma conquista da revolução portuguesa, dos camponeses, das forças progressistas e do MFA, ela tem sido levada a efeito de acordo com a lei e pelos organismos competentes (CRRA) formados pelo Estado.

A reacção procura pôr em causa a Reforma Agrária, tentando que os latifundiários e parasitas voltem à posse dos anteriores privilégios. Não permitiremos que isso aconteça.

Solicitamos a V. Ex.ª a garantia da lei na aplicação da Reforma Agrária e do seu desenvolvimento, pon-

do fim às provocações da reacção. Operários e camponeses

unidos vencerão! foi um grito que exprime a certeza a extrair dos acontecimentos do passado dia 3 de Janeiro em Santiago do Cacém. Onde os operários agrícolas e os camponeses fazem um único corpo farto das amarras da exploração, somam uma única vontade de paz, trabalho e pão, as forças contra-revolucionárias são batidas e com estas derrotas fortalece-se o processo revolucionário Tornar de norte a sul do país, os operários e camponeses um mesmo corpo uma mesma vontade, empenhados no avanço da Reforma Agrária, conquista essencial da Revolução, é defender a própria Revolução, é caminhar para o futuro com passos seguros da vitória final.

AJUDAR O ALENTEJO NA APANHA DA AZEITONA

No último plenário dos trabalhadores agrícolas do distrito de Beja foi decidido por unanimidade que o próximo domingo será um dia normal de trabalho nos concelhos de Moura e Serpa, precisamente para serem satisfeitas as necessidades que se fazem sentir, nomeadamente no que diz respeito à apanha da azeitona, que este ano representa uma grande safra

Assim, os trabalhadores agrícolas decidiram sacrificar o seu dia de descanso para apressarem a apanha da azeitona, contrariando as informações tendenciosas que têm sido dadas na televisão, por elementos do Governo Provisório, de que este ano o azeite subiria a preços astronómicos. Chegou-se mesmo a falar em duzentos e trezentos escudos.

Os trabalhadores agrícolas alentejanos, que nunca temeram o trabalho, aceitam de bom grado toda a colaboração dos trabalhadores da cidade que queiram participar também na apanha da azeitona ajudando assim a suprir a falta de mão-de-obra que hoje, pela primeira vez, se faz sentir no Alentejo.

Quem estiver interessado em participar, no próximo domingo, numa jornada de apanha de azeitona no Alentejo deve contactar o Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do Distrito de Beja no Largo do Castelo - Telefones 24299 ou 23823 - para saber quais as herdades colectivas para onde se dirigir Entretanto, no passado fim-de-semana realizou-se mais uma

jornada de trabalho sob a iniciativa da Comissão de Freguesia do PCP de Moscavide. Cerca de 120 pessoas deslocaram-se à Cooperativa de Sobral d'Adiça, onde trabalhadores da cidade confraternizaram com os heróicos camponeses do Alentejo, trabalhando com eles na apanha da azeitona Ao serão, um grupo de jovens da UEC de Moscavide

representou duas pequenas peças de teatro. E a jornada de trabalho e de convívio terminou com uma pequena intervenção de uma dirigente do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Beja, que exaltou os laços de amizade entre os trabalhadores da cidade e do campo, e sublinhou a necessidade

de mais iniciativas deste género

lá quem vier... - palavras da azeitona.

de um trabalhador da Coode, expressão simples mas elucidativa da firme disposição dos trabalhadores rurais alentejanos de defenderem com o seu sangue, se necessário, as conquistas já alcançadas na Reforma Agrária.

Anima-os a certeza da razão que lhes assiste; as duras provações sofridas ao longo de muitos anos de miséria e fome e, sobretudo, a certeza de que não estão sozinhos. Como o tecamaradas da Cova da Piecos iniciadores, sem temor de dos pobres.

Cá a gente só arreda ao frio e ao cansaço, aprodaqui se matarem a veitaram os dias de descangente de rojo, doutra ma- à Cooperativa Agrícola Lineira não saímos, venha berdade ajudar na apanha

constroem juntos a reforma agrária

Mais importante que o perativa Agricola Liberda- trabalho em si, ainda que as não pôde. ajudas venham sempre a calhar, é o estreitar dos laços de amizade entre trabalhadores da cidade e do campo, entre operários e camponeses; é a troca de experiências vividas; é um rasgar de horizontes em busca do futuro comum que trará a marca das mãos proletárias que o con-

A compreensão dos problemas que afectam os trabalhadores ggricolas e as stemunharam dezenas de soluções encontradas para os resolverem ajudam dade que, empenhados em também a entender o que é apoiar activamente a Refor- na realidade a dedicação ma Agrária e os seus herói- sem limites e a solidarieda-

struiram.

Como o exemplifica a história da Cooperativa Libergente... ou levarem a so do fim de ano e foram até dade, criada com imensas dificuldades, sem um pó de nada, que o antigo dono que a tinha abandonada só não lhe tirou mais porque

Situada em S. Cristóvão, Alcácer do Sal, já a confinar com o conselho de Montemor, a Cooperativa Agrícola Liberdade é composta por mais de 1600 hectares de terra, incluíndo olival, laranjal, barragem própria e terras destinadas ao cultivo de trigo. Aquando da ocupação pelos trabalhadores - apoiada pelo IRA - o primeiro objectivo foi salvar o laranjal, onde mais de 900 árvores de fruto se encontravam

a morrer por falta de rega. Depois surgiram os problemas, ao pretender-se trabalhar a terra e não dispor de uma única alfaia agrí

cola, pois que o ex-proprietário só lá deixou um tractor velho, possivelmente por não ter tempo de o levar também. Valeu-lhes a solidariedade dos trabalhadores de outras herdades colectivas que, na altura de fazer as sementeiras, lhes emprestaram as máquinas necessárias. O Centro de Apoio à Reforma Agrária também lhes concedeu um empréstimo de 100 contos para as primeiras despesas, estando agora finalmente a receberem ajuda do Crédito à Agricultura.

Unidos, bem unidos tanto na adversidade como nos melhores momentos, os trabalhadores rurais alentejanos avançam na construção do futuro. A seu lado, a classe operária e todos os que verdadeiramente lutam por uma sociedade sem